

**CARLA FERNANDA DA SILVA**

**GRAFIAS DA LUZ:**

A Narrativa Visual sobre a cidade na  
*Revista Blumenau em Cadernos*

FLORIANÓPOLIS  
2008

**CARLA FERNANDA DA SILVA**

**GRAFIAS DA LUZ:**

A Narrativa Visual sobre a cidade na

*Revista Blumenau em Cadernos*

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre do Programa de  
Pós-graduação em História do Centro de Ciências  
Humanas da Universidade Federal de Santa  
Catarina.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Ana Lise Brancher

FLORIANÓPOLIS  
2008

## **BANCA EXAMINADORA**

Carla Fernanda da Silva

## **GRAFIAS DA LUZ:**

A Narrativa Visual sobre a cidade na  
*Revista Blumenau em Cadernos*

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de concentração em História Cultural, pela Comissão Examinadora formada pelos seguintes professores:

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lize Brancher (UFSC)

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Bernardete Ramos (UFSC)

Prof<sup>o</sup> Dr. José Roberto Severino (FURB)

Prof<sup>o</sup> Dr. Marcos Montysuma - Suplente (UFSC)

Florianópolis, 07 de agosto de 2008.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Ana Lize Brancher, que acompanhou de forma rigorosa o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores Maria Bernardete Ramos, Henrique Espada, Arthur César Isaiah, Cristina Scheibe Wolf, Roselane, Alicia Castells e Maria de Fátima Piazza, cujas aulas muito contribuíram para a fundamentação desta pesquisa.

Agradeço a equipe de trabalho do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, que auxiliou na pesquisa, em especial a prof<sup>a</sup>. Sueli Petry, por nossos diálogos sobre a pesquisa.

Aos amigos, que estiveram ao meu lado compartilhando idéias, angústias, dúvidas e certezas Cristina Ferreira, Roberto Caresia, Patrícia Schmidt,

Ao carinho e confiança de meus pais, Eliana e Carlos, grandes incentivadores desta minha caminhada.

E a Sally R. Satler, com quem compartilhei este sonho e tantos outros, companhia constante em meio a solidão da pesquisa e da escrita. Agradeço por sua compreensão e sua certeza constante.



## RESUMO

O foco desta dissertação é a narrativa visual sobre a cidade de Blumenau por meio da *Revista Blumenau em Cadernos*, periódico dedicado à história de Santa Catarina, em especial a história local. No decorrer da pesquisa, relacionou-se a revista com o seu fundador, José Ferreira da Silva, um intelectual com considerável produção sobre a história de Blumenau enquanto escritor e jornalista, para então estabelecer a trajetória da revista, assim como sua linha editorial. A narrativa visual presente na *Revista Blumenau em Cadernos* evidencia a presença de alguns personagens constantes nas suas edições, em que são reproduzidas fotografias do final do século XIX e início do século XX. Nelas figuram os primeiros colonizadores e os indígenas, formando uma narrativa sobre a colonização de Blumenau, constituindo o mito fundador local. Faz-se uma leitura da narrativa fotográfica sobre a cidade de Blumenau do século XIX aos anos 50, quando se comemorou o centenário da cidade. Esta narrativa iniciou-se com três imagens fotográficas da Colônia Blumenau, e continuou a partir de duas séries de cartões postais: uma de 1900, com 45 postais, e outra da década de 30, com 25 postais. Estas imagens dos postais, criadas inicialmente para divulgar a cidade, também evidenciam uma narrativa do progresso em que o presente é compreendido como resultado do passado. Estas imagens perpetuam os espaços de memória da cidade ao serem selecionadas para ilustrar os textos veiculados na *Revista Blumenau em Cadernos*, nesta narrativa temos a repetição do mito fundador da cidade.

Palavras-chave: Fotografia – Blumenau – Cidade – José Ferreira da Silva – Mito Fundador

## ABSTRACT

The focus in this paper is the visual narrative about Blumenau city through the magazine *Blumenau em Cadernos*, which is dedicated to the history of Santa Catarina, mainly to the local history. Throughout the research, the magazine was related to its founder, José Ferreira da Silva, an intellectual with considerable production about Blumenau history while writer and journalist, to so establish the magazine trajectory, as well as its editorial line. The visual narrative present in the magazine *Blumenau em Cadernos* evidences the presence of some constant characters in its editions, in which are reproduced photographs taken between the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth century. In them are the first settlers and the Indians, forming a narrative about the colonization of Blumenau, constituting the local founder myth. It is made a reading on the photographic narrative about Blumenau from the nineteenth century, the fifties, when it was commemorated the city centennial. This narrative began with three photographic images of Blumenau Settlement and continued with two series of postcards: one from 1900 with 45 cards, and another from the twenties, with 25 cards. These images from the postcards, created initially to spread the city, also evidence a narrative of the progress in which the present moment is understood as a result from the past. These images perpetuate the city memory spaces as they were selected to illustrate the texts published in the magazine *Blumenau em Cadernos*, in this narrative there is the repetition of the city founder myth.

Keywords: Photography – Blumenau – City – José Ferreira da Silva – Founder Myth.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>CAPÍTULO I</b> <i>A Revista Blumenau em Cadernos</i>	17
1.1 José Ferreira da Silva trajetória intelectual e política	17
1.2 A criação da <i>Revista Blumenau em Cadernos</i>	36
<b>CAPÍTULO II</b> A Cidade e seus Personagens	50
2.1 Usos da Fotografia	50
2.2 Retratos e a construção do Mito Fundador	54
<b>CAPÍTULO III</b> A Cidade na <i>Revista Blumenau em Cadernos</i>	78
3.1 A Representação da Cidade	78
3.2 A Representação de Blumenau no início do Século XX: o desejo de cidade	86
3.3 Caminhos para o progresso	92
3.4 Os Postais de Arthur Koehler	97
3.5 Os Hospitais: símbolos da modernidade	102
3.6 Esquecimento e Silêncio	107
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	112
<b>FONTES</b>	115
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	120

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cartaz contra candidatura de Ferreira da Silva 1	35
Figura 2 – Cartaz contra candidatura de Ferreira da Silva 2	35
Figura 3 – Patrocinadores da <i>Revista Blumenau em Cadernos</i>	42
Figura 4 - Primeiros Imigrantes Blumenauenses – 1867	62
Figura 5 – Damas da Sociedade Blumenauense – 1867	63
Figura 6 - Dr. Hermann Blumenau	65
Figura 7 – Dr. Hermann Blumenau - idoso	66
Figura 8 - Fritz Muller	67
Figura 9 – Estátua de Fritz Muller	70
Figura 10 - Xokleng	71
Figura 11 - Xokleng - Estúdio	72
Figura 12 - Martinho Bugreiro e suas vítimas	73
Figura 13 - Eduardo Hoerhan e índios pacificados	74
Figura 14 - Desenho de J. Brueggmann de 1864	80
Figura 15 – Desenho de J. Brueggmann	82
Figura 16 – Capa da <i>Revista Blumenau em Cadernos</i>	83
Figura 17 – Vista da Colônia em 1868 - fotografia	84
Figura 18 - Avenida Dr. Blumenau – Ruas das Palmeiras (Stadtplatz)	89
Figura 19 - Blumenau início do século XX	90

Figura 20: Rua XV de Novembro Eugen Currilin	91
Figura 21 – Vapor Progresso	93
Figura 22 – Antigo Porto de Blumenau	94
Figura 23 – Porto de Blumenau	95
Figura 24 – Embarque e Desembarque	96
Figura 25 – Rua XV de Novembro	97
Figura 26 – Rua XV de Novembro final da década de 30	98
Figura 27 – Rua XV de Novembro	99
Figura 28 - Estação de Blumenau	100
Figura 29 – Chefe da Estação ente os trens de carga EFSC	101
Figura 30 – Capa da <i>Revista Blumenau em Cadernos</i>	102
Figura 31 - Hospital Santa Catarina	103
Figura 32 - Interior Hospital Santa Catarina	104
Figura 33 - Um grande Hospital na década de 30	105
Figura 34 – Interior do centro cirúrgico do Hospital Santa Isabel – anos 20	106
Figura 35 – Moradores da Favela Farroupilha	109
Figura 36 – Favela Farroupilha, às margens do Rio Itajaí-Açu, próxima à Ponte da EFSC	110
Figura 37 – Ponte da Estrada de Ferro, a Favela desaparece	111

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo principal analisar a narrativa visual sobre a cidade na *Revista Blumenau em Cadernos*. O intuito foi investigar os meios que algumas fotografias, constantemente repetidas nas edições da revista, serviram como suportes para a formação da memória social sobre a cidade de Blumenau, assim como qual o significado destas representações.

Pensando a fotografia como fundamental na imagem/conceito que as pessoas têm de sua cidade, principalmente quando vinculada a uma publicação que tem importante papel na memória da cidade, assim optou-se em estudar a *Revista Blumenau em Cadernos*, visto ser uma publicação de memória e história. A revista torna-se um lugar de memória em visualização da fotografia possibilita o momento em que as pessoas vêem sua cidade, reflitam sobre ela, fixam seus espaços de memória. Portanto, mais do que vivenciar a cidade, crê-se que as imagens produzidas desta é que irão criar a imagem/conceito do local, seus espaços de memória.

Como fonte de pesquisa, além das edições da *Revista Blumenau em Cadernos*, ao longo destes cinquenta anos de sua publicação, foram explorados os originais fotográficos a fim de determinar a autoria destas imagens, assim como compreender o processo de seleção e exclusão de fotografias, visto as pastas do acervo fotográfico do Arquivo Histórico 'José Ferreira da Silva' serem organizadas a partir da temática e ordem cronológica.

Para compreender as motivações de José Ferreira da Silva ao criar a *Revista Blumenau em Cadernos*, e entender a perspectiva historiográfica deste

fez-se necessário reconstituir sua trajetória intelectual. Assim o Fundo José Ferreira da Silva presente no Arquivo Histórico 'José Ferreira da Silva' em Blumenau foi objeto de pesquisa. Sendo este constituído pelos originais do autor, correspondências, cadernetas de pesquisa, além de discursos e palestras proferidos. Também constituíram fontes os jornais *A Cidade* e o *Correio de Blumenau*, os *Calendários Blumenauenses* de 1934 e 1935 e seus livros sobre a história de Blumenau, buscando a compreensão do autor sobre a escrita da história e seus objetivos ao editar uma revista histórica.

José Ferreira da Silva se dedica a escrita em meios às transições e embates políticos dos anos trinta, no qual o pangernamismo local, o integralismo e a política autoritária e nacionalizadora do governo Vargas disputam os espaços de poder. O autor empresta seus serviços de escritor aos grupos políticos em diversos momentos, oscilando entre estas correntes, apresentando uma carreira política bastante dúbia. Primeiramente, edita jornais ligados a política nacionalizadora de Vargas e, depois, ao integralismo. Neste mesmo período inicia sua escrita historiográfica, em que escreve biografias dos pioneiros da colonização alemã em Blumenau exaltando estes sujeitos históricos, fato que agrada a comunidade teuto-brasileira.

A instabilidade da política das oligarquias no fim da década de vinte causa uma série de cisões políticas que ocasiona na formação de partidos oposicionistas, como também a AIB – Aliança Integralista Brasileira – partido nacional de direita com manifesta tendência fascista. Intelectuais compreendiam o Estado integral como uma possibilidade de transformar a realidade sócio-econômica do Brasil do final da década de vinte, considerada caótica por este grupo, e constituir um novo país.

O interesse dos movimentos políticos do período faz com que diversos intelectuais sejam cooptados a participar dos círculos partidários, sendo a figura do intelectual pensada nesta dissertação, a partir das restrições do período histórico, assim compreendido como um “produtor de bens simbólicos, especialista no processo de criação e transmissão cultural, e que desperta a atenção dos envolvidos nos ‘círculos de poder político’.”<sup>1</sup> A participação de intelectuais nos movimentos políticos é considerável, muitos destes poetas,

---

<sup>1</sup> GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 39. (Grifo da Autora)

romancistas, historiadores, funcionários públicos, assessores jurídicos, entre outros, com pequena produção nas cidades em que residiam. Para estes escritores, o jornal torna-se sua principal atividade e um meio de ganhar notoriedade junto à sociedade, para então publicar livros o que reforçava sua imagem de intelectual da cidade. Quando editores de semanários a venda de publicidade lhes garantia uma boa renda, o que fazia do jornal um meio de sobrevivência e o seu emprego assalariado, muitas vezes como funcionário público, uma atividade secundária.

Segundo Miceli: “No início do século XX, o jornalismo tornara-se um ofício compatível com a função de escritor.”<sup>2</sup> Assim, começam a figurar escritores assalariados, que executam pequenas atividades intelectuais, como a escrita de discursos políticos, artigos para a imprensa, elaboração de propagandas comerciais. Diferente do intelectual do fim do século XIX, em que o jornalismo era uma atividade secundária para os escritores, um meio de garantir uma renda extra e, considerada uma atividade menor.

Os jornais constituíam um importante meio de divulgação das idéias políticas, fazendo com que as diversas tendências disputassem os espaços de imprensa, assim “escritores engajados nessas tarefas viam-se obrigados a identificar-se com os interesses políticos do jornal para o qual trabalhavam; o êxito que alcançavam por meio de sua pena poderia lhes trazer salários melhores, sinecuras burocráticas e favores diversos.”<sup>3</sup> Ou mesmo, já estavam engajados em um grupo político e usavam a imprensa para divulgar seus ideais.

Para os grupos políticos o domínio da imprensa escrita se faz necessário, visto que “o controle da significação e a imposição do sentido são sempre uma questão fundamental das lutas políticas ou sociais e um instrumento maior da dominação simbólica.”<sup>4</sup> Assim, a cooptação de intelectuais é fundamental para a manutenção do discurso político na imprensa. Quando Vargas assume o poder, muitos destes intelectuais vão ocupar cargos públicos nos governos municipais, estaduais e federal, de modo a dar legitimidade intelectual ao

---

<sup>2</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. pp 54.

<sup>3</sup> Idem, pp 55.

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. pp. 252.



governo, pois se considerava que os políticos não tinham preparo intelectual para o governo.

No início da década de trinta Ferreira da Silva edita os jornais *A Cidade e Correio de Blumenau*, ambos de orientação nacionalista, que apresentavam-se como uma opção de imprensa em língua portuguesa em Blumenau. No mesmo período escreve biografias dos colonizadores de Blumenau, designados como heróis fundadores da colônia. Ao escrever a história local, atribuindo a estes pioneiros alemães o mérito do progresso vivenciado no presente, o autor encontra seu espaço junto à comunidade teuto-brasileira e conquista respaldo como intelectual local.

Na escrita desta história de Blumenau, o autor ressaltará o papel dos pioneiros da colonização, como homens que sacrificaram sua vida na Europa para construir um mundo civilizado em meio a selva brasileira, dando-lhes um caráter altruísta. Analisar o discurso histórico produzido pelo autor se faz necessário para compreender “a construção de identidades sociais resultante da relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma.”<sup>5</sup>

Para a constante reafirmação desta identidade se faz necessário a concepção de novas práticas, novos acontecimentos, em que se dará a repetição do discurso pronunciado anteriormente. A concepção de uma verdade histórica “apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas (...). Mas ela é também reconduzida pelo modo como o saber é aplicado a uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.”<sup>6</sup> Assim, a criação da *Revista Blumenau em Cadernos*, constitui-se para o autor e para a sociedade uma nova forma de repetição do discurso histórico concebido por este na década de trinta.

Além de novo suporte para história de Blumenau, também foi uma forma de sustento para Ferreira da Silva, como os jornais nos anos trinta, primeiramente pelo apoio financeiro, obtido junto aos empresários e

---

<sup>5</sup> Idem, pp 73.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. SP: Ed. Loyola, 1996. pp 17.

comerciantes da cidade, posteriormente por lhe garantir o emprego público de Diretor da Biblioteca Pública de Blumenau.

Ferreira da Silva, quando funda a *Revista Blumenau em Cadernos* em 1957, procura sair do seu isolamento como escritor em Blumenau e busca interação com outros historiadores em Santa Catarina de modo a se inserir neste grupo e ser reconhecido. Para esta dissertação compreende-se o historiador como Ângela de Castro Gomes: “São historiadores, em tese, todos aqueles que produziram na área de ‘estudos históricos’, havendo um esforço de distinção tanto da filosofia e da literatura *lato sensu*, quanto do que se chama de ‘estudos políticos-sociais’.”<sup>7</sup>

Entre os anos de 1957 e 1973 em que Ferreira da Silva foi editor da *Revista Blumenau em Cadernos*, observa-se a presença de diversos historiadores de Santa Catarina, como Oswaldo Rodrigues Cabral, Carlos Ficker, Lucas Boiteux, Edson D’Ávila, Walter Piazza, entre outros. Esta geração catarinense de escritores, não pensada como um grupo homogêneo, mas geração compreendida como aquela que “evoca sempre um ‘tempo’, que remete à memória comum de um grupo e à história que lhe é contemporânea. (...) Falar de geração nessa perspectiva é falar de relações entre pessoas de um mesmo grupo e é falar também de relações entre gerações.”<sup>8</sup> Em relação a este grupo de historiadores é preciso ressaltar que “viveram a ilusão de uma neutralidade científica. Aquietaram-se diante da deficiência documental dos arquivos e calaram-se submissos à unilateralidade dos documentos ali encontrados.”<sup>9</sup> Não compreendendo a parcialidade dos documentos históricos, buscando nestes provas da constituição de uma verdade histórica.

Ferreira da Silva é percebido pela sociedade como um ‘homem de letras’, que inicia sua carreira em jornais e depois se dedica à escrita da história da cidade, em sua compreensão, suas atividades como escritor o caracterizava como um intelectual. Porém, longe de contestar as normas da sociedade, estava ali para escrever a história pela interpretação dos vencedores. Longe de fazer uma história a contrapelo, Ferreira cobria o que considerava as imperfeições da história e dos heróis eleitos por ele.

---

<sup>7</sup> GOMES, 1996. *Op. Cit.* pp 37.

<sup>8</sup> Idem, pp 40-41

<sup>9</sup> GOMES, Valter Manoel. *Conhecimento histórico e historiografia*. Florianópolis: Papa-Livro, 2001. pp. 116.

No primeiro capítulo, pretendeu-se pensar a *Revista Blumenau em Cadernos* como um dos meios responsáveis pela divulgação da memória da cidade de Blumenau, objeto interessante em razão de sua periodicidade bimestral, e pelo fato de ser publicada há cinquenta anos. No decorrer da pesquisa, percebeu-se a necessidade de relacionar a revista com o seu fundador, José Ferreira da Silva, devido a sua considerável produção sobre a história de Blumenau enquanto escritor e jornalista. Os textos de Ferreira da Silva atualmente ainda são republicados pela *Revista Blumenau em Cadernos*, marcando parte da linha editorial deste periódico, mesclada com pesquisas historiográficas vinculadas a Universidades.

No segundo capítulo fez-se uma breve relação entre a história e a fotografia, mediante uma abordagem teórica. Ao relacionar fotografia e história, é preciso perceber que há duas formas de estudar e utilizá-la na história. Uma delas é a História da Fotografia, em que os historiadores que se dedicaram ao seu estudo procuram narrar e analisar o uso e formas da fotografia, desde a sua invenção. A outra, seria a utilização da fotografia como fonte histórica, em que se utilizam as fotos de particulares, museus, arquivos, etc., como documento que revela informações do passado, sendo uma fonte para o historiador, a fim de comprovar sua pesquisa ou tema desta, em que o historiador delineia a sua pesquisa.

Também, evidencia a presença de alguns personagens constantes nos periódicos, fazendo uma análise de seus retratos. Estas fotografias são do final do século XIX e início do século XX e nelas figuram Hermann Blumenau, Dr. Fritz Muller, os primeiros colonizadores e os indígenas, formando uma narrativa sobre a colonização de Blumenau. São os poucos retratos nominados presentes na Revista, sendo os demais anônimos. Naquele momento a fotografia apresenta-se como um *souvenir*, que serviu ao viajante/antropólogo e aos colonizados para fazer valer seus relatos, ou seja, dar testemunho de verdade. A fotografia participava da ótica estereotipada de teorias raciais, destacando-se o grotesco, o estado selvagem, como um fato ultrapassado, marcando os tipos étnicos e dividindo-os em mais evoluídos, ou menos evoluídos. Nesta narrativa fotográfica, temos os colonizadores europeus representando a civilização e os indígenas representando o selvagem, que deve ser pacificado.

No terceiro capítulo, procurou-se estabelecer a narrativa fotográfica sobre a cidade de Blumenau do século XIX aos anos 50, quando se comemorou o centenário da cidade. Esta narrativa iniciou-se com três imagens fotográficas da Colônia Blumenau e continuou a partir de duas séries de cartões postais: uma de 1900, com 45 postais, e outra da década de 30, com 25 postais. Estas fotografias dos postais, criadas inicialmente para divulgar a cidade, perpetuam seus espaços de memória ao serem selecionadas para ilustrar os textos veiculados na *Revista Blumenau em Cadernos*. A cidade presente nestas fotografias é o Centro Histórico, a Rua XV de Novembro e a Rua das Palmeiras, constância interrompida por raras fotografias da Favela Farroupilha.

Nesta dissertação as fotografias são confrontadas com os textos, buscando estabelecer uma interlocução discursiva. Procurou-se, ainda, estudar o papel do fotógrafo na construção de uma fotografia, visto que esta é considerada uma cópia da realidade, uma emanção do referente. Ao observar as diferentes formas de fotografar, percebe-se que o papel do fotógrafo é fundamental na constituição de uma fotografia, o que demonstra a importância da compreensão do fotógrafo para compreender a sua obra.

Enfim, o uso da fotografia é muito abrangente, não podendo ser tratada apenas um *souvenir*, um objeto de rememoração. No século XX, a intensa difusão da fotografia fez com que tomasse nossos sentidos, acompanhando a vida familiar, podendo ser considerada um rito social.

## **Capítulo I**

### ***A Revista Blumenau em Cadernos***

#### **1.1 José Ferreira da Silva: trajetória intelectual e política**

A *Revista Blumenau em Cadernos* surgiu no ano de 1957, a partir da iniciativa de José Ferreira da Silva, com a proposta de trazer em cadernos mensais a história de Blumenau e do Vale do Itajaí, com o fim de contribuir para a escrita da história do estado de Santa Catarina e do Brasil. Ao fundar o periódico, seu objetivo principal foi “tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e estímulo aos que trabalham para que nosso futuro não seja menos glorioso que o passado.”<sup>10</sup> O enaltecimento do passado e o destaque aos ‘grandes vultos’ da história é constante na escrita de Ferreira da Silva, em que as adversidades foram meios para os colonizadores provarem seu valor civilizador. Enquanto editada por José Ferreira da Silva, os artigos presentes na revista exaltam o passado de Blumenau e, ao reescrever os fatos da história, destacam a sua origem como causa do progresso no município, assim como sua diferenciação em relação ao restante do país. Segundo Benjamin “o conceito de progresso precisou opor-se à teoria crítica da história a partir do momento em que deixou de ser usado como medida de determinadas transformações históricas para servir como medida da tensão entre um lendário início e um fim da história.”<sup>11</sup> O conceito de progresso empregado por Ferreira da Silva inibe a reflexão crítica da história de Blumenau, visto pensar a sociedade em um movimento retilíneo de evolução, em que o presente está calcado no esforço do trabalho

---

<sup>10</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo I - nº 01 - Novembro de 1957. Editorial. p 01

<sup>11</sup> BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; SP Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006. p 520

dos pioneiros da Colônia Blumenau. Ferreira da Silva, ao fazer sua leitura histórica a partir do progresso do município, faz da *Revista Blumenau em Cadernos* um espaço para exaltar suas origens.

Além de publicar textos do próprio Ferreira da Silva sobre a história de Blumenau, como biografias de diversos homens, em especial políticos, que ganharam destaque a partir de sua leitura histórica, a *Revista Blumenau em Cadernos* tornou-se um periódico em que historiadores e intelectuais de Santa Catarina divulgavam suas pesquisas, inicialmente pelos insistentes pedidos de seu editor como é possível observar em sua correspondência<sup>12</sup> com Carlos Ficker, Oswaldo Cabral, Walter Piazza, Lucas Boiteux, Theobaldo Costa Jamundá, entre outros intelectuais. Nestas correspondências, Ferreira da Silva discorria sobre a história de Santa Catarina, tecia elogios e críticas a respeito das publicações destes intelectuais, solicitava cópias de documentos para pesquisa e, principalmente, artigos para publicar na revista.

Ferreira da Silva também se preocupou em divulgar e distribuir a revista em diversas bibliotecas do país e no exterior, bem como fazer com que esse periódico fosse objeto de discussão daqueles que escreviam a história de Santa Catarina no momento.

No falecimento de Ferreira da Silva, em 1973, este periódico foi considerado por intelectuais e historiadores de Santa Catarina, contemporâneos ao fundador, como sua principal obra e maior contribuição para a historiografia do estado. Walter Piazza, no livro em homenagem ao centenário de nascimento de Ferreira da Silva, afirma em depoimento que “a sua grande contribuição à historiografia catarinense é “Blumenau em Cadernos”, que além de importante veículo de divulgação da história de Blumenau se traduz em valioso repositório sobre História de Santa Catarina.”<sup>13</sup>

Portanto, ao pensar a *Revista Blumenau em Cadernos* como um importante espaço na divulgação da escrita da história de Blumenau, o objeto de pesquisa desta dissertação é a sua narrativa visual sobre a cidade, cuja presença do fundador se faz constante, visto seus textos serem permanentemente reeditados.

---

<sup>12</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondências Passivas Cx. 1.1 e Ativas Cx. 2.1.

<sup>13</sup> PIAZZA, Walter. *O Historiador José Ferreira da Silva*. In PETRY, Sueli. FERREIRA, Cristina. José Ferreira da Silva: Centenário de Nascimento. Blumenau: Fundação Cultural, 1996, p 36. (Grifo do Autor)

Ferreira da Silva foi um intelectual com considerável produção sobre a história de Blumenau, sendo citado constantemente como historiador, o que fez dele uma referência da historiografia local. Assim, estabelecer sua trajetória e relação com a *Revista Blumenau em Cadernos*, torna-se importante para melhor compreensão deste periódico e a narrativa visual presente em suas edições.

José Ferreira da Silva nasceu em Tijucas – SC, seu pai era natural de Portugal e sua mãe nascida em Berlim – Alemanha.<sup>14</sup> Em seus escritos não encontramos referência a sua mãe, mas o autor falava e escrevia o alemão, tendo traduzido a biografia de Hermann Blumenau, de sua autoria, para o alemão. Também traduziu os escritos do viajante J.J. von Tschudi, ‘Viagens pelas colônias alemãs da província de Santa Catarina’. Seus livros e a *Revista Blumenau em Cadernos* demonstram seu entusiasmo e admiração pela colonização alemã, assim como a exaltação de seus pioneiros. Em relação a sua educação formal, a única referência é a de que estudou no Seminário em Santa Maria – RS <sup>15</sup>. A formação católica é presente em alguns de seus escritos e discursos, também mantendo constante correspondência com religiosos, com destaque para Dom Daniel Hostin. Sua primeira obra historiográfica é intitulada *O Padre Jacobs*<sup>16</sup>, de 1928, uma biografia do primeiro padre da Colônia Blumenau. Em 1933, escreve sobre *O Catolicismo em Blumenau*.<sup>17</sup>

Aos 19 anos, após a aprovação num exame para o cargo de professor, iniciou sua carreira no magistério em Canoinhas – SC, onde se casou com sua primeira esposa, Luíza Vieira. Três anos depois, em 1919, pediu sua remoção para Blumenau, onde trabalhou como diretor na escola de Arapongas, hoje município de Indaial – SC. Em 1920, foi aprovado no concurso de Escrivão de Paz e Tabelião de Blumenau do 7º Distrito, onde hoje é o município de Rodeio – SC.

É em Rodeio que inicia sua atividade intelectual, onde fundou o jornal *O Escudo*, em 1921, sendo a primeira página deste periódico escrita em

---

<sup>14</sup> PETRY, Sueli. FERREIRA, Cristina. *José Ferreira da Silva: Centenário de Nascimento*. Blumenau: Fundação Cultural, 1996. p 23

<sup>15</sup> Idem, p 19.

<sup>16</sup> SILVA, José Ferreira. *O Padre Jacobs*. Blumenau: Tip. Carl Wahle, 1928.

<sup>17</sup> SILVA, José Ferreira. *O Catolicismo em Blumenau*. Blumenau, 1933

português por Ferreira da Silva e as páginas internas em italiano, cujo redator foi Giuseppe Zanluca, imigrante italiano e professor em Rodeio. Giuseppe era editor do antigo jornal *L'Amico*, editado no distrito até 1917, periódico fundado pelos frades do Convento dos Padres Franciscanos. O fato de o Convento possuir uma impressora e a boa relação que Ferreira da Silva mantinha com os padres da Igreja Católica é que permitiu a edição do jornal *O Escudo*<sup>18</sup>, editado até 1924, quando Ferreira da Silva é transferido para a sede de Blumenau. A edição do jornal *O Escudo* é um fato sempre citado pelo autor em seus textos autobiográficos<sup>19</sup>, em que destaca sua trajetória intelectual e política, e cita também o jornal *A Cidade* e a *Revista Blumenau em Cadernos*, deixando de mencionar outras publicações. Ou seja, podemos verificar que *O Escudo* marcou sua trajetória intelectual, por dar origem à sua atividade como jornalista. Ferreira da Silva afirma, inclusive, ser um “apaixonado pela ‘cachaça’ do jornalismo que nunca mais me deixaria e que me faria passar os melhores e os piores momentos da minha vida de intelectual.”<sup>20</sup> Em seu livro *A Imprensa em Blumenau*<sup>21</sup>, ao citar e atribuir a fundação do jornal *O Escudo* a si, o mesmo destaca-se como jornalista, compreendendo-se como elemento importante no reconhecimento de seu papel de intelectual em Santa Catarina. Em sua construção como intelectual figuram o professor, o jornalista, o historiador e o político. Compreende que a “imprensa deve estar à serviço da História, pois a publicação das pesquisas permite que outros pesquisadores conheçam estas, e possam contribuir para a continuidade da pesquisa indicando documentos e correções.”<sup>22</sup>

Ao ser transferido para a sede do município de Blumenau, torna-se amigo de Otaviano Ramos, natural de São José, também recém transferido para tornar-se chefe do telégrafo. A amizade surge não apenas por serem novos na cidade, mas por afinidades intelectuais, tanto que Ferreira da Silva exaltava Otaviano Ramos como poeta parnasiano, contista e cronista<sup>23</sup>. A escrita sedimenta a amizade.

---

<sup>18</sup> SILVA, José Ferreira. *A Imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977. p 72

<sup>19</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Bio-Bibliografia. Caixa 1.1 03.

<sup>20</sup> SILVA, José Ferreira. *Otaviano Ramos*. 1970. (Grifo do Autor)

<sup>21</sup> SILVA. 1977. Op. Cit. p 72

<sup>22</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Caixa 1.1

<sup>23</sup> SILVA, José Ferreira, 1970. Op. Cit.



Considerados *outsiders*<sup>24</sup> pela sociedade blumenauense, os dois buscam a inserção pela atividade intelectual; em especial Ferreira da Silva, que além de fundar um novo jornal em Blumenau, inicia uma série de biografias e estudos históricos sobre a Colônia Blumenau, tornando-se, assim, uma referência intelectual no município. Em palestra proferida após a morte de Otaviano Ramos, posteriormente publicada em livreto, Ferreira da Silva relata seus encontros diários na escadaria dos Correios ou em caminhadas pela Rua XV de Novembro, para conversar sobre os mais diversos assuntos, dentre eles a pretensão de fundar um jornal: “insistia com Otaviano Ramos para que, juntos, fundássemos um jornalzinho a serviço da pequena parte da população que falava português em toda a vasta região colonizada por Dr. Blumenau.”<sup>25</sup>

Assim surge o jornal *A Cidade*, em setembro de 1924, impresso na pequena oficina que antes servira aos jornais *O Nacional* e *Brazil*, estes dois periódicos defendiam a política nacionalista e atacavam o pangermanismo, demonstrando muito ódio a Alemanha e seus descendentes em Blumenau<sup>26</sup>, seu editor era Alfredo da Luz, irmão de Amadeu da Luz, juiz de direito da Comarca. O *Brazil* encerra sua publicação em 1922, devido ao estado de saúde de Alfredo da Luz, e seu material tipográfico ficou esquecido no sótão da antiga sede do jornal. É com a proposta de um novo jornal, em Língua Portuguesa, que Ferreira da Silva consegue a autorização para usar o material tipográfico. Assim, o novo jornal surge à sombra de dois desafetos da comunidade teuto-brasileira, que esperavam desse novo periódico os ataques proferidos anteriormente nos jornais *O Nacional* e *Brazil*. Otaviano Ramos, em uma crônica escrita para o *Calendário Blumenauense*<sup>27</sup> de 1934, descreve a expectativa em torno do novo jornal:

---

<sup>24</sup> Outsiders no sentido proposto por ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. RJ: Jorge Zahar Ed, 2000. pp 20 - 27

<sup>25</sup> SILVA, 1970. Op. Cit.

<sup>26</sup> SILVA, José Ferreira. *A Imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977. p 78

<sup>27</sup> Publicação de Ferreira da Silva que segue o modelo do *Kalenders* alemães, que ‘aglutinavam, os aspectos sociais, culturais e educacionais da vida cotidiana dos teuto-brasileiros. Nele estão contidas informações históricas, narrativas folclóricas, natureza, arte, anedotas e poesias. (...) O almanaque tornou-se o meio de comunicação escrita mais popular, ao lado da Bíblia. In FERREIRA, Cristina. *Cidadania e Identidade na Sociedade Teuto-Brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí*. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História).

“A Cidade” foi premeditada e feita em seis dias, tal como Deus criou o mundo. Com a diferença que Deus fez obra grandiosa e perfeita e nós um minúsculo amontoado de “pastéis”.

Os “derrotistas” rejubilaram quando viram-no assim, o nosso pobre semanário, mal parecido e fraquinho, soltar os seus primeiros vagidos. Os mais otimistas concediam-lhe uns trinta dias de vida, se tanto. Alguns não iam além do mal de sete dias.

Pois se outros, diziam, mais fortes e com melhores probabilidades de êxito, fracassaram anteriormente em empreendimento semelhante, como poderiam, então, dois funcionários canhestros, que não contavam com recursos para o financiamento da empresa, levar avante tão difícil tentativa? É que não conheciam o nosso pundonor, a têmpera da nossa vontade e o estalão do nosso esforço.<sup>28</sup>

Porém, segundo Ferreira da Silva, o jornal semanal se impôs pela sua seriedade, pelo bom senso e equilíbrio de seus editoriais, vazados em bom português, e pela orientação imparcial e serena que sempre seguiu.<sup>29</sup> O ideário nacionalista estava presente, mas sem ataques à comunidade teuto-brasileira, pois o jornal *A Cidade* foi um importante meio para o escritor divulgar sua produção intelectual, que foi se intensificando com estudos históricos, biografias, crônicas e contos. É neste período que Ferreira da Silva inicia seus estudos sobre a história de Blumenau, que deram origem aos livros *O padre Jacobs* de 1928, *A Colonização do Vale do Itajaí* de 1931, *Fritz Müller* de 1931, *O Doutor Blumenau* de 1933 e *O Catolicismo em Blumenau* de 1933.

Ferreira da Silva e Otaviano Ramos permaneceram à frente do jornal até 1930, quando o venderam, em função da transferência de Ramos para Florianópolis. Em maio 1932, funda o jornal *Correio de Blumenau*, com o Dr. Geysa de Boscoli, promotor público, que em junho foi removido para a comarca de Mafra, devido a sua atuação neste jornal. Boscoli era caricaturista e em seus desenhos representou diversos políticos do país como Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, José Américo, Artur Bernardes, etc<sup>30</sup>, porém sem críticas. Ao contrário do que Ferreira da Silva afirma a respeito da transferência de Boscoli, “de que a situação política do país e do Estado, entretanto não propiciava clima para tais atitudes”<sup>31</sup>, percebe-se pelos textos do jornal que o fato não se deu pelas suas caricaturas, apenas representativas destes políticos, ou por possíveis críticas ao governo Vargas, mas sim pelas críticas à

---

<sup>28</sup> SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense*. Blumenau, 1934

<sup>29</sup> SILVA, 1977. Op. Cit. p 80

<sup>30</sup> Idem. p 95

<sup>31</sup> Ibidem, p 96

administração local. A edição número 2 do jornal tem como matéria de capa 'Os Loucos na Cadeia Local' <sup>32</sup>, fazendo uma crítica ao fato da cadeia municipal ser transformada em manicômio e abrigar dezesseis loucos. A preocupação dos jornalistas, no entanto, não era com a situação das pessoas presas - que estavam doentes e não recebiam nenhum tratamento, mas com o fato delas depreciarem o município; situação agravada, na compreensão dos jornalistas, pela localização da Cadeia Pública, ao lado da Prefeitura de Blumenau, fato que não condizia com uma 'das cidades mais adiantadas do Estado, de município dos mais bem organizados do Brasil.'<sup>33</sup> A preocupação higienizadora com o centro da cidade transparece mais claramente no decorrer do texto, conforme observamos:

A cadeia de Blumenau, por si só, servindo apenas aos fins a que se destina, já é uma flagrante aberração das normas que a moderna escola penitenciária quer observadas na reclusão de delinqüentes; são células sem higiene, sem luz, sem ar; viveiros de insetos e parasitas de todo o gênero. Imagine-se agora, além de toda essa tortura que se inflige aos pobres detentos, mais este horror, a que se os sujeita, da convivência, diurna e noturna, com loucos de toda a sorte, homens e mulheres, irrequietos e desbocados, a praticarem toda a espécie de desatinos e de imundícies.<sup>34</sup>

E as críticas surtiram efeito, pois no número seguinte do jornal observa-se uma nova notícia: 'Seguiram para Joinville os loucos que estavam na Cadeia desta cidade'<sup>35</sup>, não tendo, porém, o mesmo destaque anterior, pelo fato desta matéria estar localizada no canto inferior da capa, tendo como matéria principal uma carta elogiando o novo jornal. Nesta matéria, sobre os loucos da cidade, faz-se elogios ao prefeito municipal, Candido de Figueiredo, ao delegado Roberto Grossenbacher e ao chefe de polícia Dr. Nery Kurtz, destacando que a conversa que o *Correio* teve com o Chefe de Polícia foi fundamental para a realização da transferência, bem como pelo fato da Prefeitura realizar uma reforma na Cadeia Pública; ressaltando-se, contudo, que esta ainda não era a melhor opção, conforme citado na matéria: 'Solucionado o problema dos loucos, fracassado, por falta de numerário, o projeto da Penitenciária, era a melhor providência que podia ser tomada no momento.'<sup>36</sup> A higienização da

---

<sup>32</sup> *Correio de Blumenau*. 25/05/1932. Ano I. nº2. p 01

<sup>33</sup> *Correio de Blumenau*. 25/05/1932. Ano I. nº2. p 01

<sup>34</sup> Idem

<sup>35</sup> *Correio de Blumenau*. 28/05/1932. Ano I. nº3. p 01

<sup>36</sup> *Correio de Blumenau*. 28/05/1932. Ano I. nº 3. p 01

área central do município é uma preocupação maior para os jornalistas do que o bem estar dos doentes que ali estavam. Verifica-se, assim, que a maior preocupação dos jornalistas era a higienização da área central do município, sem considerar o bem estar dos doentes que ali estavam.

Quando do lançamento do jornal, Ferreira da Silva e de Boscoli preocuparam-se em afirmar que não havia pretensões políticas, conforme apontado no editorial de abertura: 'Interesses políticos, não os temos. (...) Queremos tão só, modestamente, servir de porta-voz do povo blumenauense, para que as autoridades, os homens do poder, conheçam as suas aspirações, as suas necessidades...'<sup>37</sup>, mas, constantemente, utilizavam o jornal como meio de crítica ao prefeito municipal.

O *Correio de Blumenau* número 5 inicia uma crítica mais direta ao prefeito municipal, ao trazer na capa um antigo contrato de serviços telefônicos realizado entre a Prefeitura Municipal e a Empresa Telefônica de Blumenau para a prestação serviços de linha e concessão de aparelhos telefônicos. A matéria destaca as falhas no serviço prestado, o preço praticado - considerado exorbitante, mas também que cabia ao Prefeito Municipal cobrar o cumprimento do contrato, e multar a empresa caso os serviços não fossem prestados corretamente. As reclamações continuam nos números seguintes, com relatos sobre as dificuldades do uso do telefone. Na edição nº 9, a matéria é totalmente direcionada ao prefeito municipal, tendo como título 'Para o Senhor Prefeito Saber', e ao lado, em destaque, a notícia de que o promotor e editor do *Correio de Blumenau*, Geysa de Boscoli, fora transferido para a Comarca de Mafra, fato que resultou no pedido de demissão do cargo de promotor. Nas edições seguintes, o jornal publica vários telegramas trocados entre Boscoli e o General Assis Brasil (Ministro da Justiça), com o pedido para revogar sua transferência. Apesar de Assis Brasil entender que não havia motivos para a transferência de Boscoli, deixa claro que a revogação do ato depende do Interventor, Dr. Nereu Ramos. O Interventor, por sua vez, apresentou a seguinte justificativa para o ato de transferência, conforme declarado em telegrama:

---

<sup>37</sup> *Correio de Blumenau*. 21/05/1932. Ano I. nº 1. p 01

em jornal há pouco vem sendo publicado em Blumenau, do qual é declaradamente um dos dois diretores referido promotor, recente decreto do governo prorrogando cobrança imposto sem multa foi criticado em artigo da redação, em termos inconciliáveis função promotor. Além disso dr. Geysa conforme é notório e consta comunicado imprensa mantém escritório conjuntamente com outro advogado este provisionado e que advoga foro Blumenau tanto civil quanto crime. Tal associação profissional incompatível deveres ministério público compromete decoro justiça.<sup>38</sup>

No ano de 1933, surgem dificuldades financeiras para a continuação do jornal, e ele é fundido com o jornal *A Cidade*, passando a se denominar *Cidade de Blumenau*.

Ferreira da Silva continua atuante na imprensa de Blumenau em 1934 e 1935, editando o *Calendário Blumenauense*, seguindo o modelo dos *Kalenders* escritos e editados na língua alemã. Em sua apresentação, traz o seguinte texto:

A publicação do presente Calendário obedece a fins não somente de propaganda do comércio e indústrias blumenauenses. O propósito de torna-lo também repositório de informações úteis e, sobretudo, de dados históricos e geográficos sobre o grande município catarinense foi o que mais nos preocupou. Dedicamo-lo ao povo e, particularmente, à mocidade de Blumenau. Conhecendo a história de da sua terra, aproveitando as lições de civismo, de amor ao trabalho, de persistência, de abnegação, de fé na grandeza da Pátria, que nossos maiores nos legaram, os blumenauenses de amanhã serão ainda transformados, pela força da própria vontade, por contínuo e duro labor, nos vanguardeiros de uma civilização nova e gloriosa.<sup>39</sup>

O *Calendário Blumenauense* demonstra a preocupação de Ferreira da Silva em ter publicações na Língua Portuguesa em Blumenau, pois os *Kalenders* eram muito populares e tinham grande alcance junto ao público.

Em 1935, ele lança o *Alvorada*, semanário integralista - movimento político bastante forte naquele momento - com a pretensão de assumir a administração municipal, que passava por uma sucessão de prefeitos de curtos mandatos. Sobre este jornal, Ferreira da Silva comenta que além de bons artigos doutrinários, trazia o expediente do núcleo local e de outras localidades do município e do Vale do Itajaí, amplo noticiário do Brasil.<sup>40</sup>

A respeito da imprensa integralista, Luiz Felipe Falcão ressalta que nestes periódicos era comum a abordagem de temas como a preocupação espiritual, a

---

<sup>38</sup> *Correio de Blumenau*. 06/07/1932. Ano I. nº 14. p 01

<sup>39</sup> SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense*. Blumenau, 1934. Editorial.

<sup>40</sup> Idem. p 103

crítica à liberal-democracia, o combate ao comunismo, a denúncia do cosmopolitismo e a ênfase no nacionalismo.<sup>41</sup>

Em 1935, Ferreira da Silva é eleito vereador e presidente da Câmara de Vereadores pelo Partido Integralista, e Alberto Stein é eleito prefeito, pelo mesmo partido. O integralismo em Santa Catarina teve suas peculiaridades, pelo fato da população de origem imigrante pregar que todos eram brasileiros, independente de sua origem, e que não precisavam abandonar sua cultura, mas somente implantar um sentimento de brasilidade capaz de superar os preconceitos étnicos. O imigrante era percebido como “partes do povo que são estrangeiras, mas que possuía um lugar na construção do Estado brasileiro.”<sup>42</sup> A Aliança Integralista Brasileira – AIB – em Santa Catarina, deu a este imigrante a possibilidade de pátria que ele não possuía, enquanto não o ameaçava com a nacionalização no que lhes era mais temido: a imposição da língua vernácula. Para Pécaut, essas indicações levam a pensar que, além das simpatias ideológicas com o fascismo de seus países de origem, a AIB ofereceu um canal de participação nacionalista peculiar para os filhos de imigrantes, à margem do nacionalismo oficial.<sup>43</sup>

Como vereador mais votado, Ferreira da Silva assume a presidência da Câmara de Vereadores, e em seu discurso de posse, segundo o jornal de língua alemã *Blumenauer Zeitung*<sup>44</sup>, afirmou o seguinte:

Mesmo que pessoalmente **nada de concreto propomos**, mesmo que sejamos minúsculos diante da grandeza da tarefa que temos a cumprir, **nos identificaremos com o povo e em íntima união com ele representaremos uma força tempestuosa que tudo consegue...** Nada prometemos, pois nem sabemos o que podemos realizar no difícil momento por que passa este país em sua vida política e social; mas assumimos o compromisso – e o juramos aqui diante de Deus e da Pátria – de por tudo o que somos e temos a serviço do povo.<sup>45</sup>

Era necessário os integralistas identificarem-se com a população local, por isso foi publicado o seu discurso de posse em um jornal de língua alemã. Em

---

<sup>41</sup> FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2000. p 137

<sup>42</sup> Idem pp 141, 142.

<sup>43</sup> PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. SP: Ática, 1990. p 83

<sup>44</sup> Jornal em língua alemã que publicou textos integralistas em apoio ao ideário da AIB, assim como também fez apologia ao nazismo. GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo – Nazismo – Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. pp 119

<sup>45</sup> *Blumenauer Zeitung*. 06/12/1934. citado por GERTZ, 1987. pp 182/183. (grifo meu)

nível nacional, para ter uma boa aceitação nas áreas de imigração alemã, a AIB oportunamente fez-se parecer germanófila.<sup>46</sup> Porém, para os governantes locais, era tarefa difícil equilibrar o nacionalismo integralista e a conservação da cultura alemã, visto que para muitos destes imigrantes o integralismo era uma expressão brasileira do nazismo.<sup>47</sup>

Em 1936, Ferreira da Silva se articula com Victor Konder (que havia perdido as eleições municipais), Curt Hering, Frederico Kilian (escrivão), Theodor Lüders (arquivista municipal), Pedro Cristiano Feddersen<sup>48</sup>, todos membros do Partido Republicano Catarinense – PRC, para a formação do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí. Nesta época, Ferreira já havia sido eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina<sup>49</sup>, devido aos seus escritos sobre os fundadores da Colônia Blumenau. O papel de Ferreira da Silva como intelectual da história vai se acentuando, principalmente pela sua atuação como jornalista, sendo o *Alvorada* o último jornal editado por ele. Posteriormente, passou a atuar na imprensa como colaborador.

Devido ao golpe do Estado Novo, em 1937, Alberto Stein foi afastado do governo municipal em 1938, e José Ferreira da Silva é nomeado prefeito, permanecendo no cargo até maio de 1941. Alberto Stein é preso, sob a acusação de nazista, devido a sua atuação no Partido Integralista. O Estado Novo compreendia que o integralismo em Santa Catarina era uma extensão do nazismo, como é possível observar pela pesquisa de Luiz Felipe Falcão em que discorre sobre a opinião de senadores sobre o integralismo em Santa Catarina na grande vitória destes nas prefeituras e Câmaras de Vereadores do estado em 1936: “não venceu o integralismo nacional, mas sim o nazismo alemão”, enquanto outro denunciava que os integralistas catarinense desconheciam “a existência do senhor Plínio Salgado e consideravam Hitler seus chefe.”<sup>50</sup> Alberto Stein argumenta com o governador Nereu Ramos que é

---

<sup>46</sup> GERTZ, 1987. pp 182 – 185.

<sup>47</sup> FALCÃO, 2000. pp 161 – 165.

<sup>48</sup> FROTSCHER, Meri. *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929 – 1950)*. UFSC, 2003. (Tese de Doutorado), p106.

<sup>49</sup> Idem, p106.

<sup>50</sup> FALCÃO, 2000. p 157

brasileiro e não nazista<sup>51</sup>, mas é mantido preso sob a mesma acusação. Ou seja, permanece a compreensão de que o integralismo no sul do país era um disfarce para o nazismo.

Boa parte da documentação da AIB foi destruída pelo DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – durante as apreensões realizadas pelo Estado Novo, ou mesmo foram destruídos pelos membros para evitar represálias e prisões.<sup>52</sup> A transição de Ferreira da Silva da AIB para prefeito do Estado Novo é marcada por silêncios. Vivia-se um momento político confuso no município, pelo fato de Ferreira da Silva ter tido participação importante no Partido Integralista em Blumenau; e não apenas na redação do jornal, mas nas reuniões, organização do partido e nos desfiles que a AIB promoveu em Blumenau, ou seja, uma liderança atuante da AIB.

Na escrita de Ferreira da Silva, os embates políticos do momento foram amenizados pela exaltação a construções e obras realizadas em seu governo, e, também, pelo discurso de que a nacionalização devia-se a uma ação externa promovida pelo governo federal. É possível perceber o contraste nas atuações de Ferreira da Silva ao compararmos as ações de campanha de nacionalização - presente nos seus Relatórios de Governo, e o encobrimento destas mesmas ações - por meio da escrita da história que exalta a germanidade, em seu livro *História de Blumenau*.

Ferreira da Silva, no seu primeiro ano de governo, iniciou o processo de nacionalização e uma intensa campanha contra as escolas alemãs, sendo que das 46 escolas particulares estrangeiras de Blumenau, apenas duas restaram no final do ano 1938, cujo processo de nacionalização estava em andamento, sendo fechadas posteriormente. Sobre as escolas estrangeiras, Ferreira da Silva escreve em seu Relatório de Governo o seguinte:

Era, efetivamente, um grande mal para a nacionalidade permitir-se que milhares e milhares de crianças brasileiras fossem educadas por estrangeiros – como o eram, na sua grande maioria, os professores particulares – deixando os bancos escolares imbuídos de um espírito que não era o de brasilidade, o de entusiasmo, de orgulho por esta Pátria magnífica que nós adoramos. Pequeninos brasileiros, entregues anos seguidos aos cuidados de mestres que nada sabiam nem compreendiam do que era nosso, mandados, não raro, por governos estrangeiros para a faina ingrata de desnacionalizar a nossa gente, saíam das escolas, ignorantes do Brasil, sem lhe saber a língua, sem

---

<sup>51</sup> FALCÃO, 2000. p 163

<sup>52</sup> FALCÃO, 2000. Op. Cit. 128.



conhecer-lhe a história, brasileiros estranhos dentro de nossa própria Pátria, quando não dela inimigos. (...)

Conhecíamos, perfeitamente, a situação de incúria em que a politicagem de anos atrás deixara grave o problema, abrindo campo vasto à infiltração de idéias, de princípios contrários ao interesse da Pátria. Apareceram os aventureiros a soldo de outros países, incitando o colono – quase sempre tímido e sugestionável – a apertar os laços que, pelo sangue, o prendiam a outras terras, a desprezar os nossos costumes como os de um povo bárbaro, sem brio, sem cultura.<sup>53</sup>

Percebe-se, assim, que o Relatório de Governo está longe do tom da orientação imparcial e serena<sup>54</sup> empregada nos jornais *A Cidade* e o *Correio de Blumenau*, ou no seu livro *História de Blumenau*<sup>55</sup> em que escreve sobre o período em que foi prefeito, conforme segue:

O governo (Federal) aproveitou o estado de ditadura, em que se encontrava o país, para promover grande campanha de nacionalização dos núcleos de colonização estrangeira. E Blumenau, (...) não escapou às medidas então tomadas, às vezes exageradas e injustas. As poucas escolas particulares, ainda existentes, foram fechadas e substituídas por escolas públicas, municipais e estaduais. (...) As Sociedades particulares, como as de Atiradores, e outras, sofreram sérias restrições que, em muitos casos, importaram seu fechamento. Igualmente os dois jornais locais, redigidos em alemão, o 'Blumenauer-Zeitung' e o 'Der Urwaldsbote', foram, da mesma forma, tão pressionados que acabaram por cessar a sua publicação, alguns meses depois. Destarte, os três e meio anos do governo de Ferreira da Silva foram bem difíceis. Assim mesmo, por uma atuação serena e sempre prudente soube ele contornar os muitos percalços que lhe foram postos no caminho.<sup>56</sup>

É importante ressaltar que o Relatório de Governo era dirigido diretamente ao Interventor Federal no Estado, e, em relação às pessoas cooptadas para trabalharem para o Estado Novo (em especial os intelectuais), o nacionalismo de que eram porta-vozes não aparece senão como uma maneira suplementar de obter o reconhecimento do Estado.<sup>57</sup> E, pensando a narrativa histórica de Ferreira da Silva - em que o mesmo exaltava o colono alemão como responsável pelo progresso de Santa Catarina - até o momento em que assume a prefeitura de Blumenau, defender a política de nacionalização é compreendido como uma contradição, ou mesmo uma traição à comunidade teuto-brasileira, que o tinham como um defensor. Com efeito, os seus livros, *O padre Jacobs* de 1928, *A Colonização do Vale do Itajaí* de 1931, *Fritz Müller* de

---

<sup>53</sup> BLUMENAU. *Relatório de Governo 1939* – Pref. José Ferreira da Silva. p 25.

<sup>54</sup> SILVA. 1977. p 80

<sup>55</sup> SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972.

<sup>56</sup> Idem, p 214

<sup>57</sup> PÉCAUT, 1990. p 20.

1931 e *O Doutor Blumenau* de 1933, até aquele momento também contribuíram na criação dos mitos fundadores do município, como Dr. Blumenau e Fritz Müller.

Em 1938<sup>58</sup>, já no governo do Estado Novo, Ferreira da Silva traduz sua biografia do Dr. Blumenau para o alemão, porém irá publicá-la apenas em 1962. No discurso de lançamento, ele afirma o seguinte: “pode ser que não cause emoções iguais às que senti quando publiquei o original, em vernáculo, em 1933.”<sup>59</sup> Tal publicação em alemão, guardada por tantos anos, selaria, para alguns, o esquecimento da política de nacionalização empreendida pelo escritor e o momento de reconciliação com o município. Para Ferreira da Silva, a obra trouxe a “satisfação por estar cumprindo um dever para com a Comunidade em que me integrei. Tendo dedicado toda a minha vida a Blumenau, considero este lançamento como o pagamento de mais uma prestação de débito enorme que contraí com esta terra e o seu povo generoso e bom.”<sup>60</sup> Mas a sua tradução, em 1938, demonstra a dualidade vivida pelo intelectual naquele momento, de exaltar os pioneiros colonizadores, e ser obrigado a rejeitar a língua alemã para atender à política do Estado Novo.

Gustavo Konder<sup>61</sup>, em necrológico de 1974, publicado na *Revista Blumenau em Cadernos*, é o único a mencionar a rejeição enfrentada por Ferreira da Silva após sua atuação como prefeito, afirmando que este era “o único brasileiro nato a compreender a expressão e a tradição dos colonos teutos no Vale do Itajaí, infelizmente tão perseguido e repudiado pelos nacionalistas de visão oblíqua.”<sup>62</sup> A afirmação de Konder nos faz refletir sobre os motivos do afastamento de Ferreira da Silva da prefeitura de Blumenau, visto que sua substituição também é marcada por silêncios. Ferreira da Silva, ao mesmo tempo em que empreendeu a nacionalização do ensino no período em que esteve como prefeito, também criou o Museu Fritz Müller, justificando-o

---

<sup>58</sup> No original desta tradução, escrita à mão em caderno brochura, a data de 1938 na capa está riscada, e escrito 1937, interessante perceber que como membro da AIB e posteriormente prefeito do Estado Novo, o autor preocupa-se em agradar a população germanófila de Blumenau, ao traduzir sua biografia para o alemão.

<sup>59</sup> SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado no Lançamento da Tradução do livro Doktor Blumenau*. Blumenau, 1962. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. FJFS 3.1 cx 3, 41

<sup>60</sup> Idem

<sup>61</sup> Filho de Marcos Konder, político catarinense e irmão de Victor Konder, membros do Partido Republicano Catarinense.

<sup>62</sup> KONDER, Gustavo. *Acadêmico Professor José Ferreira da Silva*. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XV, janeiro/fevereiro de 1974, nº 1 e 2. p 11

como um auxílio à educação primária, ao passo que resta clara a leitura de que o museu foi instituído, na realidade, um lugar de memória, em homenagem ao naturalista Fritz Müller, estabelecendo-o como um exemplo a ser seguido. Porém, também é claro o nacionalismo de Ferreira da Silva quando, no *Livro do Centenário*, finaliza seu artigo sobre a história de Blumenau com a seguinte frase: “Glória a Hermann Blumenau, ‘exemplo de estrangeiro que soube amar o Brasil e bem servi-lo’!”<sup>63</sup> Exaltação coerente com o ideário integralista e nacionalista, ao pensar o estrangeiro integrado a pátria brasileira. Também observa-se no Relatório de Governo de 1939 em que transcreve do livro *Nosso Brasil* de Hildebrando de Lima, os seguintes dizeres sobre o fundador do município:

Pela sua capacidade de trabalho, devotamento e tenacidade na luta para atingir o fim que tinha em vista. Hermann Blumenau é um modelo que devemos imitar. Tendo decidido fundar nesta região uma colônia de patrícios, nada o desanimou até ver os seus esforços coroados de êxito. Tudo sofreu o colonizador – roubos, intrigas e má vontade por parte de todos – tanto aqui como na Alemanha.<sup>64</sup>

A simpatia pela origem de Blumenau e pelos primeiros colonizadores, presente na obra intelectual de Ferreira da Silva, assim como o fato de ter sido membro da AIB, poderia ter sido compreendida como uma atitude dúbia pelos políticos do Estado Novo, por isso a afirmação de Gustavo Konder de que Ferreira da Silva teria sido, na realidade, perseguido e incompreendido pelos nacionalistas.

Ferreira da Silva é exonerado do cargo de prefeito municipal em maio de 1941, sendo substituído por José Simeão de Sousa, Inspetor do Departamento de Municipalidades, que assumiu interinamente, até a nomeação do Dr. Afonso Rabe, no mês de julho. Afonso Rabe, em seu primeiro Relatório de Governo, demonstra constante preocupação com as contas públicas, fazendo referência a estas em vários tópicos do Relatório:

Como V. Excia vê, a situação não era nada lisonjeira. Tendo, felizmente, havido necessidade de lançar mão apenas de uma pequena parte do *superávit* previsto Cr\$ 240.000,00 para os fins a que era destinado, pôde-se tratar, com a devida autorização de v. Excia. e aprovação do Dpto Administrativo do Estado, se suplementar algumas dotações (...)<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. In Centenário de Blumenau. 1850-1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p 51

<sup>64</sup> BLUMENAU. *Relatório de Governo 1939 – Pref. José Ferreira da Silva*. p 67.

<sup>65</sup> BLUMENAU. *Relatório de Governo 1941 – Pref. Dr. Afonso Rabe*. p 02.

É preciso notar, entretanto, que eu tive de saldar nesta verba, inúmeras contas de serviços prestados e já empenhados no 1º semestre, portanto, antes de meu tempo, e que ainda não tinham sido pagas. Tenho, porém, o prazer de comunicar que todos os compromissos de 1941, foram liquidados até 31 de dezembro daquele mesmo ano.<sup>66</sup>

Além de apontar as irregularidades em relação à movimentação financeira da Prefeitura antes de seu governo, Rabe destaca que “havia igualmente, uma série de irregularidades no quadro de funcionalismo, tais como, cargos não criados devidamente por lei, etc.”<sup>67</sup> Também deixa transparecer a existência de um número excessivo de funcionários, com salários abaixo dos padrões da época. O prefeito Afonso Rabe procura demonstrar, em seu Relatório de Governo, que sanou os problemas da Prefeitura herdados de José Ferreira da Silva, o que poderia indicar que o afastamento dele do governo municipal se deu pela prática de irregularidades administrativas.

Após a saída do cargo de prefeito, José Ferreira da Silva se viu obrigado a sair de Blumenau, pois passou a ser visto como traidor da cidade que o acolheu, residindo, assim, por vários anos no Rio de Janeiro e Curitiba.

No ano de 1948, publica o livro *Colônias para o Brasil*<sup>68</sup> em Goiás, onde destaca a Colônia Blumenau. Entre os recortes de Ferreira da Silva, encontra-se uma nota do jornal *O Globo*, do ano de 1953, que faz o seguinte comentário sobre este livro:

Conhecedor do tema da colonização e com uma prática de dezenas de anos de convivência como colonos do Sul e mais a experiência decorrente de um lustro de atividades à frente dos poderes legislativo e executivo de um dos maiores municípios catarinenses, o Sr. José Ferreira da Silva aborda, de maneira muito segura, a matéria, neste seu trabalhado intitulado ‘Colônias para o Brasil’.<sup>69</sup>

Ferreira da Silva busca retomar suas atividades intelectuais nas cidades onde passa a morar a serviço da Aliança da Bahia, organização securitária e de capitalização, onde era procurador. Inicia estudos históricos sobre a cidade de Sabará, copiando em cadernos documentos sobre a cidade, e mesmo pensando uma publicação em que se percebe a organização do *layout* desta

---

<sup>66</sup> BLUMENAU. *Relatório de Governo 1941 – Pref. Dr. Afonso Rabe*. p 28.

<sup>67</sup> BLUMENAU. *Relatório de Governo 1941 – Pref. Dr. Afonso Rabe*. p 15.

<sup>68</sup> SILVA, J. Ferreira da. *Colônias para o Brasil*. Goiânia: Escola Técnica de Goiânia, 1948. 52p,

<sup>69</sup> AHJFS. FJFS. Recortes. *O Globo*, 24 de janeiro de 1953.

na distribuição das fotografias, rótulos de produtos fabricados na cidade,<sup>70</sup> porém esta obra não foi publicada. Ferreira da Silva busca retomar suas atividades intelectuais nas cidades onde passa a morar a serviço da Aliança da Bahia, organização securitária e de capitalização, ocupando o cargo de procurador. Assim, inicia estudos históricos sobre a cidade de Sabará, copiando em cadernos documentos sobre a cidade, pensando numa futura publicação, que não ocorreu. Tal fato é perceptível em razão da organização do *layout* dos cadernos, a distribuição das fotografias, rótulos de produtos fabricados na cidade.<sup>71</sup>

O livro *Colônias para o Brasil* transparece o desagrado do autor com relação ao sertão brasileiro, demonstrando também uma insatisfação com a educação do sertanejo. Tanto que sua obra é uma defesa do modelo de colonização implantado por Dr. Hermann Blumenau, no qual propõe implantar em todo o Brasil, de modo a sanar os diversos problemas dos agricultores brasileiros. Neste livro, ainda a respeito do sertanejo, ele afirma o seguinte:

A sua casa, a 'fazenda', é apenas maior e mais bonita que a do colono. Mas, em comodidade, pouco difere do rancho deste último. As vacas vêm sujar-lhe na porta da frente e as galinhas e os porcos entram-lhe pela cozinha. As camas onde ele e a família dormem, são catres sem lençóis, sujos. Não há um banheiro, um chuveiro na fazenda. A privada é um buraco cavado no chão, meia dúzia de metros longe da casa.<sup>72</sup>

Esta situação do interior do país que passa a vivenciar, contrasta com o município de Blumenau que Ferreira da Silva tanto exaltou em seus textos, ou seja, a Colônia que “Dr. Blumenau plantou no interior catarinense e que é, hoje, verdadeira fonte de riqueza para o país, zonas que produzem fortunas considerável, nasceram pobres, a custo de inauditos sacrifícios de seus idealizadores.”<sup>73</sup> Para o autor, o modo de vida ideal era aquele do sul do país, em especial do Vale do Itajaí. Em suas pesquisas em Minas Gerais e Goiás, impressionava-se com a “quantidade de gente suja, maltrapilha, de aleijados e débeis mentais que se encontra no interior do estado”<sup>74</sup>, e não encontrou a

---

<sup>70</sup> AHJFS. FJFS. Originais. Envelopes 07 e 11.

<sup>71</sup> AHJFS. FJFS. Originais. Envelopes 07 e 11.

<sup>72</sup> SILVA, 1948. Op. Cit. p 12

<sup>73</sup> SILVA, 1948. Op. Cit. p 17

<sup>74</sup> AHJFS. FJFS. Originais. Envelopes 07 e 11

história que desejava escrever, pois estava longe do seu ideal de progresso e de povo civilizado:

O sertanejo não tem, geralmente, noção da maneira de viver como ela é compreendida nos tempos modernos. Não sabe vestir-se, não sabe comer, não sabe dormir, não sabe divertir-se, não sabe trabalhar, não sabe mesmo desempenhar-se corretamente nas demais necessidades fisiológicas de cada dia.<sup>75</sup>

O livro *Colônias para o Brasil* volta a reafirmar sua crença na superioridade do sul do país e também a sua reaproximação com Blumenau.

Com fim do Estado Novo, as comunidades teuto-brasileiras buscaram se restabelecer, mas sem as instituições que garantiam a manutenção da germanidade. Estas instituições de caráter étnico não se reestruturaram, porque a proibição de seu funcionamento não foi revogada pelo Estado. A língua alemã voltou a ser falada em público, mas as poucas publicações que voltaram a circular tinham cunho eminentemente religioso ou informativo.<sup>76</sup>

Em 1950, Blumenau inicia os preparativos para a comemoração do seu Centenário de Fundação, entre eles a organização de um livro sobre a história do município e dados de seu presente. A subcomissão do Livro Comemorativo, presidida por Frei Ernesto Emendorfer, convida José Ferreira da Silva para escrever os seguintes capítulos: *O Escudo d'Armas do Município de Blumenau*, *História de Blumenau* e *Fritz Muller*. Os festejos também contaram com a exibição da ópera *Anita Garibaldi*, de autoria de Ferreira da Silva e musicada pelo maestro Heinz Geyer. As comemorações do Centenário possibilitaram uma reaproximação de Ferreira da Silva com Blumenau, até a edição da *Revista Blumenau em Cadernos*, em 1957, quando seu nome como historiador do município se fortalece. Em 1950 foi candidato a prefeito, tendo como base de campanha suas realizações enquanto prefeito. Mas cartazes e panfletos contra a sua candidatura são distribuídos pelo município, e nestes é possível observar que a rejeição se devia a sua atuação como prefeito de Blumenau no período da nacionalização. Considerado traidor da AIB e de Blumenau, o cartaz ainda o define como intruso e forasteiro.

---

<sup>75</sup> SILVA, 1948. Op. Cit. p 47

<sup>76</sup> SEYFERTH, Giralda. In MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, historia*. Canoas : ULBRA, 1994. pp 22



Figura 1 – Cartaz  
Fonte: AHJFS – FJFS 1.8 cx 1.2

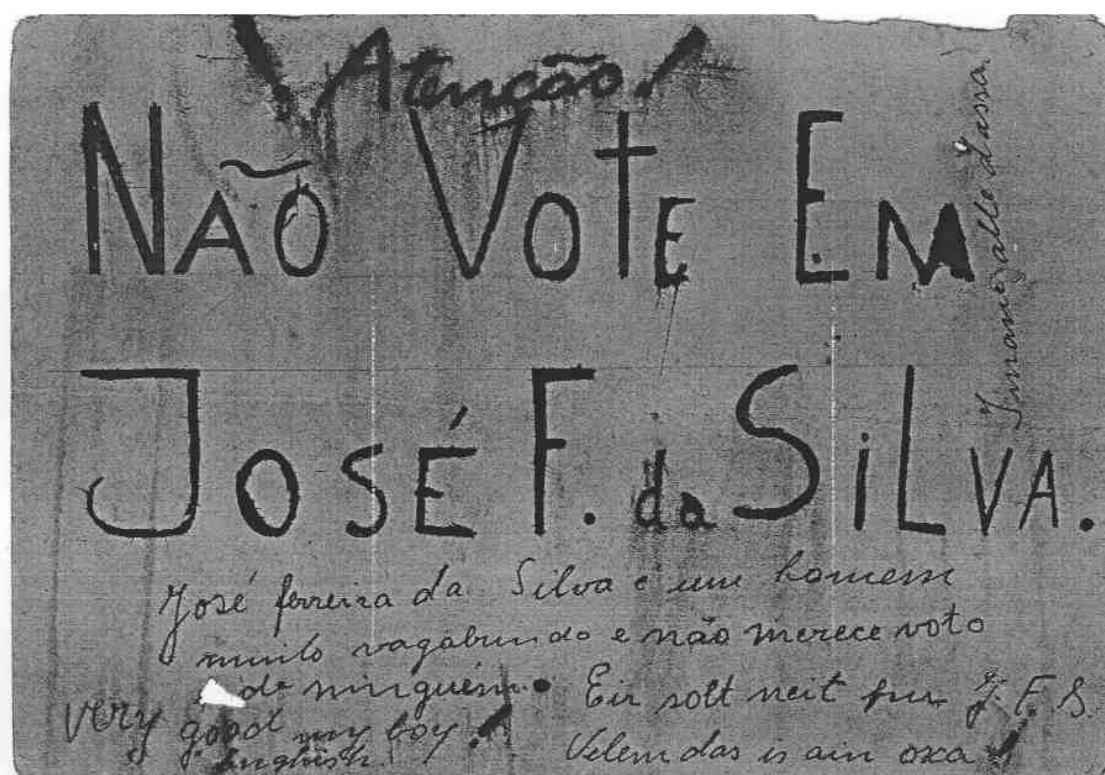


Figura 2 – Cartaz

O trecho escrito em alemão diz o seguinte:

**Vocês não devem votar em JFS porque ele é um boi.**

(Trad. Edith Korman) Fonte: AHJFS – FJFS 1.8 cx 1.2

A sua confusa trajetória política fez com que fosse odiado por muitas pessoas em Blumenau, mas a sua trajetória como intelectual, em especial historiador do município, fê-lo respeitado, e possibilitou tornar-se porta-voz da história de Blumenau durante muito tempo.

## **1.2 A Revista Blumenau em Cadernos**

Ao fixar residência em Curitiba, Ferreira da Silva retoma seus estudos sobre a colonização alemã, começa a divulgar suas pesquisas para imprensa nacional, envia artigos para diversas revistas e jornais, assim como notas sobre seus livros, em especial, *Colônias para Blumenau*. Na revista cultural *Panorama*, editada em Curitiba, encontramos um artigo intitulado 'Blumenau: uma cidade pioneira – sonho de um idealista – berço de arte e cultura.'<sup>77</sup>

Em novembro de 1958, acontece o grande incêndio da Prefeitura, ocorrendo uma enorme perda da documentação do Arquivo Municipal e do Fórum. Assim, a *Revista Blumenau em Cadernos* e Ferreira da Silva tornam-se porta-vozes da história da cidade, pois era ele quem possuía cópias da maioria da documentação extraviada no incêndio. Assim, nos primeiros anos, os Relatórios da Colônia escritos por Hermann Blumenau são publicados por Ferreira da Silva, permitindo a socialização de informações, e também uma reaproximação com Blumenau.

Blumenau passa a ter um periódico que, na perspectiva do seu editor, é compreendido como um lugar de memória<sup>78</sup>, o que ficou evidenciado no editorial de abertura:

Traremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, sem outras pretensões que não as de concorrer com nosso esforço e o pouco de inteligência que Deus nos deu, para tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e estímulo aos que, na hora que passa,

---

<sup>77</sup> *Revista Panorama*. Ano VIII. Fevereiro de 1958. nº 69. Curitiba – PR

<sup>78</sup> Entende-se lugar de memória no sentido proposto por NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC- SP. Nº 10, 1993.



trabalham para que nosso futuro não seja menos glorioso que nosso passado.<sup>79</sup>

Com a importância da *Revista Blumenau em Cadernos* destacada em razão do incêndio, Ferreira da Silva volta a ser o intelectual dedicado a Blumenau, não apenas o político traidor. Assim, em 1962, retorna a Blumenau a convite de Hercílio Deeke, para ser Diretor da Biblioteca Fritz Müller e continuar a publicação da *Revista Blumenau em Cadernos*.

Após a criação da *Revista Blumenau em Cadernos*, inicia correspondência com outros intelectuais de Santa Catarina, comentando suas obras e solicitando cópia de documentos, como Oswaldo Rodrigues Cabral, Walter Piazza e Carlos Ficker. A correspondência com Cabral e Piazza dá-se com formalidades, e por vezes percebe-se a obrigação por parte deles em agradecê-lo pelos livros e edições da *Revista Blumenau em Cadernos* enviados. Percebe-se, também, que a relação com Walter Piazza não correspondia às suas expectativas de amizade e, principalmente, de troca de documentos históricos. Carlos Ficker, em carta enviada a Ferreira da Silva, consola-o em razão de uma negativa de Piazza em emprestar-lhe documentos microfilmados: “Não se preocupe com o nosso amigo comum, Dr. Piazza. Ele comportou-se da mesma maneira comigo, quando pedi o empréstimo dos microfilmes.”<sup>80</sup> Ferreira da Silva acreditava que a amizade entre historiadores, por meio da troca de documentos e informações, poderia estabelecer uma relação com a verdade histórica; a recusa de Piazza em emprestar-lhe os documentos foi decepcionante, tanto para a realização de seu trabalho historiográfico, quanto pelo fato de não se sentir reconhecido como intelectual catarinense. Já com Ficker, há uma relação de amizade baseada na discussão a respeito de dúvidas documentais, do trabalho de outros historiadores e do estabelecimento de uma ‘verdade oficial’ sobre a colonização. Em carta para Ferreira da Silva, Ficker mostra a sua indignação com o recém lançado livro *História de Santa Catarina*, em que alguns historiadores erram na grafia de nomes estrangeiros, não citam seu trabalho como fonte ou publicam datas e fatos que este considera errados:

---

<sup>79</sup> SILVA, José Ferreira da. *A Que Viemos*. Editorial Abertura. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo I – nº 01 – novembro de 1957

<sup>80</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondências Passivas. Carta da Carlos Ficker, 1970. Cx. 2.2

[o passado] Infelizmente não encontrou as referências merecidas na 'História de SC' nem por Sachet, nem por Martinho Callado Jr. Esta História de SC é realmente cheia de erros grossos... Também o Dr. Cabral cometeu alguns erros fundamentais na parte em relação às colônias e à colonização. Sei perfeitamente, que o assunto é demasiadamente complexo para um trabalho perfeito, porém muitas afirmações não correspondem à verdade histórica e outras são absolutamente evitáveis.<sup>81</sup>

Em resposta, Ferreira da Silva corrobora com a opinião do amigo e aponta essas falhas como falta de aprofundamento nas pesquisas:

Quanto às falhas da 'História de Santa Catarina' da Grafipar, que o senhor aponta, sobram-lhe razões para apontá-las e criticá-las. Callado e Jamundá, homens inteligentes, esforçados, não se aprofundam muito nas pesquisas. Daí algumas falhas que se notam nas partes de suas responsabilidades. Cabral só merece louvores. É mesmo um grande, o 'papa', como o senhor diz, historiador catarinense. Mas vê-se logo, pouco familiarizado com os fastos dos municípios do interior. Tanto ele, como os Boiteux, escarafuncharam os arquivos da capital e, sobre esta e as povoações açoritas fizeram obra de grande valor. Verifique que limitam-se a reproduzir, sobre o interior, talvez um pouco modificadas, as informações das publicações do IBGE.<sup>82</sup>

Pelos trechos selecionados, é possível perceber a preocupação entre estes dois historiadores no estabelecimento da verdade histórica, sendo esta comprovada por meio de documentos que os mesmos tomavam como depositários desta verdade; não há o questionamento dos documentos como fonte histórica, sendo estes muitas vezes transcritos em seu trabalho historiográfico. Compreendem a história como linear e evolutiva, e seu papel como historiadores é estabelecer uma sucessão de fatos que deverão se constituir em história. Para Benjamin o "historicismo se contenta em estabelecer um nexo causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico."<sup>83</sup>

A preocupação na comprovação da verdade histórica pode ser percebida por meio da intensa troca de documentos entre os dois historiadores, primeiramente emprestando estes para o outro realizar a cópia à mão, e posteriormente enviando fotocópias. Também se presenteavam com livros raros do século XIX ou do início do século XX, muitas edições em alemão,

---

<sup>81</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Passiva. Carta de Carlos Ficker, 29 de agosto de 1970. Cx. 2.2 225

<sup>82</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta José Ferreira da Silva, 08 de setembro de 1970. Cx. 2.1

<sup>83</sup> BENJAMIN, Walter. *Teses sobre a Filosofia da História*. Org. Flávio Kohte. SP: Ática, 1991. p 163.

relatando o início das Colônias Blumenau e Dona Francisca, tornando-se fontes para a escrita da história do vale do Itajaí e Joinville. A troca de documentos e livros, originais ou cópias, permitiu a ambos complementar seus arquivos e auxiliou na escrita de suas pesquisas históricas. Ferreira, em uma carta a Ficker afirma que “não há urgência na devolução do Caderno que lhe mandei. Quando tiver copiado tudo, com calma, então faça a devolução.”<sup>84</sup> Os dois também dividiam informações a partir de seus Arquivos. Enquanto Ferreira da Silva escrevia o livro *História de Blumenau*, solicitou muitas informações a diversos historiadores, mas a troca constante de dados era com Ficker, que, em 1965, discutiu a presença de espanhóis no então Arraial de Belchior, hoje Gaspar – SC:

As minhas afirmações sobre a existência de colonos nas margens do Itajaí-Açu desde 1827, são bem fundamentados com documentos. (...) Possuo uma relação de nomes dos primeiros colonos estabelecidos em lotes demarcados Agostinho Ramos, em 1836, no Belchior, com planta do núcleo colonial.<sup>85</sup>

É importante destacar que a troca de correspondência com estes intelectuais, além de possuir um sentido prático, também era uma forma do escritor ser aceito e respeitado como intelectual. No arquivo de Ferreira da Silva encontram-se cópias de muitas correspondências enviadas a diversos intelectuais brasileiros, como Aurélio Buarque de Holanda, em que escreve sobre o lançamento de seu novo dicionário, ressaltando a ausência de algumas palavras. Também enviou seus escritos a Gilberto Freyre, do qual há uma carta agradecendo o envio do livro *Colônias para o Brasil*.

No período em que foi prefeito de Blumenau, fez cópias de muitos documentos públicos, cartas, Relatórios da Colônia redigidos por Dr. Blumenau, documentos de Fritz Muller, entre outros. Ferreira da Silva também percorreu alguns municípios do litoral catarinense, como Porto Belo, Penha, Piçarras, entre outros, coletando documentos, quando possível, ou copiando-os em cadernetas.<sup>86</sup> Nestas cadernetas é possível encontrar anotações ao fim indicando a edição da *Revista Blumenau em Cadernos* em que foi publicado o

---

<sup>84</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, maio de 1965. Cx. 2.1 019

<sup>85</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, maio de 1965. Cx. 2.1 019

<sup>86</sup> AHJFS. FJFS. Documentos Originais.

documento. Essa pesquisa e cópia de documentos é fonte para a escrita de seus textos, como também material a ser transcrito nas edições da *Revista*. A Ficker, ele relata que fez cópia de um documento que o amigo procurava, e prontamente lhe ofereceu: “Copiei os ofícios relacionados com a Colônia São Pedro de Alcântara há coisa de três anos. Os originais se acham no Arquivo da Secretaria do Interior e Justiça, de Florianópolis. Nesse arquivo e no da Prefeitura Municipal, há coisas preciosíssimas.”<sup>87</sup>

A coleção de documentos tem um espaço importante na trajetória intelectual de Ferreira da Silva, compreendendo-a como um ato de colecionar saber. Ao perceber que a documentação sobre a colonização do Vale do Itajaí está dispersa e por vezes se perdendo pela ação do tempo, ou mesmo destruída, Ferreira da Silva “compreende que a reunião deste material afim num único espaço, é uma forma de organizar o conhecimento sobre a gênese desta história, é uma forma de informar sobre os acontecimentos na sucessão do tempo.”<sup>88</sup> Nesse sentido,

O verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representa-las em nosso espaço (e não nos representar no espaço delas). As coisas assim representadas, não admitem uma construção mediadora a partir de ‘grandes contextos’. Também, a contemplação de grandes coisas do passado consiste, na verdade, em acolhê-las em nosso espaço. Não somos nós nos transportamos para dentro delas, elas é adentram em nossa vida.<sup>89</sup>

A partir desta coleção de documentos (cartas, decretos, jornais) e de cópias é que a *Revista Blumenau em Cadernos* é editada, juntamente com os artigos escritos pelo autor e outros historiadores contatados para manter a publicação. Em sua correspondência para os diversos historiadores catarinenses sempre requisitava artigos para publicação, conforme segue:

Escuso dizer-lhe que os ‘Cadernos’, como sempre, estão à sua disposição. As suas colaborações honrarão muito as suas páginas. Peço-lhe que não nos prive, a mim e aos assinantes e leitores dos ‘Cadernos’, do prazer dos seus escritos, com os quais muito temos que aprender.<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, maio de 1965. Cx. 2.1 019

<sup>88</sup> BENJAMIN, 2006. p 244

<sup>89</sup> Idem, p 240

<sup>90</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, 11 de junho de 1965. Cx. 2.1 024

Pelo trabalho de José Ferreira da Silva, a *Revista Blumenau em Cadernos* torna-se um espaço para os historiadores catarinenses publicarem suas pesquisas, assim como uma fonte de pesquisa, tanto pelos artigos publicados, quanto pelos documentos transcritos e traduzidos. Em relação as suas publicações, o escritor tinha grande preocupação em distribuir e divulgar seu trabalho, na intenção de tornar conhecida sua pesquisa. Tanto que ele declara à Ficker o seguinte: “Vou distribuir o meu trabalho por todas as bibliotecas do país e a todos os intelectuais catarinenses.”<sup>91</sup> Verifica-se, assim, que não é apenas a divulgação de sua produção que ele almeja, mas o reconhecimento como historiador catarinense.

Para manter a *Revista Blumenau em Cadernos*, além das solicitações de artigos, era preciso buscar o patrocínio para a sua publicação. Não há propagandas, mas na contracapa tem uma lista de colaboradores que o editor visitava periodicamente, fruto de sua boa relação com os empresários. A crença destes patrocinadores na importância da divulgação da história local manteve a publicação da *Revista* nestes cinquenta anos. A respeito, Ferreira da Silva afirmou o seguinte: “felizmente a indústria e o comércio atenderam ao meu apelo e estão dispostos a financiar a continuação do meu trabalho.”<sup>92</sup> E os demais editores da revista também adotaram essa prática, pois a publicação da *Revista Blumenau em Cadernos* sempre dependeu de colaboradores e assinantes. A divulgação da revista era realizada a partir de recomendações e corpo-a-corpo. A colaboração de moradores de Blumenau, que vinha com as assinaturas, e o auxílio financeiro das empresas e de particulares, fez com que a *Revista Blumenau em Cadernos* não dependesse das vendas.

Em 1997, após a mudança editorial, o número de colaboradores foi reduzindo paulatinamente, fato ocorrido tanto pelo fechamento de algumas empresas ou a venda para grupos nacionais e internacionais. Mas também o fato do novo direcionamento editorial não corresponder com a expectativa da elite em relação da escrita da história da cidade.

---

<sup>91</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, 8 de setembro de 1970 Cx. 2.1

<sup>92</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, 11 de junho de 1965. Cx. 2.1 024



**Figura 3 – Patrocinadores**

Fonte: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XX – nº 01 – janeiro de 1979

Ferreira da Silva foi editor da *Revista Blumenau em Cadernos* no período de 1957 a 1973, não possuindo, nesta época, uma estrutura muito rígida. Sempre havia algum artigo de colaboradores, e na falta destes, do próprio editor, algumas vezes não assinado, mas que já haviam sido publicados pelo autor no *Calendário Blumenauense*. A publicação dos Relatórios da Colônia de Hermann Blumenau também não segue uma seqüência, verificando-se uma distância de vários meses entre um e outro. Nos primeiros anos da *Revista Blumenau em Cadernos* eram poucos os colaboradores. No primeiro ano, temos um artigo de Oswaldo R. Cabral e outro de Lucas Boiteux, que colaborou com freqüência nos anos seguintes.

Em alguns números, as seções *Figuras do Passado* e *Figuras do Presente* não foram publicadas. Ambas as seções tinham a intenção de valorizar os homens que contribuíram ou que atualmente estavam trabalhando para o 'progresso' de Blumenau. Não há nenhuma mulher citada. Nos primeiros

anos de publicação, a seção *Figuras do Passado* traz os primeiros imigrantes citados entre empresários e políticos; posteriormente, figuraram nesta coluna apenas políticos. Apesar da aparente isenção de motivações de cunho partidário, observa-se a publicação de biografias de antigos partidários de Ferreira da Silva, como Amadeu da Luz, Victor Konder, Pedro Cristiano Feddersen, Curt Hering, entre outros. Em *Figuras do Presente*, destaca-se a biografia elogiosa do Prefeito Hercílio Deeke, que irá oferecer ao autor o emprego de Diretor da Biblioteca Municipal em 1962, e a possibilidade de retorno à cidade.. As colunas demonstram a valorização de personalidades políticas presentes na obra do historiador Ferreira da Silva - em que o 'progresso' local é atribuído à ação destes políticos e não a partir do trabalho do coletivo.

A seção *Efemérides* publicava fatos ocorridos em outros anos, naquele mesmo mês. Em seus almanaques *Calendário Blumenauense* de 1934 e 1935, já havia esta coluna, e assim republica os textos na revista. O autor anotava acontecimentos e datas em cadernetas e papéis avulsos<sup>93</sup> para publicação nas edições do segundo ano, demonstrando dedicação e constante preocupação na elaboração desta seção. As efemérides tinham singular importância para Ferreira da Silva, pois acreditava ser “essa uma maneira suave de se dar a conhecer o passado da nossa comuna. (...) dados históricos arranjados em ‘pílulas’! Assim, todos engolem com prazer.”<sup>94</sup> Em 1959, o título da coluna passa a ser *Aconteceu...*, escrita por Cristiana Deeke Barreto.

No primeiro ano também temos a colaboração de Frederico Kilian, escritor, ex-membro do Partido Republicano Catarinense e participante do grupo que fundou – em 1936 - o Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí, juntamente com Ferreira da Silva. Kilian colaborou primeiramente com a realização de entrevistas, e depois com a seção *Vasculhando Velhos Arquivos*, na qual documentos eram transcritos ou traduzidos. Também temos as memórias, entre elas a escrita por Reinoldo Althoff, sobre ‘O abastecimento de água em Blumenau’, feita a pedido de Ferreira da Silva, e discorre sobre obras realizadas por ele quando era prefeito de Blumenau. Em outros artigos da

---

<sup>93</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Originais.

<sup>94</sup> AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Carta a Carlos Ficker, maio de 1965. Cx. 2.1 019

revista, também são abordadas outras obras por ele realizadas. Percebe-se, com isso, que o autor tem uma grande preocupação em deixar publicadas as suas realizações no período em que esteve à frente da Prefeitura de Blumenau, e a *Revista Blumenau em Cadernos* é um meio de ter registrada a sua biografia, ou de fazê-lo um ‘vulto da história blumenauense’.

Ferreira da Silva, posteriormente, escreve algumas colunas mensais como *Os Administradores de Blumenau* em que faz uma pequena biografia de administradores e ex-prefeitos, assim como um pequeno resumo de suas obras. A coluna *Blumenau e sua Imprensa* trazia, a cada mês, informações sobre os jornais editados em Blumenau desde o século XIX. Posteriormente, foi publicado um livro com a edição desta coluna. Em ambas as seções, destacam-se o político e o jornalista José Ferreira da Silva, novamente registrando a sua história pessoal. Na coluna *Estante dos Cadernos*, são resenhados livros sobre a história de Santa Catarina, mas não se tratavam de análises crítica, apenas objetivavam a divulgação das obras que estavam sendo publicadas e, em geral, os livros eram bem elogiados. A *Estante* complementava o papel da *Revista Blumenau em Cadernos* como divulgadora da historiografia catarinense e espaço de socialização.

A cada ano, pequenas mudanças são feitas no *layout* interno e na capa, buscando agradar ao público. Nos anos 60, percebe-se uma maior participação dos colaboradores, que muitas vezes publicam seus artigos em diversas seqüências, como a de Victor Lucas sobre a história de Rio do Sul – SC, Carlos Ficker sobre a história de Joinville – SC, Pe. Raulino Reitz, Ayres Gevaerd sobre história de Brusque – SC, e também de Silvio Coelho dos Santos com o artigo os ‘Xokleng Hoje’, cuja abordagem diferenciava do que a Revista publicava sobre os indígenas no Vale do Itajaí. Mostrar Blumenau ao longo do tempo era uma necessidade, e somente os textos contando a história não bastavam, por isso as fotografias sempre estavam presentes. As seções *Blumenau Antigo* e *Blumenau Pitoresco*, dedicadas à fotografia, também traziam imagens da cidade, em especial das ruas XV de Novembro e das Palmeiras em diversas épocas, espaço em que a fotografia é o foco principal, não aparecendo apenas para ilustrar um texto.

Com a morte de José Ferreira da Silva, em 1973, num acidente automobilístico, a continuação da *Revista Blumenau em Cadernos* passou por



um breve abalo. Mas, no início de 1974, a *Revista* volta a circular sob a direção do jornalista Federico Carlos Allende, contando com o compromisso dos colaboradores para dar continuidade ao periódico.

No primeiro número de 1974, temos homenagens a Ferreira da Silva por parte de muitos dos colaboradores. Algumas das seções freqüentes na *Revista Blumenau em Cadernos*, seguiram o modelo editado por seu fundador, mas nos números seguintes percebem-se algumas mudanças adotadas pelo novo editor.

A presença de artigos de historiadores e intelectuais catarinenses é mais constante: Oswaldo Rodrigues Cabral - que colaborava esporadicamente anteriormente - terá um longo estudo publicado em capítulos; Walter Piazza também se faz mais presente; Gustavo Konder colabora mensalmente; Celso Liberato, Gustavo Neves e Carlos Gaetner, que também foram colaboradores nos últimos anos de Ferreira da Silva na direção da revista. F.C. Allende procura manter os antigos colaboradores, mas busca inserir novas seções e colaboradores, com a permanência do historicismo. A renovação se dá pelas temáticas abordadas, como no ano de 1975, dedicado ao centenário da imigração italiana. Foi a primeira vez que a colonização italiana teve destaque na *Revista Blumenau em Cadernos*, pois anteriormente centrava-se na colonização germânica. O artigo 'Aculturação Lingüística numa colônia de Imigrantes italianos de Sta. Catarina, Brasil 1875 – 1974' de Mário Bonatti<sup>95</sup>, seguido do 'Centenário dos Italianos em SCanta Catarina'<sup>96</sup>, possibilitaram a abertura de um espaço para a memória da cultura italiana em Santa Catarina. Tanto que outros colaboradores, como Pe. Victor Vicenzi<sup>97</sup>, Honorato Tomelin, José Finardi e Ayres Gevaerd, passaram a escrever sobre a cultura italiana para a revista.

Neste período, Ayres Gevaerd passou a escrever a coluna *Aconteceu há 50 anos...*, em pequenas notas e efemérides sobre a história de Brusque; Frei Elzeário Schmitt escreve sobre Gaspar; e Edison D'Ávila sobre Itajaí; acrescentando a história destes municípios. Com isso, Allende pretendia dar

---

<sup>95</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XVI - nº 2 – Fevereiro 1975.

<sup>96</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XVI - nº 3 – Março 1975.

<sup>97</sup> Referenciado como: Professor de francês, História Geral, História do Brasil, História Natural e Física, então Vigário da Paróquia de Rio dos Cedros. *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XV– nº 9 – setembro de 1974.

um caráter mais regional à *Revista Blumenau em Cadernos*, buscando ampliar o seu público leitor.

Allende também publica, de setembro a dezembro de 1974, o texto de José Ferreira da Silva sobre *As Enchentes do Vale do Itajaí*<sup>98</sup>, fazendo uma homenagem ao fundador do periódico, e também divulgando a história de Blumenau, objetivo principal da *Revista Blumenau em Cadernos*. Entre os colaboradores do município, permanece Frederico Kilian, que publica *Subsídios à Crônica de Blumenau*, com traduções do jornal Blumenauer Zeitung, além de algumas biografias e anotações das cadernetas de Emílio Odebrecht. Kilian é a referência de continuidade do periódico, apesar da mudança de seu editor. Em 1976, a referência ao município está presente no artigo do Dr. Paulo Malta Ferraz, intitulado *Pequena História da Colonização de Blumenau – 1850 – 1883*<sup>99</sup>, seguindo a idéia dos grandes artigos, publicado em seqüências.

Em 1975, a revista volta a publicar resenhas na seção *Estante Catarinense* - escrita por Carlos Braga Muller, espaço que mantém a concepção de Ferreira da Silva de divulgar as obras sobre a história de Santa Catarina. Num pequeno editorial, o colunista referencia Ferreira da Silva, destacando que a “seleção e pesquisa de autores de nosso Estado era uma meta estabelecida”<sup>100</sup>, ressaltando, assim, o papel da *Revista Blumenau em Cadernos* como divulgadora dos trabalhos históricos em Santa Catarina. Este objetivo foi ampliado sob a direção de Allende, quando possibilitou a abordagem de novos temas na *Revista*, ampliando o número de colaboradores convidados. Em janeiro de 1977, foi ampliado ainda mais o espaço de socialização da *Revista* ao convidar pesquisadores e memorialistas para publicarem seus trabalhos. Nota-se, com isso, que se buscava um amplo alcance de colaboradores, conforme o convite adiante transcrito:

Convidamos pois os historiadores, professores de História, museólogos, bibliófilos e universitários, enfim todos os pesquisadores, cultores e estudiosos das nossas tradições culturais a submeterem à Redação da 'Blumenau em Cadernos' os seus artigos, teses, comunicações e obras semelhantes, bem

---

<sup>98</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XV– nº 9 – setembro de 1974, nº 10 – outubro de 1974, nº 11 – novembro de 1974 e nº 12 – dezembro 1974.

<sup>99</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XVII - nº 3 – março de 1976; nº 4 - abril de 1976; nº 5 maio de 1976;

<sup>100</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XVI - nº 4 – abril de 1975, p 119. (Grifo meu)

como as suas sugestões sobre assuntos da História catarinense que mereceriam divulgação nestas páginas.<sup>101</sup>

Como é possível perceber, Allende buscou uma contínua renovação da *Revista Blumenau em Cadernos*, principalmente quando passou a solicitar a participação de universitários e novos pesquisadores, mantendo os demais colaboradores, mas ampliando as possibilidades da Revista se tornar um espaço de divulgação das pesquisas históricas sobre Santa Catarina.

Allende permaneceu como editor até setembro de 1977, quando é substituído por José Gonçalves, jornalista e linotipista, que fica até 1996. Gonçalves conduz a *Revista Blumenau em Cadernos* retomando o formato original editado por Ferreira da Silva, e com ênfase somente na história de Blumenau.

A seção *Aconteceu...*, no formato de efemérides, volta a ser publicada com pequenas notas sobre a história de Blumenau, complementada com a seção *Curiosidades*, muitas vezes com reedições dos textos de Ferreira da Silva. É possível perceber, na linha editorial, a referência ao fundador, presente na reedição de antigas seções, como *Figuras do Passado*, com novas biografias, mas seguindo a concepção de exaltação de alguns indivíduos como líderes da história do município, uma clara referência ao culto de personalidades na história.

Durante muitos anos, foram publicadas genealogias de diversas famílias blumenauenses, seção intitulada com o nome de *Genealogia*. Também houve a publicação de transcrições e traduções de documentos como cartas, diários, registros do Tombo da Igreja Católica. Os artigos tornaram-se escassos, e em alguns anos sequer houve publicação de artigos, editando-se apenas transcrição de documentos. Aos poucos, a *Revista Blumenau em Cadernos* deixa de se caracterizar como um espaço de socialização da história catarinense e torna-se um periódico de subsídios históricos. Entre os colaboradores freqüentes figuram Theobaldo Costa Jamundá, e Enéas Athanázio, que escreverá a coluna *Autores Catarinenses*. Os demais colaboradores deixam de publicar artigos oriundos de pesquisas. Neste período, também tivemos a publicação da *História Romanceada de Blumenau*,

---

<sup>101</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XVIII - nº 1 – janeiro de 1977.

de Nemésio Heusi, uma agradável leitura em que os pioneiros aparecem como heróis, mas que permite ao leitor sentir-se presente na história.

As memórias, crônicas e reminiscências foram os destaques, e assim o periódico passa a ter um caráter memorialista, centrado na história de Blumenau. Por meio do conjunto destas memórias, genealogias e documentos, pretende-se mostrar o passado da comunidade em que diversas pessoas aparecem – apesar de alguns nomes continuarem como referência - mas abre-se espaço para a participação de outras pessoas na história de Blumenau. A *Revista Blumenau em Cadernos* deixa de ser um espaço de socialização dos intelectuais catarinenses para tornar-se um espaço de socialização das memórias blumenauenses.

É importante ressaltar que neste período houve publicação de poucas imagens, em geral de homens na coluna *Figuras do Passado*, ou quando havia referência ao falecimento de algum intelectual ou político catarinense. Não se vê a publicação de imagens da cidade ilustrando os artigos ou memórias, talvez pelo fato da impressão da revista ter sido em linotipo, ou seja, em processo artesanal.

Em 1997, a historiadora Sueli Petry assume a direção da *Revista Blumenau em Cadernos*. Nesse período, foi criado um conselho editorial, que passou a fazer uma análise do conteúdo e da história da revista, o que implicou em mudanças na sua linha editorial; buscando a publicação de artigos científicos, oportunizando a divulgação da produção universitária, e continuando com publicação de memórias. Definem-se novas seções fixas, como *História & Historiografia*, com artigos científicos; *Artigos*, que publicará textos inéditos com diversas temáticas; *Memórias, Documentos Originais*, que apresenta a transcrição ou tradução de documentos; *Burocracia & Governo*, que divulga os documentos oficiais - como os Relatórios das Colônias e os Códigos de Postura do município; permanecendo a seção *Estante Catarinense*, de Enéas Athanázio.

A possibilidade de publicação da pesquisa universitária faz da revista novamente um espaço para a divulgação da produção historiográfica catarinense, e não apenas da história de Blumenau. A revista passa a ser editada em *off-set*, suas capas e seu *layout* passam a ser melhor elaborados, e fotografias ilustram os textos e a capa. A revista passa integrar as publicações

da Editora *Cultura em Movimento*, da Fundação Cultural de Blumenau. Com a presença de um Conselho Editorial, a *Revista Blumenau em Cadernos* torna-se mais criteriosa na publicação dos seus artigos, mas não mantém uma abordagem historiográfica específica.

As fotografias da *Revista Blumenau em Cadernos* permitem observar o que muitas dessas imagens poderiam significar para o leitor, ou seja, a afirmação de determinado conceito sobre a cidade de Blumenau. É o que examinaremos a seguir.

## CAPÍTULO II

### A Cidade e seus Personagens

#### 2.1 Usos da Fotografia

Determinar os usos da fotografia e o papel do fotógrafo na produção da imagem é importante para a análise das fotografias veiculadas na *Revista Blumenau em Cadernos*. Observa-se que o uso da fotografia não se constitui somente em uma imagem para ilustrar um texto. As fotografias veiculadas passaram por dois processos de seleção: primeiramente pelos fotógrafos - alguns amadores e outros profissionais, e depois pelos editores. Assim, temos dois momentos históricos no processo de escolha, e a princípio nos detivemos na análise dos editores.

A fotografia, como toda manifestação não verbal do indivíduo, é um simulacro que leva quase concomitantemente a sua interpretação e busca de sentidos. Barthes cunhou duas expressões que sintetizam o que a fotografia pode causar. O *Studium* – uma espécie de investigação geral:

É pelo *studium* que me interesso pela fotografia, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos, pois é culturalmente que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações”.<sup>102</sup>

E *Punctum* – que significa ferir, machucar. Uma fotografia, segundo Barthes, pode ferir e mortificar o indivíduo. E sentencia: a foto é perigosa! Elas informam, representam, surpreendem, dão significados, provocam vontades.<sup>103</sup>

Decerto, ao nos ensinar um novo código visual, a fotografia transforma e amplia nossas noções sobre o que vale a pena olhar e o que efetivamente

---

<sup>102</sup> BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p 48

<sup>103</sup> Idem p 48

podemos observar. Constitui um saber que prevê uma gramática, ou ainda uma ética do ver.

A fotografia talvez seja, dentre todos, “o objeto mais misterioso que compõe e dá consistência ao mundo que identificamos como moderno.”<sup>104</sup> Aparentemente, a fotografia fornece ‘provas’, no entanto, não constitui depoimento sobre o mundo, mas fragmento desse. Ela pode ser reduzida, ampliada, cortada, retocada, consertada, distorcida. Envelhece, desaparece, é reproduzida, é comprada, é vendida. É acumulada em álbuns, em *slides*, em jornais e revistas, é codificada pela polícia, é exposta em museus e, enfim, é arquivada. Houve uma época em que a fotografia exigia um trabalho caro e incômodo – brinquedo dos inteligentes, ricos e obcecados –, o que não retrata mais a situação atual, transformando-se num divertimento que se pratica amplamente, mas não com o mesmo sentido do passado. Para alguns é arte, para outros, instrumento contra a ansiedade, instrumento de poder, instrumento de trabalho.

O turismo, atividade também construída em nossa contemporaneidade, só se faz definitivamente com as ‘provas’ da viagem, da diversão e do consumo. A foto, também é um *souvenir* que serve agora ao turista, e já serviu ao viajante/antropólogo, que se fazia valer dos relatos e relíquias/vestígios.

A fotografia – arte por excelência de ascendentes camadas burguesas – dificilmente escapa, no século passado, da ótica estereotipada de teorias raciais determinadas (...) Fotografias de diferentes “tipos étnicos” possuíam certas características comuns: o grotesco era destacado e o “estado selvagem” denunciado como fato ultrapassado (...) a câmera também foi usada como meio de auto-propagação, capaz de exaltar a lavoura dos próprios sertanistas, antropólogos e médicos no seu pioneirismo e heróico serviço em favor das ciências objetivas.<sup>105</sup>

Ao relacionar fotografia e história, é preciso perceber que há duas formas de estudar e utilizar esta na história. Uma delas é a História da Fotografia, em que os historiadores, que se dedicaram a este estudo, procuram narrar e analisar o uso e as formas da fotografia, desde a sua invenção. A outra, seria a utilização da fotografia como fonte histórica, em que fotografias de particulares, museus, arquivos, entre outros, são utilizadas como documento que revela informações do passado, constituindo-se em fonte para o historiador, a fim de

---

<sup>104</sup> Ibidem. p 48

<sup>105</sup> RIEDE, Titus. *Sem Título*. Mimeografado. Anpuh: Belo Horizonte, 1997.

comprovar sua pesquisa. A fotografia como fonte histórica, têm usos distintos: o historiador poderá utilizá-la como ilustração da sua pesquisa, de modo a comprovar a ocorrência de determinado fato; ou poderá escrever a história a partir da análise de fotografias, opção que oferece inúmeras maneiras de construir o relato histórico, podendo-se lançar inúmeras interpretações sobre uma foto.

A historiadora Miriam Moreira Leite<sup>106</sup> parte do princípio de que fotografia histórica é toda aquela que nos chega às mãos pronta, que já foi produzida há algum tempo em relação ao momento em que é analisada. Portanto, o historiador não vai produzir fotografias para sua pesquisa, mas analisar o que foi produzido durante o período estudado.

Diferente de outras disciplinas das Ciências Humanas, a história, atualmente, percebe a fotografia como fonte histórica, tendo a mesma importância de um documento escrito ou relato oral. Portanto, ela deverá ser estudada, analisada e confrontada da mesma maneira que os demais documentos históricos; daí a importância do estudo de sua gênese.

Esta forma de pensar a fotografia é recente. Um exemplo de trabalho nesta perspectiva é o de Miriam Moreira Leite, exposto em seu livro *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. A historiadora analisa a fotografia sob diferentes perspectivas, a própria fotografia e seu enunciado, procurando perceber o sentido simbólico nas poses dos retratados, como também o tratamento que estas recebem das famílias, ou seja, como as pessoas se utilizam da fotografia enquanto artefato.

A fotografia jornalística passa por um processo de seleção diverso da fotografia amadora, visto que a sua principal intenção é *chocar*, e a seleção é realizada com este intuito, portanto é mais criteriosa. É preciso perceber que o editor de um jornal ou revista terá inúmeras fotografias sobre determinado assunto, e entre elas serão selecionadas uma, duas, no máximo quatro fotos. Após a seleção, as fotografias poderão passar por um processo de retocagem e exclusão de elementos considerados incompatíveis com o assunto, ou ainda por outros critérios. Por fim, a fotografia é legendada e comentada – ou seja, é

---

<sup>106</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP, 1993.



feita a reportagem escrita, visto que 'a imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que estruturalmente, é parasita da imagem.'<sup>107</sup>

Pode-se afirmar que a imprensa escrita seleciona o que deve ser visto na fotografia, e não apenas pelo processo de seleção e retocagem. A legenda e o texto também vão determinar o que deve ser visto, pois direcionam o olhar. Barthes fez o seguinte comentário a respeito das fotografias jornalísticas:

Essas fotos de reportagem são recebidas (de uma só vez), eis tudo. Eu as folheio, não as rememoro; nelas, nunca um detalhe (em tal canto) vem cortar minha leitura: interesse-me por elas (como me interesse pelo mundo), não gosto delas.<sup>108</sup>

Este direcionamento limita a leitura da fotografia, pois enquanto em uma fotografia de 'Álbum de Família' cada detalhe torna-se importante por constituir a memória da família, a fotografia veiculada em jornal ou revista vem acompanhada de legenda determinando o que existe de importante, o que deve ser visto, forçando-nos a ignorar o restante da fotografia, ou seja, o que não consta na legenda. E esta relação com a fotografia, por vezes confusa, acontece porque o objeto é o jornal ou a revista, e não a fotografia. A fotografia/objeto exerce certa influência sobre nós, faz-nos ter uma relação mais atenta, mais íntima com o seu enunciado. Relação esta que não existe com um jornal, pois muitas vezes as fotografias nele contidas são muitas vezes ignoradas, ou passíveis de um rápido olhar, mas não de atenção.

Já a fotografia ilustrando um texto histórico passa a ter uma perspectiva diferente, pois evidencia seu caráter de testemunho de verdade, ou seja, ela está ali como uma prova do fato histórico, não compreendida como objeto de construção do fotógrafo, mas tão somente como emanção do referente. Na fotografia,

A cidade sempre está longe, e essa sensação de afastamento, tão de perto, é inesquecível. Vêem-se os edifícios e as praças e as avenidas e se vê o subúrbio que declina para oeste até perder-se no campo. Não é um mapa nem uma maquete, é uma máquina sinóptica; toda a cidade está ali, concentrada em si mesma, reduzida a sua essência.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> BARTHES, Roland. *O Óbvio e o Obtuso: Ensaio sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p 20

<sup>108</sup> BARTHES. 1984. Op. Cit. p 67

<sup>109</sup> PIGLIA, Ricardo. *O Último Leitor*. São Paulo: Cia das Letras, 2006 p 12.

O fotógrafo, em sua seleção de espaços, preserva a memória da cidade, consagrando determinados lugares, mas por vezes atuando como aquele que denuncia. A cidade que chega até nós é uma seleção de espaços consagrados pelo fotógrafo num primeiro momento, que depois tornam-se parte da memória social ao serem divulgados em postais, livros comemorativos e revistas que têm o *status* de memória oficial da cidade.

Na *Revista Blumenau em Cadernos*, nem sempre é possível identificar os fotógrafos, pois os seus originais não possuem nenhuma identificação do autor. Muitas das imagens sobre a cidade de Blumenau são de Hans Baumgarten, conforme memórias de seu filho Alberto Baumgarten<sup>110</sup>. Ou seja, é possível relacionar estas pelo livro do *Centenário de Blumenau*, mas não precisar sua autoria. Outro fotógrafo foi Bernhard Scheidemantel, que trabalhou no município no final do século XIX e início do século, cujo estúdio e equipamento fotográfico foi comprado por Hans Baumgarten. Scheidemantel também foi editor do jornal em língua alemã *Immigrant*, até 1891, quando cessou sua publicação porque foi obrigado pelos acionistas a seguir orientação política contrária a que havia assumido até o momento, em relação a mudanças nos estatutos das comunidades protestantes. Este debate, interno à comunidade, tornou-se público pela atuação dos jornais *Blumenauer Zeitung*, favorável à inovação dos estatutos, e o *Immigrant*, cujo articulador do debate era Fritz Müller, que defendia o ateísmo. Ao ser pressionado pelos acionistas, o editor prefere fechar o jornal, ao invés de colaborar com a censura imposta.

## 2.2 Retratos e a construção do Mito Fundador

Entre as fotografias presentes na *Revista Blumenau em Cadernos*, há inúmeros retratos, e é possível compreendê-los como um conjunto, um discurso sobre a colonização da cidade e sobre as famílias. Alguns são bastante significativos por sua repetição.

Estes retratos podem nos elucidar a compreensão que se tinha da realidade no século XIX, visto que tinha intenção de ser um testemunho da

---

<sup>110</sup> BAUMGARTEN, Alberto. *Pioneiros da Arte Fotográfica*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLV – nº 07/08 – julho/agosto de 2004.

verdade desta época - uma representação de sua existência para a história. Porém, não é possível fazer a leitura destes retratos como um momento histórico perpetuado, mas como uma construção, tanto pelas suas poses, como por seus cenários.

O retrato, de fato, ativa um mecanismo cultural que faz o indivíduo alcançar a própria identidade graças ao olhar do outro.<sup>111</sup> A fotografia, que por vezes será a única que o retratado do século XIX possuirá, representa seus anseios, e constitui uma identidade social a ser perpetuada. A pose, os trajes e o cenário são suportes importantes na construção social da imagem do fotografado. A fotografia permite esta visão de si por inteiro, assim como perpetua a imagem de si, fato antes obtido pela pintura de retratos, restritos às classes abastadas e sem o realismo fotográfico; assim a fotografia dita padrões estéticos largamente difundidos. Representa uma ruptura na percepção do corpo, pois permite que este seja atentamente observado em todas as suas minúcias, num olhar que o pudor não permite que se dirija ao outro pessoalmente. Este pudor, de certa forma, ameniza as normas estéticas. Porém, com o advento da fotografia, os corpos tornam-se mais 'visíveis', estabelecendo normas, ou melhor, corpos normais, aceitáveis para a sociedade. A popularidade da fotografia fez com que as pessoas percebessem o corpo diferentemente do que vinham percebendo até então. Assim como fez surgir certos padrões de postura diante da câmara, "o desejo de idealizar as aparências, o repúdio ao feio, conforme os cânones da pintura oficial, convergem igualmente para o ordenamento do retrato-foto."<sup>112</sup>

Segundo Fabris, por meio do retrato fotográfico, a burguesia – ao tomar lugar da velha aristocracia – apropria-se de um de seus privilégios simbólicos mais ostensivos, ao qual confere de imediato um significado de auto-afirmação individual e coletiva.<sup>113</sup> Neste sentido, o retrato fotográfico representa os valores de um grupo, evocando o verdadeiro, o belo e o virtuoso, por meio das poses, cenários e maquiagens, demonstrando o modelo a ser seguido, assim como o pertencimento do retratado a este grupo. A fotografia guarda em si uma

---

<sup>111</sup> FABRIS, Annateresa. *Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p 51

<sup>112</sup> CORBIN, Alain. *O Segredo do Indivíduo*. In *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p 426

<sup>113</sup> FABRIS, 2004. Op. Cit. p 39

capacidade ficcional, dado o seu processo de criação. Sobre a natureza ficcional da fotografia, Kossoy destaca que esta é “intrínseca à trama fotográfica, que constitui o alicerce cultural, estético e ideológico das manipulações que ocorrem *antes* (finalidade, intenção, concepção), *durante* (elaboração técnica e criativa) e *após* (usos e aplicações) a produção fotográfica.”<sup>114</sup>

Ao observar as fotografias do século XIX veiculadas na *Revista Blumenau em Cadernos*, percebe-se implícito o discurso do colonizador, aquele que veio para dominar a natureza selvagem, civilizar, fazer surgir da selva casas, prédios, ruas, fábricas, tecnologia, etc.

Entre estas tecnologias, a própria fotografia simboliza o moderno, o novo. Inventada por Daguerre, em 1839 (na França), torna-se acessível a um maior número de fotógrafos após 1850. Tratava-se de um equipamento pesado, negativos em frágeis vidros, o que exigia do fotógrafo um olhar atento ao cenário fotografado. A preparação do momento certo era necessária, sua mensagem teria uma ou duas chances para ser gravada, pois o alto custo da fotografia não admitia muitas experimentações, e este fato influenciava o resultado final das fotografias produzidas no final do século XIX e início do século XX. O desenho da luz não é um instante aleatório do tempo, mas um instante escolhido, cuidadosamente analisado, que em sua grafia nos traz o discurso de uma época. A imagem fotográfica é construída a partir da focalização, enquadramento e perspectiva do fotógrafo. Este, ao realizar sua fotografia, imprime nesta a sua história, a sua compreensão da realidade. Ou seja, tudo o que contribuiu para a sua construção, enquanto indivíduo. A fotografia sintetiza a cultura da pessoa ou paisagem que está fotografando, a ideologia, o momento histórico vivenciado, porque o fotógrafo está sendo influenciado pelo ontem e pelo agora.

Este fotógrafo/sujeito, historicamente construído, ao determinar a temática de suas fotografias, está fazendo uma escolha, e neste contexto a fotografia não é apenas a emanção do referente, do objeto/cenário fotografado, mas a emanção de um referente previamente escolhido, enquadrado, focalizado. E são estes aspectos, considerados técnicos - como a perspectiva, a focalização,

---

<sup>114</sup> KOSSOY, Boris. *Os Tempos da Fotografia: O efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. p 54 (Grifo do Autor)

o enquadramento, o uso da luz, etc., é o que diferencia e consagra um fotógrafo, é a sua assinatura, da mesma maneira que o uso das cores, o tema, as pinceladas, são a assinatura de um pintor. A fotografia torna-se, portanto, uma linguagem do fotógrafo. Linguagem em que muitas vezes é preciso conhecer o fotógrafo, sua história, seus objetivos, para compreender a sua obra.

Porém, o fotógrafo permanece incógnito na maioria das ocasiões, principalmente em relação às fotografias familiares ou as milhares de imagens de um arquivo, pois seus autores são desconhecidos. O autor sempre corre o risco de ser suplantado por sua obra, ou como nas palavras de Foucault: “A obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser a assassina do seu autor.”<sup>115</sup> E este fato torna-se mais evidente no que diz respeito à fotografia em seus primeiros tempos, cuja imagem é a aura do fotografado, não de quem fotografou. A fotografia é percebida como cópia, imitação da realidade, e não uma imagem construída pelo fotógrafo. A autoria fotográfica por vezes foi discutida, reconhecida entre jornalistas e artistas, mas ignorada ou esquecida nas fotografias familiares. A respeito, Susan Sontag destacou que “... a força da imagem fotográfica origina-se no fato de serem elas realidades materiais por direito próprio, depósitos ricos em informação deixados no rastro da coisa que as emitiu...”<sup>116</sup> Por realizar-se através de um processo químico, em que a imagem se imprime no filme ou outro material devidamente preparado, a fotografia tem este aspecto de suplantar o fotógrafo, visto que se está fazendo uma ‘cópia’, e não criando, como ocorre com uma pintura. A princípio, este preponderante valor de denotação<sup>117</sup> tende a mascarar a fotografia, porém seria ingênuo vê-la como uma ‘imitação’ da realidade. A fotografia ‘é algo eminentemente fabricado, e essa fabricação assenta-se sobre convenções relativas à representação: representa somente algo que se assemelha às cenas no momento em que são

---

<sup>115</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. 3. ed. Lisboa: Vega, 1997. 160p.

<sup>116</sup> SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a Fotografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1981. p 172

<sup>117</sup> Barthes cunhou dois termos para demonstrar que a imagem é portadora de uma dupla mensagem: conotação, que remete a um determinado saber cultural e seus significados, e outra não codificada, denotação, cujo caráter analógico supõe a reprodução do real, presente na imagem. BARTHES, 1984.Op.Cit. p. 35-40.

fotografadas.<sup>118</sup> Neste estudo, a fotografia não será compreendida como uma cópia da realidade ou usada como ilustração da pesquisa, pois ela e o texto formam uma narrativa, complementando-se, ou seja: a fotografia é percebida como linguagem, em que é valorizado o sentido de conotação.

A fotografia pensada como objeto de estudo, um artefato cultural, e, partindo das questões - O que se fotografa?, Para que se fotografa? O que não se fotografa? - poder-se-á analisar os valores, conflitos, relações e práticas sociais. Assim, a fotografia permite uma reconstituição da História Cultural de determinado grupo social, pois são objetos que retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, e aprofundam a compreensão da cultura material e suas transformações ao longo do tempo. Portanto, é uma fonte em que o pesquisador pode explorar o seu sentido simbólico para o grupo social estudado, assim como o simbólico nela contido. Então, 'ela fala claramente, neste sentido, não apenas sobre o objeto fotografado, mas, de modo igualmente evidente, sobre a cultura e estilos de vida de quem opera a câmara.'<sup>119</sup>

Como artefato cultural, a fotografia é um *souvenir*, que para o viajante serviu para dar veracidade aos seus relatos. A fotografia participava da ótica estereotipada de teorias raciais, e nela destacava-se o grotesco, o 'estado selvagem', como um fato ultrapassado, marcando os 'tipos étnicos' e dividindo-os em mais evoluídos ou menos evoluídos. Aparentemente, a fotografia fornece provas da realidade, no entanto, não se constitui em depoimento sobre o mundo, mas fragmento deste. Portanto, a realidade representada é fragmentada, não deixando, contudo, de ser um discurso que se pretende inteiro.

Os retratos do século XIX dos diversos personagens da História de Blumenau seguem o padrão europeu em seus trajes, mas sobretudo em suas poses, características dos estúdios fotográficos, onde existia um guarda-roupa, de modo que o fotografado pudesse pousar com roupas elegantes, e transmitir

---

<sup>118</sup> ALEGRE, Maria Sylvia Porto. *Reflexões sobre Iconografia Etnográfica: por uma hermenêutica visual*. In Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências humanas. Campinas: Papirus, 1998. pp 78

<sup>119</sup> NOVAES, Sylvia Caiuby. *O Uso da Imagem na Antropologia*. In O Fotográfico. São Paulo: Hucitec, 1998. p115

prosperidade econômica e social. Em relação a estas fotografias, podemos concordar com Kossoy:

O cliente “se converte, ele mesmo, num acessório do estúdio”. Suas poses em geral obedecem a padrões pré-estabelecidos e já institucionalizados de acordo com sua atividade profissional e sua posição social. (...) O cliente de estúdio, porém, nem sempre correspondeu a essa expectativa padronizada, pois; enquanto personagem diante da câmara, por que não congelar sua imagem para eternidade representando o que ele não era de fato na realidade?<sup>120</sup>

Nas imagens, os personagens fotografados estão com os melhores trajes, e neste momento da história a fotografia não é realizada para constituir um Álbum de Família, mas sim para ser presenteada aos outros, a *Carte du Visite*. Mais do que eternizar momentos agradáveis em família ou entre amigos, pretende-se eternizar um ideal de prosperidade. No retrato, o sujeito pode se reafirmar ou se inventar:

Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga a aquele de que ele se serve para exibir sua arte. Imaginariamente, a fotografia representa esse momento muito sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma microexperiência da morte: torno-me verdadeiramente espectro.<sup>121</sup>

Compreendendo a fotografia como uma construção discursiva, os colonizadores/personagens dos retratos blumenauenses simbolizam a vitória da civilização sobre o mundo selvagem brasileiro. Alguns dos retratos mostram os colonizadores ao ar livre, com a mata no fundo, contrastando com seus trajes europeus, relógios de bolso, copos de vinho, chapéus e outros acessórios. Muito além dos acessórios, as poses destacam-se nestes retratos, pois são características de um estúdio em que o fotógrafo dispõe as pessoas para dar simetria ao retrato (Figura 4). “A fotografia, por vezes, representa os mitos do fotógrafo, mitos estes que aproximam a fotografia da sociedade, um desejo, um anseio da sociedade, em que a fotografia cumpre o seu papel de informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade.”<sup>122</sup> Neste sentido, toda fotografia é incerta, necessitando por vezes assumir uma

---

<sup>120</sup> KOSSOY, Boris. *Origens e Expansão da Fotografia no Brasil: Século XIX*. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1980, p 44

<sup>121</sup> BARTHES. 1984. Op. Cit. p 27

<sup>122</sup> BARTHES. 1984. Op. Cit. p 48

máscara, um sentido para que a sociedade a aceite, e transforme-a numa memória estética, mas não política, pois seu sentido político pode ferir a memória oficial.

Ferreira da Silva, em sua trajetória como historiador, elabora sua escrita em torno da exaltação do mito de fundação da Colônia Blumenau. Mito este construído em torno de Hermann Blumenau como idealizador da Colônia, o visionário alemão, o bravo e destemido homem que se aventurou nas selvas brasileiras para transformá-las num mundo civilizado. Ao lado deste, os primeiros imigrantes, aqueles que acreditaram na construção de um novo mundo além do Atlântico. A idealização desta fundação, cercada pelo imaginário, fez-se presente de forma constante no texto e fala de Ferreira da Silva, cuja repetição pretendia a eternização do mito. Seu texto - que relembra o fundador e suas dificuldades - traz para o presente continuamente este instante da história, fazendo deste o motivo para o 'progresso' do município. É importante que a comunidade não esqueça sua origem, buscando nesta o sentido do seu presente.

Segundo Chauí, mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.<sup>123</sup> A epopéia<sup>124</sup> de Hermann Blumenau, Fritz Müller e os primeiros imigrantes é especialmente difundida por Ferreira da Silva em seus jornais, nas biografias, em especial *Fritz Müller*<sup>125</sup> (1931) e *O Doutor Blumenau*<sup>126</sup> (1933), e ainda no *Calendário Blumenauense* e também como administrador de Blumenau, por meio da implantação de monumentos em homenagem a estes, e nas constantes referências em seus discursos.

O livro editado em comemoração ao centenário é um marco importante na narrativa visual da história de Blumenau, pois neste foi organizado um conjunto de fotografias com o intuito de representação de sua história. Parte destas imagens foi escolhida pelos editores da *Revista Blumenau em Cadernos*, para

---

<sup>123</sup> CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. SP: Ed. Perseu Abramo, 2000, p. 09.

<sup>124</sup> Epopéia é um termo constantemente usado por Ferreira da Silva em seus discursos, palestras, livros e artigos para designar os primeiros anos da colonização de Blumenau, o uso deste termo faz referência a compreensão de do autor em relação a fundação da colônia.

<sup>125</sup> SILVA, José Ferreira. *Fritz Muller*. Blumenau, 1931

<sup>126</sup> SILVA, José Ferreira. *Doutor Blumenau*. Blumenau, 1933



constituir sua narrativa histórica. Essas fotografias representam Blumenau ao longo do tempo histórico, estabelecendo identidades e memória a personagens e lugares considerados históricos.

Novos suportes são necessários a fim de garantir a perpetuação da história, assim a *Revista Blumenau em Cadernos* torna-se um novo meio de reorganizar a representação do mito fundador ao longo da história de Blumenau. Os textos sobre Blumenau presentes na revista não são novos, pois já haviam sido editados anteriormente por Ferreira da Silva, mas a publicação em forma de *cadernos* permitiu uma nova forma de repetição desta história. Com efeito, 'o futuro não se faz sem o passado, e este é um ato humano de rememoração. Seria básica a realização de um processo de 'narração' da história, que identificasse os acontecimentos, os personagens e 'os sentidos' de seus atos.'<sup>127</sup>

Neste processo de narração, imagens são escolhidas para rememorar esta origem, compreendidas como cópias da realidade que farão prova da verdade contida nos textos dos historiadores blumenauenses, como José Deeke e José Ferreira da Silva, publicados na *Revista Blumenau em Cadernos*. Assim, imagem e texto complementam-se na construção do discurso em torno do mito de fundação de Blumenau.

A fotografia "*Primeiros Imigrantes blumenauenses*"<sup>128</sup> (Figura 4) consta na *Revista Blumenau em Cadernos* como ilustração de textos diversos referentes à colonização, com duas legendas: '*Primeiros imigrantes blumenauenses – 1867*' ou apresentando a relação de homens na fotografia, e em alguns casos destacando suas atividades profissionais: '*Gustavo Spierling – Carlos Friendereich – Dr. Bernardo Knoblauch (médico) – Carl Meyer – Hans Breithaupt (Agrimensor) – Oswaldo Hesse (Pastor Luterano) – Carl Friendereich (veterinário/parteiro/médico) – Victor Gaertner (sobrinho Dr. Blumenau) – Hermann Winderburg (Vice-presidente da Colônia).*' A imagem por si representa em sua narrativa o discurso do progresso e da civilização, e a legenda reforça esta concepção ao referenciar as profissões (médico, veterinário, agrimensor) destes colonos. O valor atribuído à formação

---

<sup>127</sup> GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 23

<sup>128</sup> Reproduzida nas edições: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX - nº 08 – Agosto 1998, p 31; *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo I - nº 3 – Janeiro 1958, p. 52

profissional deles enfatiza uma possível superioridade intelectual dos homens que formaram a Colônia Blumenau, considerada a primeira causa do progresso vivenciado pela cidade, assim nas palavras de José Ferreira da Silva:

(...) não nos cansamos de ressaltar e louvar no comportamento dos pioneiros blumenauenses, como marcantes no processo evolutivo da nascente Comunidade, pelas magníficas lições de trabalho de ordem, de disciplina, de atividade constante dos nossos antepassados.<sup>129</sup>



**Figura 4 - Primeiros Imigrantes Blumenauenses – 1867**

Fonte: Revista Blumenau em Cadernos, Tomo I - nº 3 – Janeiro 1958, p. 52

O mito fundador não é apenas constituído pelas imagens que são veiculadas na revista, mas também por aquelas que estão ausentes, como fotografias das primeiras colonizadoras. Estas imagens fazem parte do acervo do Arquivo Histórico, mas nos textos referentes à colonização não são usadas como ilustração. O discurso do progresso, que caracteriza os artigos anteriores a este período, exclui as mulheres deste processo. Esposas, filhas ou viúvas, por vezes não têm nome, figuram ao lado de seus maridos e pais, como fiéis companheiras, mas nunca como atuantes na construção da Colônia.

---

<sup>129</sup> SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado no Encontro Internacional de Cantores em Blumenau*. 11 de agosto de 1973. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Fotografias de mulheres tornam-se presentes na revista somente a partir da constituição do Conselho Editorial e a publicação de artigos vinculados à pesquisa universitária, ou seja, a partir de 1997.



**Figura 5 – Damas da Sociedade Blumenauense – 1867**

Fonte: Centenário de Blumenau. Blumenau: Edição Comissão de Festejos, 1950.

Em uma fotografia de 1867 (Figura 5), observam-se algumas mulheres da Colônia Blumenau, produzida no mesmo momento que a fotografia citada anteriormente (Figura 4), mas que não foi utilizada como ilustração de textos referentes ao período de Blumenau Colônia, porém a encontramos no livro *Centenário de Blumenau* entre as outras fotografias selecionadas como representativas destes cem anos de Blumenau.

O mito fundador de Blumenau é em sua essência masculino. Em sua representação, por meio de fotografias e monumentos, figuram homens, sendo exaltados como construtores da Colônia e responsáveis pelo progresso da cidade de Blumenau.

Ferreira da Silva ressalta em sua escrita o passado como a origem do presente. “Nessa concepção, o passado é construído como um antecedente que dá sentido e vida ao presente e, portanto, é um ‘passado vivo’”<sup>130</sup>, em que homens são destacados como heróis e são referências para o presente. Em seus textos, o maior destaque cabe a Hermann Blumenau, como origem espiritual e intelectual da Colônia e, portanto, da cidade em seu presente.

Entre os retratos veiculados na *Revista Blumenau em Cadernos*, o de Hermann Blumenau (Figura 6) é uma constante nestes cinquenta anos de publicação, assim como em outras publicações sobre a história de Blumenau.<sup>131</sup> São poucos os retratos de Hermann Blumenau, porém o jovem Hermann em daguerreótipo em um estúdio na Alemanha não condiz com a imagem de colonizador. A fotografia selecionada não é uma fotografia de estúdio, mas sim feita em seu jardim. Um jardim/estúdio que confronta a selva e o civilizador. Como subtexto, temos as grandes plantas tropicais que anteriormente representavam o perigo do desconhecido, animais ferozes e ‘índios selvagens’, e que agora figurariam dominadas em seu jardim. Esta fotografia veiculada na Alemanha do século XIX, como prova do empreendimento colonizador, traça a trajetória dos colonizadores ao serem pensados como aqueles que enfrentaram o mundo selvagem e impuseram a civilização. A fotografia de Hermann Blumenau reforça o discurso contido nos textos que tratam do empreendimento civilizatório realizado pelos colonizadores, como aquele em que José Ferreira da Silva destaca a ‘epopéia’ dos colonizadores:

Os fastos blumenauenses registram, quase em cada uma de suas páginas, os enormes esforços, as inúmeras dificuldades, os constantes perigos, as renúncias e os sofrimentos por quê tiveram que passar os primeiros colonos, até surgissem os frutos dos seus suores e lágrimas. E, justamente, quando maiores foram essas dificuldades, mais iminentes os perigos, mas deprimentes os desânimos e as decepções, é que se avanta a figura de Hermann Blumenau.<sup>132</sup>

<sup>130</sup> GOMES, 1996. Op. Cit., p 160

<sup>131</sup> Fotografia reproduzida nas edições *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo I - nº 5 – Março 1958, p.8; *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXVII – nº 10 – Outubro 1996, capa; *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX - nº 04 – Abril 1998, p 18; *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX - nº 06 – Junho 1998, p16; *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL- nº 03 – Março 1999, p 19; *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL- nº 10 – Outubro 1999, p 06

<sup>132</sup> SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado na Assembléia Legislativa do Estado de SC*. Florianópolis, 02 de setembro de 1971. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.



A fotografia e o texto repetem esse primeiro momento da fundação da colônia, em que o colonizador supera os perigos da selva brasileira (que na fotografia aparece ao fundo), quase encoberta pelo domesticado jardim tropical.

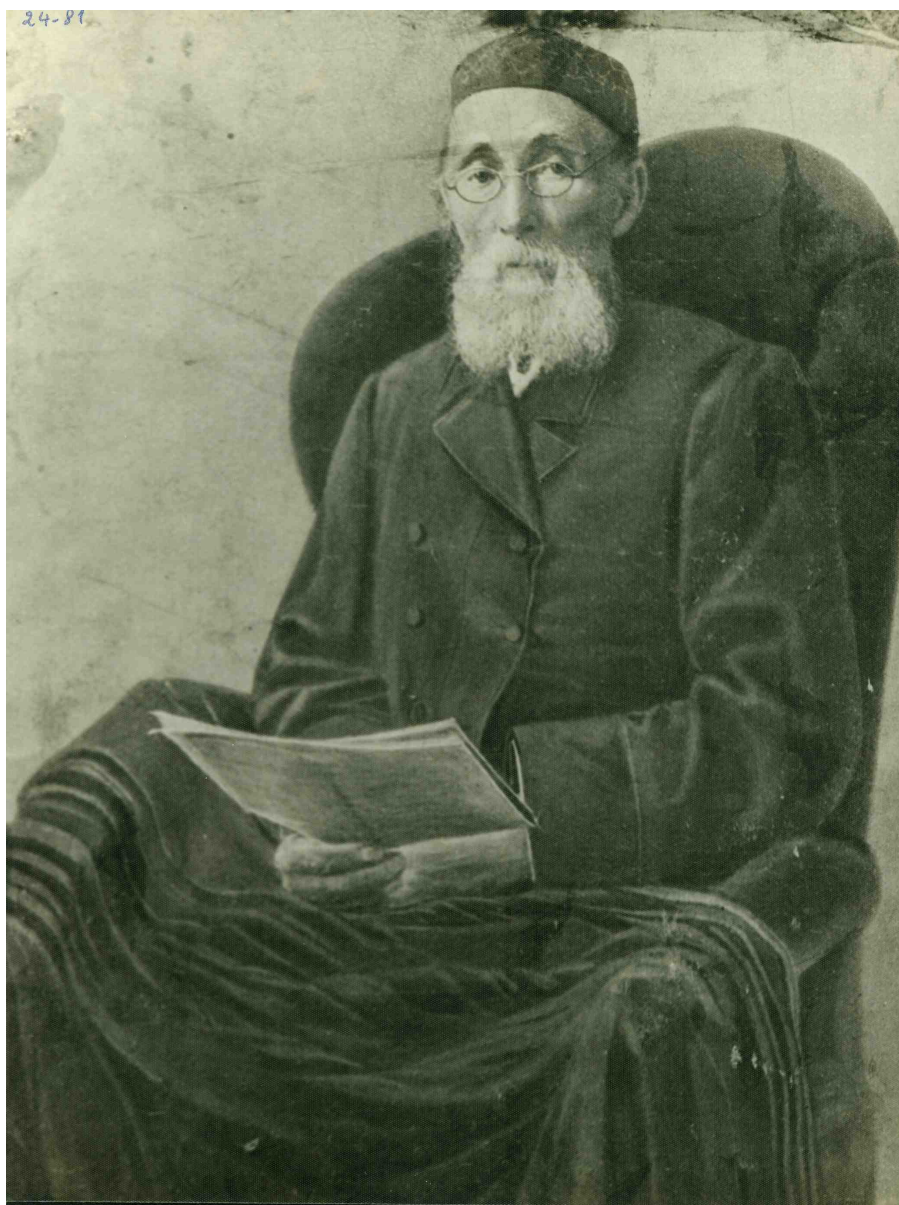


**Figura 6 - Dr. Hermann Blumenau**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo I - nº 5 – Março 1958, p. 81

Ferreira da Silva defende em seus textos que a origem da cidade está intrinsecamente relacionada ao filósofo Dr. Blumenau, em que a formação em filosofia ressalta o caráter intelectual de seu fundador. O fundador/intelectual responde aos anseios vividos por Ferreira da Silva em sua época, onde “se entendia que o progresso social de um povo era material, mas também de ‘civilização’. E, principalmente, porque se sustentava que o acordo entre

‘política’ e a ‘sociedade’ não se faria sem a cooperação dos intelectuais.”<sup>133</sup> Assim, ressaltar Dr. Hermann Blumenau como intelectual engrandece a imagem da colônia como núcleo intelectual, principalmente ao pensarmos a fotografia dos primeiros imigrantes, legendada com a formação deles como médicos, veterinários e agrimensor.



**Figura 7 – Dr. Hermann Blumenau**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX - nº 11/12 – Nov/Dez 1998, p 53

Contrastando com a fotografia de Hermann Blumenau em seu jardim, temos uma imagem pouco utilizada - que é deste em sua velhice na Alemanha (Figura 7). Muito mais do que o homem frágil, não condizente com a imagem

---

<sup>133</sup> GOMES, 1996. Op. Cit., p 137. (grifo da autora)

de colonizador/desbravador que o mito enaltece, poderia representar a sabedoria ou o 'Pai Blumenau', como por vezes Ferreira da Silva refere-se a ele. Porém, a fotografia feita em sua casa na Alemanha, reflete o fato que o fundador abandonou sua colônia, ato inexplicável por parte daquele que 'sacrificou' sua vida para dedicar-se à construção de uma nova vida para os colonos alemães, e sobretudo "para o engrandecimento econômico e cultural de Santa Catarina e do Brasil."<sup>134</sup> Ferreira da Silva afirma que "o regresso do Dr. Blumenau à terra natal, obedeceu aos desejos da esposa. Que nunca pode adaptar-se à falta de comodidades e do conforto que fora acostumada na Alemanha."<sup>135</sup> Assim, o fundador cede às pressões familiares, contrariando seus desejos de permanecer na colônia; e que são forças externas que o afastam de sua obra. Desta forma, o autor preserva o mito de Hermann Blumenau como herói que sempre está lutando contra as adversidades que o afastam de sua 'cidade'.

Na busca da caracterização intelectual dos primeiros imigrantes, o mais representativo é Fritz Muller (Figura 8), o colonizador e cientista, aquele que estudou a natureza local e contribuiu com Charles Darwin no desenvolvimento da Teoria da Evolução.<sup>136</sup> Está entre as personalidades mais exaltadas por Ferreira da Silva, pois como cientista representa a superioridade destes imigrantes que colonizaram a região.

Seu retrato foi feito em Estúdio Fotográfico, e o homem da floresta, nesta célebre fotografia, ironicamente não está ao ar livre, mas sim entre as paredes do estúdio. Seus trajes de naturalista contrastam com a pintura ao fundo, mais ainda com o padrão de retrato fotográfico do período, em que vemos o ideal de vida burguês estampado nestas imagens.

---

<sup>134</sup> SILVA, 1977. Op. Cit. p 150

<sup>135</sup> Idem, p 149

<sup>136</sup> Fotografia também reproduzida na *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXVII – nº 4 – abril 1996, capa





**Figura 8 - Fritz Muller**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo I - nº 8 – jun./jul de 1958, p. 144

Seus trajes simples e a relutância em andar calçado, seguido de suas opiniões polêmicas - principalmente por suas idéias materialistas, o levaram a afastar-se da administração da colônia, visto entrar em conflito com os demais membros, especialmente Hermann Blumenau. Em seu envolvimento no cotidiano da colônia destaca-se o momento em que foi articulador do jornal *Der Immigrant*, fato que ocasionou o fechamento deste, como visto anteriormente. O jornal serviu para divulgar o seu ideal ateuista, e também para rebater críticas e chacotas que costumeiramente recebia da população da colônia, que o tinham mais como uma pessoa estranha e lunática do que o sábio exaltado na escrita de Ferreira da Silva. Segundo Cristiana Deeke Barreto, ao ser



ridicularizado por algumas moças da colônia ao passar descalço pelas ruas centrais da colônia, foi defendido por pessoas que presenciaram o fato e publicaram estes versos em defesa de Muller no *Der Immigrant*: ‘*Besser ist’s, barfuss in Ehren, / Als gestiefelt in Schande zu gehen.*’<sup>137</sup> O observador da natureza, em sua simplicidade, era considerado excêntrico na colônia, e por vezes incômodo.

O ateísmo de Fritz Muller era compreendido por Hermann Blumenau como uma ameaça à integridade da colônia, e a relação entre eles era bastante conflituosa. Assim que o presidente da província de Santa Catarina, João José Coutinho, fundou o Liceu Provincial, Blumenau indicou Fritz Muller para lecionar, fato que o obrigaria a morar em Desterro. Hermann Blumenau precisou convencer o presidente Coutinho em ter um alemão entre seus professores e, posteriormente, convencer Fritz Muller aceitar o convite e deixar a Colônia Blumenau, resolvendo-se, assim, um problema para o administrador, mas que nas palavras de Ferreira da Silva, de fato, ‘lamentava que Fritz, tão ativo, tão instruído e tão sábio, se tivesse sepultado na mata, como simples lavrador’<sup>138</sup>. Ou seja, Ferreira busca atenuar o conflito entre os dois homens escolhidos como símbolos da colônia, ressaltando uma atitude generosa por parte de Hermann Blumenau.

Observa-se que Ferreira da Silva é perseverante em tentar moldar o naturalista Fritz Muller como mito, visto que suas crenças políticas e ateístas conflitavam com o ideal de herói colonizador perpetuado pelo autor e pelo nacionalismo brasileiro que reveste estes imigrantes, fato que estava longe do pensamento de Muller, visto que compreendia que

O sul do país – Rio Grande, Santa Catarina e Paraná – poderia tornar-se território preponderantemente alemão, se o governo da Alemanha, em vez de promover a emigração para aqui, não lhe opusesse obstáculos de toda espécie. Infelizmente não é assunto que se possa discutir na imprensa. Decerto não podemos dizer com franqueza que perspectiva teria uma

---

<sup>137</sup> Tradução: ‘Mais vale andar-se descalço e honrado/ que desonesto e de botinas.’ In Revista Blumenau em Cadernos, Tomo IV - nº 4 – Abril 1961, p 195.

<sup>138</sup> SILVA, J. Ferreira da. *Entre a enxada e o microscópio: o colono Fritz Müller*. [25] p. Conferência pronunciada na reunião da Academia Catarinense de Letras, realizada em Blumenau, a 17 de maio de 1971, no salão de atos da Biblioteca Pública Municipal ‘Dr. Fritz Müller’.

numerosa emigração alemã de tornar-se o poder dominante no sul do Brasil e suplantando um dia, de todo, o elemento latino decadente.<sup>139</sup>

A defesa do pangermanismo por parte de Fritz Muller é ignorada nos escritos de Ferreira da Silva, e assim o naturalista figura como um imigrante que assumiu a pátria brasileira inteiramente como seu lar e trabalhou para o engrandecimento desta.<sup>140</sup> Na escrita da Ferreira da Silva, Fritz Muller é destacado por suas observações enviadas a Charles Darwin, tornando-se ao seu lado um símbolo da ciência e da teoria evolucionista.

Enquanto vereador em 1936, Ferreira da Silva idealizou uma estátua em homenagem ao naturalista (Figura 9), na qual observamos um sábio cientista muito diferente daquele que vimos em sua fotografia. Na estátua, Muller está vestido à moda européia e devidamente calçado. O monumento transparece o ideal de sábio exaltado por Ferreira da Silva, e por vezes trabalhado em seus escritos. Através da estátua, Fritz Muller está 'eternizado no bronze, e hoje é uma glória mundial, cuja memória a ciência cultua como a do 'Príncipe dos Observadores da natureza do Brasil' como o chamou o sábio Darwin.'<sup>141</sup> Compreendendo que ao criar este monumento e praça com o nome do naturalista, assim como o Museu e a Biblioteca Municipal, estabeleceria lugares de memória que o referenciam, porém o monumento em sua aura imagética nos expõe um sábio cientista que pode ser citado como exemplo para a sociedade e não o naturalista Fritz Muller, em pés descalços, observador da natureza, ateu e polemista em relação a uma possível democracia. Ao criar este monumento e a praça com o nome do naturalista, assim como o Museu e a Biblioteca Municipal, estabeleceu-se lugares de memória que o referenciam. Porém, o monumento, em sua aura imagética, nos expõe um sábio cientista que pode ser citado como exemplo para a sociedade - e não o naturalista Fritz Muller, com pés descalços, observador da natureza, ateu e polemista em relação a uma possível democracia.

---

<sup>139</sup> Carta de Fritz Muller ao irmão Hermann Muller em 26 de julho de 1871. In CASTRO, Moacir Werneck. *O Sábio e a Floresta: a extraordinária aventura do alemão Fritz Muller no trópico brasileiro*. RJ: Rocco, 1992. p. 75

<sup>140</sup> SILVA, 1971. Op. Cit.

<sup>141</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo I - nº 5 – março 1958, p. 145



**Figura 9 – Monumento à Fritz Muller**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo I - nº 5 – março 1958, p. 145

Complementando o discurso civilizatório, temos as fotografias dos Xokleng, que por sua vez são imagens de estúdio, em que os elementos de cenário são perceptíveis. Temos a representação de um 'selvagem' em um cenário domesticado que, ao invés de representar o perigo, mostra a força do homem branco em seu empreendimento civilizador, ou seja, o exótico pode ser admirado em segurança, entre as paredes do estúdio fotográfico.

Nos textos referentes ao indígena na região de Blumenau, Ferreira da Silva escreve um ou dois parágrafos introdutórios, em que 'defendia' os indígenas, exaltando sua cultura para a formação da nação brasileira, e em

seguida reproduz textos de Eugen Fouquet, publicados no jornal *Der Urwaldsbote*, que defendia o extermínio indígena, em nome do progresso. O mesmo ocorre em relação à obra de José Deeke, fonte de pesquisa para Ferreira da Silva, e publicada na *Revista Blumenau em Cadernos* como referência a questão indígena na colônia. Em relação aos textos destes autores, não se realiza nenhuma crítica, e por vezes, é difícil perceber o fim do texto de Ferreira da Silva e o início dos demais autores.



**Figura 10 – Xokleng – 1914**

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Nas efemérides do *Calendário Blumenauense* de 1934, posteriormente reproduzidas na *Revista Blumenau em Cadernos*, a cada mês encontramos citações como: '2 de março de 1887 – Assalto dos bugres em Tatutiva', '13 de março de 1870 – Os bugres atacam, no Alto do Rio Texto, a casa do colono Frederico Brumlow, matando-o e a mulher e levando consigo um filhinho de nome Augusto.'<sup>142</sup> As notas introdutórias procuravam isentar o autor, porém

---

<sup>142</sup> SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense*. Blumenau, 1934. p. 09.

observa-se que seu discurso é favorável ao imigrante que trouxe a civilização e o progresso para a região.

O índio interessa enquanto curiosidade exótica (Figuras 10 e 11), fotografados como prova de sua vivência selvagem e do perigo que representam, por estarem sempre com suas armas.



**Figura 11 - Xokleng – Estúdio – 1914**  
**Dois belos representantes dos botocudos do vale do Itajaí, na época da pacificação**  
Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo X - nº 2 – Fev. 1969, p. 37

Os textos publicados na *Revista Blumenau em Cadernos*, sob a edição de Ferreira da Silva, ressaltam que para os imigrantes o “constante perigo representado pela sempre iminente ameaça de assaltos pelos indígenas foi um dos maiores entraves enfrentados pela colonização.”<sup>143</sup>

Em 1836, o governo provincial criara a Companhia de Pedestres, uma tropa que visava assegurar a vida dos colonizadores dos ataques dos índios às

---

<sup>143</sup> DEEKE, José. *O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995. p 213

suas propriedades. Os componentes das tropas logo foram chamados de bugreiros, entre eles Martinho Marcelino de Jesus ou Martinho Bugreiro, contratado para afugentar os indígenas na região de Blumenau. Sobre a Companhia de Pedestres, Ferreira da Silva escreve em legenda: “Aí está, em todo garbo e disciplina, um batalhão de ‘batedores do mato’, os célebres “batalhões de vigilância, encarregados de afugentarem os índios das proximidades dos estabelecimentos dos imigrantes.”<sup>144</sup> (Figura 12) O elogio de Ferreira da Silva à Companhia de Pedestres volta a expressar sua simpatia aos textos de Fouquet e Deeke, referentes à causa indígena. Contudo, é preciso frisar que nem todos os imigrantes eram favoráveis ao genocídio indígena, conforme citado por Deeke: “É claro que não faltava propaganda contrária. Martinho era taxado, nos artigos de jornais, de genocida e, faziam descrições horripilantes de suas batidas. Só em Brusque teria provocado uma hecatombe, trucidando mais de 80 bugres.”<sup>145</sup> A compreensão de muitos, portanto, passava pela pacificação e aculturação indígena, contrários às ações dos bugreiros.



**Figura 12 - Martinho Bugreiro e suas vítimas**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo II - nº 4 – Abril 1959, p. 63<sup>146</sup>

A partir de 1906, houve um longo debate sobre o genocídio indígena, e assim a Liga Patriótica para a Catechese dos Selvícolas opõe-se ao jornal *Der Urwaldsbote*, editado em Blumenau, e que trazia reportagens contra os indígenas.<sup>147</sup> A Liga Patriótica foi contra o genocídio, e incentivou o trabalho de pacificação dos indígenas. O indígena, pensado como desafio e ameaça aos

<sup>144</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo II – nº 4 – abril de 1959, p. 63 (grifo do autor).

<sup>145</sup> DEEKE, 1995. Op. Cit. p 232

<sup>146</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIII- nº 5/6– Maio/Junho 2002, p 65

<sup>147</sup> SANTOS, Silvio Coelho. *Os Índios Xokleng: memória visual*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997. p 30

colonos, deveria ser civilizado, destituído de sua cultura. Assim, na seqüência de imagens dos Xokleng, ao final, mostram eles vestidos uniformemente em trajes da cultura européia, junto a Eduardo Hoerhann, responsável pelo empreendimento 'pacificador' junto aos indígenas. Estas fotografias representam a possibilidade dos indígenas se tornarem civilizados, ou seja, uma propaganda das idéias da Liga Patriótica, representando uma vitória do ideal civilizador.



**Figura 13 - Eduardo Hoerhann e índios pacificados**

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Esses retratos são representações da cidade, visto que entre os retratados temos os seus fundadores, ou seja, a cidade entrelaçada com a imagem deles. Assim, estas fotografias tratam da memória da cidade, uma

lembrança constante daqueles que iniciaram Blumenau e dos perigos por eles enfrentados. Relembrando Barthes:

A fotografia não fala daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi. Essa sutileza é decisiva. Diante de uma foto, a consciência não toma necessariamente a via nostálgica da lembrança... a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa.<sup>148</sup>

Ao nos ensinar um novo código visual, a fotografia transforma e amplia nossas noções sobre o que vale a pena olhar e o que efetivamente podemos observar, constituindo-se num saber contemporâneo sobre a ética do ver. A memória parece ser de âmbito individual, em que cada indivíduo tem suas próprias lembranças e as formas de gravar um momento que despertou interesse. Porém, a memória também deve ser vista como “um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.<sup>149</sup> Sobre a dinâmica da memória, percebe-se que estamos constantemente reavaliando nossas lembranças, procurando indícios nas mesmas, algum detalhe, ou o simples prazer de revê-las, para que não se apague de nosso arquivo memorial. Ao revermos tais lembranças, muitas vezes as readaptamos ao presente ou as reinterpretamos conforme nossa experiência atual.

A fotografia é entendida como um testemunho do passado, todavia esta “não rememora o passado. O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido, mas o de atestar que o que vejo de fato existiu.”<sup>150</sup>

A imagem imóvel da fotografia – fragmento retido do tempo – provoca outro tipo de envolvimento. Ela nos ilude com a sensação de poder interromper o fluxo do tempo, possibilita o prazer voyeurístico de devassar o passado numa imagem parada, disponível e eterna. Ela nos ilude com uma verossimilhança capaz de confundir a imagem com a coisa fotografada. É impossível separar a fotografia do tema fotografado, mas ela não é o tema, é apenas o vestígio deixado por ele no momento mágico do clic.<sup>151</sup>

Pollack, por seu lado, pergunta quais são os elementos constitutivos da memória: individual ou coletiva? Em primeiro lugar, responde ele, são os

---

<sup>148</sup> BARTHES. 1984. Op. Cit. p 127

<sup>149</sup> POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Associação de Pesquisa e Documentação Histórica (APDOC). Estudos Históricos 1992/10. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10. p 201

<sup>150</sup> BARTHES. 1984. Op. Cit. p 123

<sup>151</sup> Idem. p 28



acontecimentos vividos pessoal e individualmente. Em segundo, os acontecimentos “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”.<sup>152</sup> Além disto, há também o que o autor chama de “lugares da memória”, onde locais mesmo fora do espaço-tempo de uma pessoa pode constituir-se num lugar importante na memória do grupo. É o que ocorre em grande parte das colônias européias na América do Sul ou na África, onde alguns filhos de descendentes tendem a guardar lembranças da terra natal de seus avós e bisavós sem nunca terem estado em tal país, transformando essas lembranças num sentimento de pertencimento a tal grupo cultural. O que ocorre, portanto, são transferências e projeções, oriundas das lembranças de experiências vividas por seus parentes.

É possível afirmar que a memória é seletiva, onde nem tudo fica gravado ou registrado nas lembranças, reservando-se os acontecimentos que mais nos impressionaram ou que tivemos participação direta. Em parte, a memória também é “herdada”, ou seja, sofre a influência de lembranças e relatos alheios à experiência e ao espaço-tempo da vida do indivíduo. E sofre também as preocupações do momento em que ela é articulada e gravada na mente. Neste ponto, afirmando que tanto a memória individual quanto a coletiva são construções sociais e individuais, tratando-se da memória herdada, pode-se dizer que há “uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”<sup>153</sup>, sentimento este no sentido da imagem de si, para si e para os outros. sentimento este que se tem da imagem de si, para si e para os outros. Ou seja, a imagem que o indivíduo constrói para si e para os outros, de forma que as demais pessoas o percebem da maneira como ele quer ser percebido:

Talvez tenhamos uma resistência invencível para creditar no passado, na História, a não ser sob forma de mito. A fotografia, pela primeira vez, faz cessar essa resistência: o passado, doravante, é tão seguro quanto o presente, o que se vê no papel é tão seguro quanto o que se toca.<sup>154</sup>

Portanto, a fotografia tanto pode oferecer meios de perpetuação dos mitos da sociedade, a partir de suas legendas e o modo como ilustra um texto, como

---

<sup>152</sup> POLLACK, 1992. Op. Cit. p 201

<sup>153</sup> Idem. p 204

<sup>154</sup> BARTHES, 1984. Op. Cit. p 130

também oferecer os meios para contestar os mitos estabelecidos pela sociedade. A fotografia, como prova de uma verdade incontestável, é frágil. Uma mesma fotografia pode ser referência para 'verdades' totalmente distintas.

## Capítulo III

### A Cidade na *Revista Blumenau em Cadernos*

O homem imaginou uma cidade perdida na memória e a repetiu tal como a lembra. O real não é o objeto da representação, mas o espaço em que se dá um mundo fantástico. (...) A cidade se refere, portanto, a réplicas e representações, à leitura e à percepção solitária, à presença do que se perdeu. Sem sombra de dúvida se refere ao modo de tornar visível o invisível e de fixar as imagens nítidas que já não vemos, mas que continuam insistindo como fantasmas e que vivem entre nós.<sup>155</sup>

#### 3.1 A Representação da Cidade

A fotografia tem um papel fundamental na identidade visual da cidade, visto que por meio dela constituiu-se uma memória coletiva. Torna-se uma possibilidade das pessoas fixarem seus espaços de memória. Richard Sennet destaca que por vezes o tempo, a velocidade, faz com que a cidade passe despercebida, banalizada, daí a fotografia constituir-se o momento em que as pessoas vêem sua cidade, e refletem sobre ela.

O espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele. A visão que o motorista ao volante descortina à sua frente é a de um lugar escravizado às regras de locomoção e neutralizado por elas: basta um mínimo de reações pessoais para se dirigir bem e com segurança: sinais padronizados, linhas que demarquem as pistas, bueiros, além de ruas vazias de pedestres. Transformando em um simples corredor, o espaço urbano perde qualquer atrativo para o motorista, que só deseja atravessá-lo.<sup>156</sup>

Pensar este espaço como local de passagem, leva-nos a refletir sobre a importância das fotografias divulgadas sobre uma cidade, em que a representação fotográfica é uma projeção imaginária desta cidade. A fotografia atua no campo da imaginação e da memória social. Portanto, mais do que

---

<sup>155</sup> PIGLIA, Ricardo. *O Último Leitor*. São Paulo: Cia das Letras, 2006. p 12

<sup>156</sup> SENNET, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*; Trad. Marcos Aarão Reis – Rio de Janeiro: Record, 1997. p 18

vivenciar a cidade, as imagens produzidas desta é que irão construir a imagem/conceito do local, como memória social, entre o que se revela e o que oculta da cidade. A fotografia tem sido valorizada como documento, assim como em seu papel de preservação da memória e identidade de uma comunidade, cidade ou país. Mas percebe-se que o modo como elas são utilizadas é, por vezes, meramente ilustrativo, não havendo uma reflexão sobre a imagem. Talvez sejam escolhidas por julgá-las as mais bonitas, o que de certa forma já traz em si significados intrínsecos.

A análise do uso de imagens sobre a cidade de Blumenau é um esforço para entender o critério de sua utilização, e possíveis significados para a memória social. Para entender como seu deu a narrativa visual sobre a cidade, analisamos as fotografias publicadas na *Revista Blumenau em Cadernos*, pensando-as como um conjunto entre texto e imagem, em que a visualização da paisagem urbana se faz por meio de um discurso oficial.

Para este capítulo, as fotografias foram dispostas em ordem cronológica, de modo a perceber como se constitui a representação da cidade ao longo do tempo. Entende-se que o tempo fotográfico recompõe o tempo da memória, alheio ao tempo cronológico.<sup>157</sup>

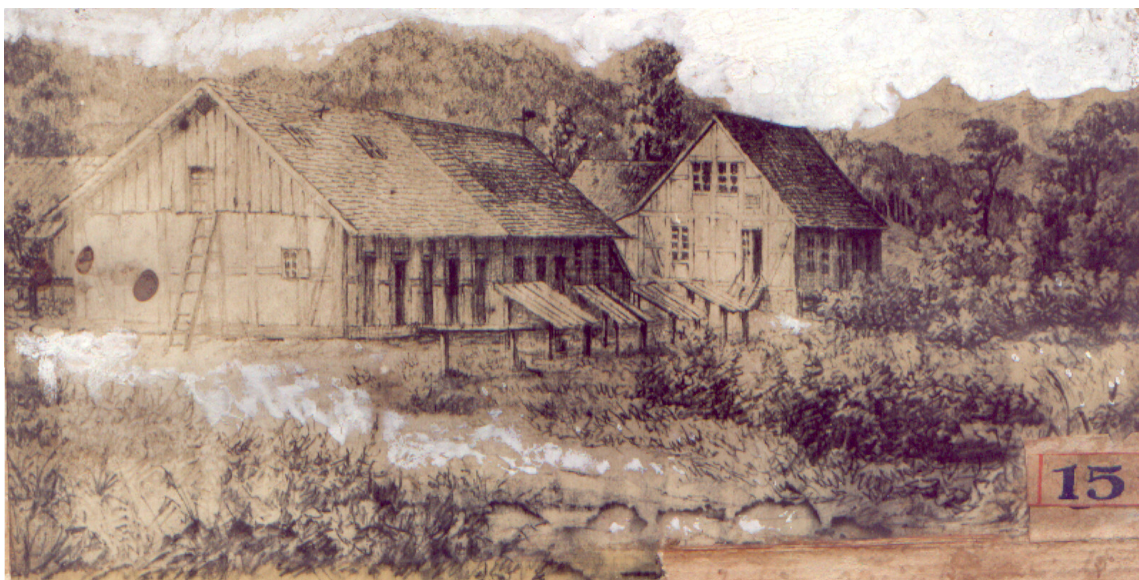
A narrativa visual de Blumenau, composta inicialmente no livro *Centenário de Blumenau*, e repetida por Ferreira da Silva em seus livros e na *Revista Blumenau em Cadernos*, está calcada na idéia de progresso, em que “a noção de passado está firmemente assentada na idéia de um começo germinal do presente: como sua origem, não só porque primeira, mas também porque absolutamente singular”.<sup>158</sup> Assim, o autor busca no passado o sentido do presente da cidade, a sua origem, tanto no sentido espiritual, como já visto na construção de seu mito fundador, como no sentido material, presente nas ruas e casas; e que tornam-se lugares de memória. A fotografia, como objeto de rememoração da origem da cidade, torna-se uma afinidade entre o presente e o passado, ligação fragmentária, selecionada, composta de luz e sombra, memória e esquecimento.

---

<sup>157</sup> KOURY, Mauro Guilherme (org). *Imagem e Memória: imagens em Antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001 p 12

<sup>158</sup> GOMES, 1996. Op. Cit. p 160

As primeiras imagens da Colônia Blumenau, portanto, a origem da cidade, é revelada pelo pintor J. Brueggmann (1864) em desenhos à lápis (Figuras 14 e 15). São poucas as representações da colônia, por isso estes desenhos de Brueggmann e algumas fotografias são referências para Ferreira da Silva.



**Figura 14 - Desenho de J. Brueggmann de 1864**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - nº 01 – Jan 1998, p.11

No artigo ‘Os Primeiros Anos de Blumenau’<sup>159</sup>, de Ferreira da Silva, reproduzido na coluna ‘História & Historiografia’, os desenhos de Brueggmann são utilizados como documento no texto e têm como objetivo servir de prova contrária ao relato do viajante Avé-Lallemant. Os traços do artista, testemunha ocular da história, são usados para configurar uma representação bucólica da colônia. O autor fez extensa legenda para o desenho, buscando na imagem um relato mais próximo aos seus argumentos em relação à colônia, e sua legenda enfatiza o mito de origem da cidade ao destacar o ‘barracão dos imigrantes’:

Por volta de 1864, o pintor J. Brueggmann, muito conhecido pelas suas pinturas feitas na antiga Desterro, desenhou, a lápis, com extraordinária perfeição, esta vista do barracão dos imigrantes a que se faz referências neste artigo. Por ocasião do desenho, já o barracão tinha sido fechado na parte que Lallemant ainda encontrava como simples telheiro, sem as paredes laterais. O barracão serviu, nos primeiros anos, além de acomodação para os imigrantes que chegavam, antes de seguirem para os respectivos lotes coloniais, também de capela e de escola, onde o Professor Ostermann dava

<sup>159</sup> Texto original publicado no Jornal de Santa Catarina de 12 e 13 de Setembro de 1972. *apud* *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX, janeiro de 1998, nº 01.

aulas de primeiras letras e, nos domingos, presidia aos ofícios divinos, lendo Bíblia e fazendo as vezes de pastor.<sup>160</sup>

Ferreira da Silva confronta o relato do viajante Avé-Lallemant sobre Blumenau, que em “livro publicado em 1859 emitiu opiniões pessimistas sobre o futuro da Colônia Blumenau, descrevendo esta como um caminho mal conservado, mas com algumas casinhas bonitas”<sup>161</sup> descrição esta que muito incomodara Dr. Blumenau na ocasião. O confronto ao relato de Lallemant se dá de modo sutil, em que Ferreira da Silva contrapõe o ‘mau agouro’ de Lallemant, ao exaltar e comparar com o presente de Blumenau:

Se, na ocasião da publicação do livro de Lallemant, os colonos de Blumenau, com o seu diretor e fundador à frente, tiveram motivos de sobra para revoltar-se contra os conceitos nele emitidos e as conjecturas de mau agouro feitas pelo médico e viajante ilustre, hoje nós não podemos deixar de concordar com as suas previsões muito pouco favoráveis. De fato, Blumenau, de 1858, poucas perspectivas podia apresentar de **um futuro extraordinariamente magnífico, como lhe coube.**<sup>162</sup>

Na interpretação de Ferreira da Silva, os desenhos escolhidos estão longe de comprovar o relato de Lallemant, e sim exaltam as dificuldades enfrentadas pelos primeiros imigrantes, que “estimulados, pelo exemplo de Blumenau e pela confiança que o mesmo manifestava no futuro do empreendimento, atiraram-se ao trabalho. Ergueram novos ranchos, fizeram derrubadas e plantações e procuraram, por todos os meios, aliviar o fundador, das preocupações de que se via sobrecarregado.”<sup>163</sup> Na escrita de Ferreira da Silva, o relato de Avé-Lallemant é transformado em uma exaltação à coragem dos primeiros imigrantes e, sobretudo, uma glorificação ao fundador.

---

<sup>160</sup> SILVA, José Ferreira. *Os Primeiros anos de Blumenau*. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIX, janeiro de 1998, nº 01. p 11

<sup>161</sup> SILVA, 1998. Op. Cit. p 10

<sup>162</sup> SILVA, 1998. Op. Cit. p 11 (grifo meu)

<sup>163</sup> SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972. p 42





**Figura 15 - Por ocasião da visita Avé-Lallemant a Blumenau, em 1858, a “cidade” era ainda menor do que mostra o desenho, feito depois de 1860. Representa a Rua das Palmeiras, com pouco mais de uma dúzia de casinhas. No primeiro plano, a casa do pastor Oswaldo Hesse era das melhores construções da “Stadplatz”.**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - nº 01 – Jan 1998, p 12

Em outro tomo da *Revista Blumenau em Cadernos*, dedicada exclusivamente à biografia de Dr. Blumenau escrita por Karl Fouquet<sup>164</sup>, o desenho de Brueggmann acima é reproduzido como ilustração ao texto<sup>165</sup>, em que Fouquet destaca as seguintes palavras de Hermann Blumenau:

Minha colônia poderá e deverá tornar-se um refúgio para imigrantes de língua alemã e de origem germânica que, com o suor do seu rosto, procurem o seu ganha-pão e um futuro garantido e sem preocupações para si e seus filhos. **A privilegiada situação natural da colônia promete ali a formação de uma comunidade florescente e próspera.**<sup>166</sup>

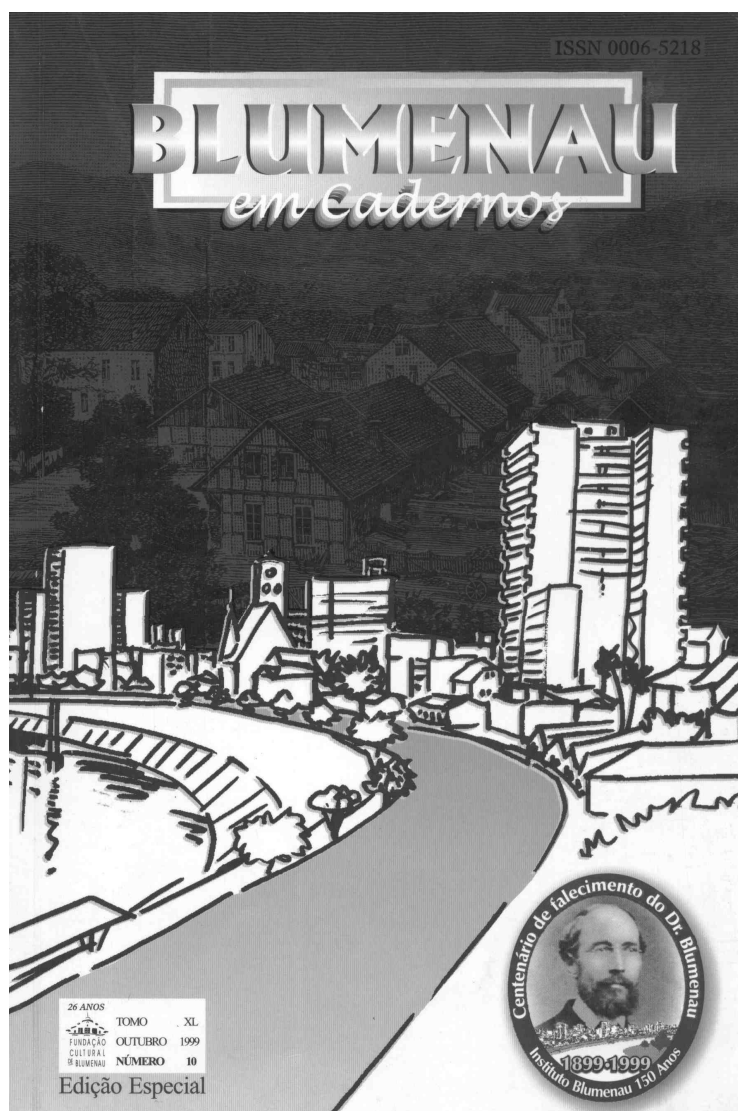
Novamente, a representação da colônia acompanha um texto que exalta sua origem, sobretudo a possibilidade de um grande futuro. Fato este ressaltado ao analisarmos a capa da edição outubro de 1999, em que temos um desenho atual da cidade sobreposto a uma fotografia desta nos anos 20, ou

<sup>164</sup> Karl Fouquet, estudou Letras Anglo-Germânicas e História em Marburgo e Munich, doutorado em Filosofia em Marburgo, em seus escritos ocupou-se principalmente da história da imigração e colonização alemã no Brasil e de pesquisas genealógicas. Centenário de Blumenau. Blumenau: Edição Comissão de Festejos, 1950. p 333

<sup>165</sup> Também reproduzido na *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XL- nº 10 – Outubro 1999, p 55

<sup>166</sup> BLUMENAU, Hermann. *Apud* FOUQUET, Karl. *Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau – Vida e Obra*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XL - nº 10 - outubro de 1999. p 55 (grifo meu)

seja, neste discurso temos a projeção da colônia Blumenau, do trabalho e sacrifício de seus pioneiros, refletidos no presente da cidade.



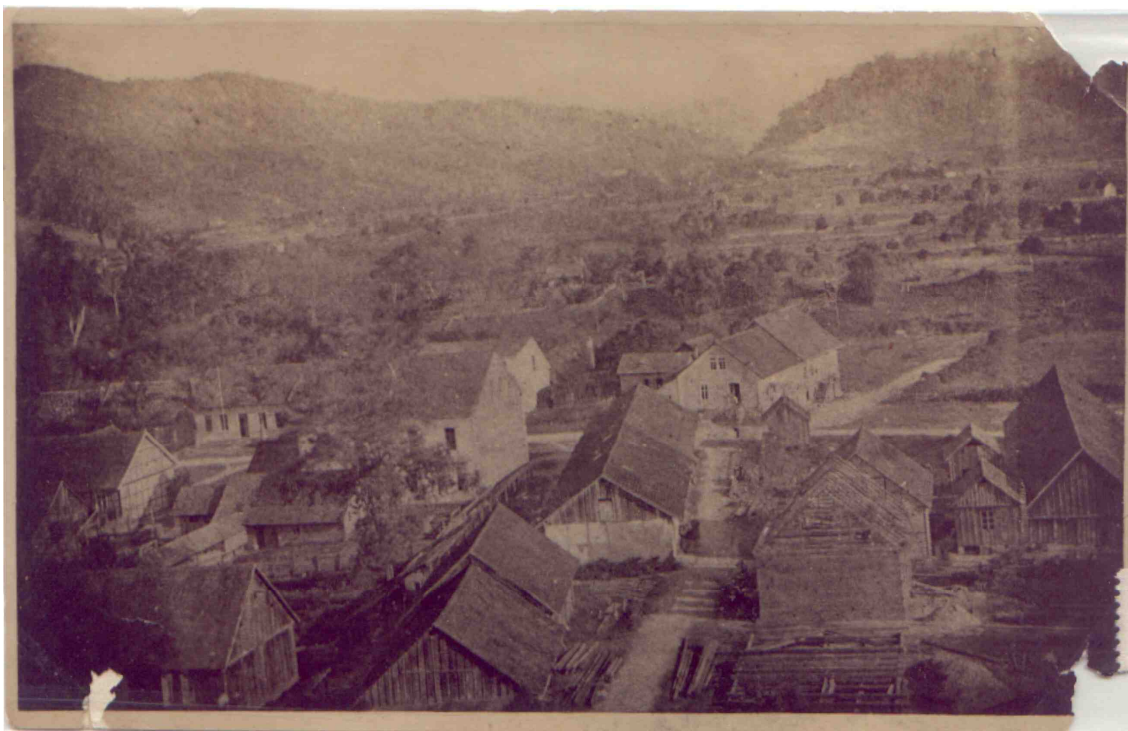
**Figura 16 – Capa Revista Blumenau em Cadernos**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL- nº 10 – outubro de 1999

A primeira fotografia da colônia Blumenau data de 1868 (Figura 17), quase dez anos após a publicação do livro de Avé-Lallemant, porém representa a impressão do viajante sobre a cidade. Também ilustra o texto de Ferreira da Silva, em que discorre sobre as dificuldades financeiras que Hermann Blumenau teve para edificar a colônia, além do fato de seu sócio Hackradt ter usado indevidamente o dinheiro para a construção da colônia, o que refletiu na



construção dos primeiros casebres, apenas uns ranchos mal ajeitados.<sup>167</sup> Mesmo a fotografia feita quase vinte anos após o início da colônia, ela reflete a dificuldade dos primeiros tempos da colonização. Esta fotografia também ilustra texto de Karl Fouquet, *Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau – Vida e Obra*, porém deslocada em relação ao contexto do texto, que discorre sobre sua primeira viagem ao Brasil. O parágrafo sobre a fotografia também ressalta o problema financeiro para o empreendimento da colônia, destacando que Dr. Blumenau dispunha apenas de poucos recursos monetários. Tinha pressa, entretanto, em atacar os problemas que o esperavam na Alemanha.<sup>168</sup> Problemas financeiros oriundos da falta de apoio dos Governos brasileiro e alemão, e assim Hermann Blumenau, “meteu, sozinho, mãos à tarefa ingrátíssima de levar para diante, quase sem recursos pecuniários, o estabelecimento que idealizara, e que lhe daria ainda muitas dores de cabeça, muitos desgostos e aborrecimentos.”<sup>169</sup>



**Figura 17 – Vista da Colônia em 1868, no centro da rua principal o Barracão dos Imigrantes.**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXVIII - nº 11 – Nov/Dez 1997, p 26

<sup>167</sup> SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLI, setembro/outubro de 2000, nº 9/10. Edição Comemorativa dos 150 anos de Fundação de Blumenau. p 39

<sup>168</sup> FOUQUET, 1999. Op. Cit. p 42

<sup>169</sup> SILVA, 2000. Op. Cit. p 39

A 'realidade' da imagem fotográfica da colônia confronta os desenhos bucólicos de J. Brueggmann e os textos de Ferreira da Silva e Karl Fouquet, porém é usada para ressaltar novamente o fundador, que 'sozinho' teve que empreender a colônia. Legendas e textos não permitem uma leitura isenta do discurso fundante, por meio deles essas imagens são transformadas em representações do passado contido no presente da cidade.

Complementando o discurso dos historiadores, esta fotografia<sup>170</sup> (Figura 17), também ilustra o fim do Relatório da Colônia de Blumenau sobre o ano de 1874<sup>171</sup>, na coluna 'Blumenau rumo aos 150 anos de Fundação', em que temos relato de Hermann Blumenau descrevendo o referido ano, onde as dificuldades da colônia são ressaltadas, assim como o excesso de trabalho destinado ao Diretor da Colônia e a sua baixa remuneração.

A rememoração da história por meio da narrativa visual e textual da colônia, por vezes faz emaranhar, nos relatos de origem da cidade, a pessoa de Hermann Blumenau e a colônia Blumenau. Porém, a responsabilidade pelas péssimas condições iniciais da colônia não recai sobre a figura do fundador, mas sobre os Governos, ora ao Governo Brasileiro, ora ao Governo Alemão, que não ajuda seus cidadãos em outro país. De fato, na escrita historicista Hermann Blumenau é a origem 'natural' do progresso da cidade.

O conjunto de imagens da Blumenau Colônia constitui uma representação campestre, isolada. Os retratos daqueles que a construíram, em especial Hermann Blumenau, são as fotografias mais representativas deste período. Ou seja, o papel e o trabalho que cada um desenvolveu para construção da Colônia são mais significativos que a obra em si, visto suas imagens mostrarem a fragilidade das primeiras décadas de Blumenau, contrariando o discurso ufanista.

---

<sup>170</sup> Reproduzida nas seguintes edições *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XL- nº 10 – Outubro 1999, p 42; *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLV - nº 9/10 – set/out de 2004, p 19

<sup>171</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL, maio de 1999, nº 05.

### 3.2 A Representação de Blumenau no início do Século XX: o desejo de cidade

Com a transição do século XIX para o século XX a necessidade da construção de uma representação de cidade moderna se intensifica, um modo de atestar a vitória da civilização sobre a selva que os primeiros colonizadores encontraram. Sobretudo, há o desejo de fazer Blumenau figurar entre as grandes cidades brasileiras, fazendo, assim, com que as imagens da cidade dessem visibilidade à representação do progresso, conferindo-lhe este *status* de modernidade. A fotografia é um dos símbolos desta modernidade, por meio desta é possível divulgar a modernidade, uma representação a partir do real. A fotografia é consumida, raramente analisada. Assim, não é compreendida como uma representação que passa por um processo de criação/construção do fotógrafo, mas como um testemunho incondicional da história, uma verdade exposta.

No início do século XX a fotografia tem um papel de destaque em relação à representação das cidades, pois as novas tecnologias de impressão permitem a ampla divulgação de Cartões Postais, e estes se tornam a grande moda na Europa. Kossoy afirma que o cartão postal é um mundo portátil, fartamente ilustrado, passível de ser colecionado, constituído de uma sucessão infundável de temas que vem finalmente saciar o imaginário popular.<sup>172</sup> Os cartões postais tornam notáveis os prédios, ruas, praças e monumentos, faz da cidade um palco, onde são encenadas as disputas políticas da modernidade.

Analisando o papel dos postais na sociedade e o impacto destes, percebe-se que em um “primeiro momento, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, decreta notável aquilo que fotografa.”<sup>173</sup>, criando uma narrativa sobre a cidade por meio de seus prédios, ruas, praças, que logo constituirão a memória da cidade, pois evidencia o que constitui lugar de memória. Na escolha estabelecida pela elite local, com base em sua história particular, elegem-se as ruas, praças e prédios do centro urbano da cidade, tornando invisíveis outros espaços da cidade, sobretudo o que estes possam

---

<sup>172</sup> KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002. p 63

<sup>173</sup> BARTHES. 1984. Op. Cit. p 57

representar. Os espaços que figuram como locais de memórias da cidade, também fixam os privilégios conquistados pela elite, e são estes lugares “onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, que fixaram o alto valor de certos bens culturais: os centros históricos das grandes cidades.”<sup>174</sup> Os postais educam os sentidos dos moradores da cidade e dos viajantes, indicando para estes o que é importante ser olhado, e para os moradores o que deve ser rememorado.

Blumenau tem duas séries de cartões postais que figuram constantemente na *Revista Blumenau em Cadernos* como ilustração da cidade. A primeira editada por Eugen Currlin, proprietário de uma livraria, tipografia e comércio de importações, no início do século XX. Foi impressa na Alemanha e deve fazer parte da estatística de cartões produzidos naquele país, que no ano de 1899 chegou a 88 milhões de unidades, seguida pela Inglaterra de 14 milhões, Bélgica: 12 milhões e França: 8 milhões.<sup>175</sup> Os postais tiveram na Alemanha seus principais colecionadores, hábito trazido para Blumenau por aqueles que emigraram neste período. Os postais de Currlin não eram apenas *souvenirs* de colecionadores, representavam uma ‘tentativa de enraizamento’ do imigrante, em que revela o ‘trabalho de conquista da paisagem’<sup>176</sup> pelo colonizador. Nesta série de cartões não há menção aos fotógrafos, que neste período eram Alvin Seelinger e Franz Scheidemantel. Estas fotografias foram encomendadas para a edição dos postais, e é possível que tenha sido realizada por um destes fotógrafos de Blumenau, ao invés de um fotógrafo viajante.

Na segunda série de postais, editada por Arthur Koehler<sup>177</sup> na década de 1930, também não há menção ao fotógrafo, mas muitos destes postais fazem parte do livro do *Centenário de Blumenau*, e sobre este em suas memórias Alberto Baumgarten afirma que “muitas das fotos ali inseridas são de execução

---

<sup>174</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. SP: Ed. USP, 2006. p 160

<sup>175</sup> KOSSOY, 2002. Op. Cit. p 64

<sup>176</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In História da Vida Privado no Brasil. SP: Cia das Letras, 1998. p 424.

<sup>177</sup> Emigrou para Blumenau em 1892, onde primeiramente trabalhou como vendedor viajante para os irmãos Hering, seus tios. Depois trabalhou no jornal *Der Urwaldsbote*, que adquiriu posteriormente, juntamente com uma tipografia. *Centenário de Blumenau*, 1950. Op. Cit. P 410.

de meu pai,<sup>178</sup> no caso Hans Baumgarten, filho de Alfred, que assume o ateliê fotográfico do pai em 1943, mas já exercia a profissão desde 1935, quando instalou seu Ateliê na cidade Brusque. Algumas destas fotografias foram coloridas e, segundo Alberto Baumgarten, uma das características mais notáveis de seu pai era a capacidade em colorir fotos de paisagens e de casamentos. Nesta época não havia os recursos existentes dos dias de hoje, as fotos coloridas.<sup>179</sup> Estas memórias podem nos aproximar da autoria das fotografias, porém não identificar seu autor.

Currilin, e principalmente Koehler, muito contribuíram para a construção da imagem da cidade de Blumenau. As coleções de cartões postais delimitam a cidade visível ao centro urbano, ocultando a Blumenau rural e, principalmente, a Blumenau indesejada, 'pobre e suja'<sup>180</sup>, que precisava ser modificada. Estes postais constroem um novo modo de olhar a cidade, apresentam a transição da colônia para a cidade idealizada pelo enquadramento do fotógrafo, que nos mostra o que deve ser valorizado nesta nova cidade que se apresenta. Assim, essa narrativa fragmentária conduz nosso olhar para espaços que dão visibilidade à ordem, progresso, higiene e beleza - espaços estes que ao longo do tempo tornaram-se lugares de memória.

As fotografias dos postais serviram num primeiro momento para a construção da memória, e a permanência delas nas publicações da *Revista Blumenau em Cadernos* continuam entrelaçando os discursos sobre a cidade. Currilin, ao editar a primeira série de postais, apresenta uma cidade em transição, cumprindo as aspirações de progresso de seu fundador, mas sem deixar de expor a tradição étnico-cultural de Blumenau.

O grande palco é o *Stadtplatz*, o marco zero de Blumenau, o centro da Colônia (Figura 18), porém o enquadramento fotográfico privilegia determinado ângulo, cuja perspectiva nos mostra uma avenida arborizada, o que nos evoca os álbuns fotográficos de grandes cidades como São Paulo<sup>181</sup>, Recife, Rio de

---

<sup>178</sup> BAUMGARTEN, Alberto. *Pioneiros da Arte Fotográfica*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLV – nº 07/08 – julho/agosto de 2004. p 93

<sup>179</sup> BAUMGARTEN, 2004. Op. Cit. p 95

<sup>180</sup> BLUMENAU. *Relatório de Governo 1939 - 1940 – Pref. José Ferreira da Silva*

<sup>181</sup> LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

KOSSOY, Boris. *Álbum de Fotografias do Estado de São Paulo 1892: Estudo Crítico*. SP: Kosmos/CBPO, 1984

Janeiro<sup>182</sup>, em que a arborização fazia parte do projeto urbanístico das cidades. Assim, o fotógrafo imita cartões postais de grandes cidades, evocando para Blumenau o discurso de cidade. No entanto, com um olhar mais atento, percebe-se as ruas não calçadas e precárias; o saneamento em valas abertas na rua XV de Novembro (Figura 20), obrigando a construção de pontes com estabilidade duvidosa; a ausência de iluminação pública; prédios com um único piso; mostrando-nos uma cidade longe do modelo civilizatório e higienista. O fotógrafo busca os ângulos que podem aproximar a imagem de um ideal de cidade, porém o centro de Blumenau oferece pequenas e estreitas ruas que lembram seu passado de colônia.



**Figura 18: Avenida Dr. Blumenau – Ruas das Palmeiras (Stadtplatz)**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - nº 11/12 – Nov/Dez 1998, p 59

O *Stadtplatz* e a Rua XV de Novembro simbolizam a origem da colônia, representando materialmente o mito fundador da cidade, pois elas são o passado comum dos cidadãos, possuindo um forte sentido simbólico para a

<sup>182</sup> KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.



história do município e para aqueles que compartilham a crença deste passado comum.<sup>183</sup>

A *Revista Blumenau em Cadernos* nos apresenta a fotografia da rua das Palmeiras junto ao texto do viajante Robert Gernhard, que em seu texto *O Município de Blumenau*, no qual descreve Blumenau, por vezes comparando-a a Joinville, sempre elogiando o município, mas compreendendo-o como um sucesso em razão do caráter empreendedor alemão. Assim, no parágrafo logo acima da fotografia lemos o seguinte texto:

O *Stadtplatz* de Blumenau nem de longe tem a respeitável extensão de Joinville, mas em compensação tem um bom número de localidades bem desenvolvidas. Entre 1850 e 1899 devem ter imigrado cerca de 10000 pessoas de origem alemã e o *Stadtplatz* tem 300 casas, com mais de 1200 habitantes.<sup>184</sup>

Esta fotografia dialoga com o texto de Gernhard, ao dar visibilidade à cultura alemã da cidade e também seu progresso. O texto discorre sobre os produtos exportados por Blumenau, os estabelecimentos comerciais de maior destaque na cidade e seus proprietários - todos de origem alemã.

A série de cartões postais de Currilin mostra-nos uma cidade renovada, em busca de uma sintonia com o discurso do progresso, mas dando continuidade a sua tradição germânica. Apresenta imagens que podem evocar tanto a colônia idealizada, como, em oposição ao rural, a cidade almejada.<sup>185</sup>



**Figura 19: Blumenau início do século XX**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo VIII - nº 4 – Nov. 1966, p. 69

<sup>183</sup> Fotografia também reproduzida na *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXVIII - nº 11 – Nov/Dez 1997, p. 14

<sup>184</sup> GERNHARD, Robert. *O Município de Blumenau*. *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX, Novembro/Dezembro de 1998, nº 11/12. p 59

<sup>185</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - nº 11/12 – Nov/Dez 1998, p 57

Ao utilizar estas fotografias como extensões de seus textos, ou na coluna *Blumenau Antigo* da *Revista Blumenau em Cadernos*, Ferreira da Silva as utiliza como comparativo com o presente e, principalmente para referenciar os moradores e comerciantes daquelas ruas. O comércio retratado nestas fotografias referencia a prosperidade do local, mas ao citar os antigos moradores destas ruas, o autor também nos apresenta a elite local, indicando que estes são os responsáveis pelo progresso conquistado por Blumenau.

Prédios e ruas presentes nestes postais não dão visibilidade à ‘cidade’ almejada, por mais bem trabalhada que tenha sido a perspectiva do postal. As fotografias representam um devir do presente, e na escrita de Ferreira da Silva, encontram seu sentido no progresso do presente. Ao descrever e comparar a fotografia acima (Figura 19) o autor finaliza seu texto “Quem viu esse trecho há uns sessenta nos atrás e o vê hoje...”<sup>186</sup> O passado da fotografia só expressa seu sentido no progresso do presente.



**Figura 20: Rua XV de Novembro Eugen Currlin**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo X - nº 4 – Abril 1969, p. 64

<sup>186</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo VIII - nº 4 – Nov. 1966



### 3.3 Caminhos para o progresso

O mais emblemático destes postais em relação à representação do progresso não são as fotografias do centro urbano, mesmo porque este ainda não tinha a estrutura que se desejava ter. Assim, a prosperidade é mostrada por meio das embarcações e, também, por seus Hospitais e Escolas, símbolos de avanço científico e de conhecimento.

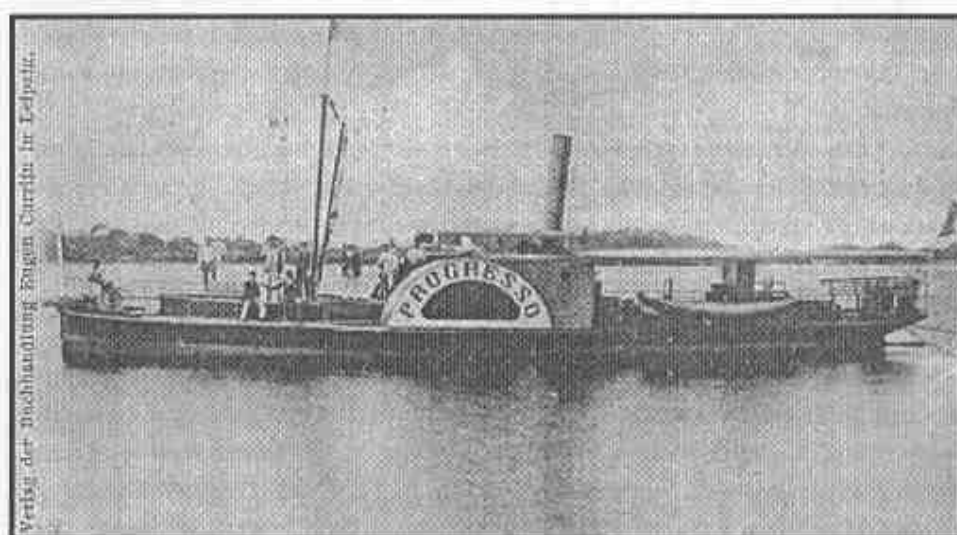
Para alcançar o crescimento econômico, era necessário aos administradores da Colônia abrir mão do seu isolamento. Nos livros de José Deeke e Ferreira da Silva sobre a história de Blumenau, pode parecer que a Colônia desde o seu início procurava se estabelecer como uma grande cidade no sul do Brasil, referência econômica e cultural, compreendida a partir da interação e comércio com outras cidades. Porém, em 1862, Dr. Hermann Blumenau negara o pedido de um imigrante para a constituição de uma Companhia de Navegação que estabeleceria uma linha de vapores entre a Colônia e a Capital<sup>187</sup>, fato que possibilitaria o crescimento econômico da Colônia, e solucionaria os problemas por ela enfrentados. Não há justificativas para a negação do pedido, visto ser algo que por vezes era disposto em seus relatórios como solução para os problemas econômicos da Colônia.

Apenas em 1878, comerciantes de Blumenau fundam a ‘Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau’, possibilitando interligar a colônia às outras cidades. Seu primeiro vapor recebeu o nome de ‘Progresso’ (Figura 21), e segundo Ferreira da Silva, “durante três decênios, serviu galhardamente ao desenvolvimento da Colônia e do Município.”<sup>188</sup> Ou seja, evidencia o desejo de crescimento dos comerciantes locais, visto que o rio era o meio para se estabelecer a expansão desejada, porém era necessário o vapor de rodas, visto que embarcações maiores não ultrapassavam as corredeiras próximas à localidade Belchior (município de Gaspar).

---

<sup>187</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIII – nº 03/04 – março/abril de 2002

<sup>188</sup> *Idem*, p 33



**Figura 21 – Vapor Progresso**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XVII - nº 6 – Junho 1976, p. 249

Currilín, em seus postais do vapor ‘Progresso’ e do porto de Blumenau (Figura 22), busca constituir mais solidamente sua narrativa de progresso sobre a cidade. O postal que retrata o porto de Blumenau tem o dobro de comprimento dos demais, mostrando uma visão panorâmica em que a beleza da fotografia distraía a fragilidade do porto.<sup>189</sup> Os postais são propagandas da cidade, assim como seu discurso da visibilidade aos anseios expansionistas da modernidade, que procura entender o conhecimento e a posse da natureza, a produção, a circulação e o consumo dos bens.<sup>190</sup> Assim, apesar da evidente fragilidade do porto e de seus vapores, estes figuravam como principal símbolo da renovação e crescimento econômico da cidade, mostrando a narrativa de emancipação e modernidade como legítima.

Na *Revista Blumenau em Cadernos* estas fotografias ilustram textos de Ferreira da Silva<sup>191</sup> e do viajante Robert Gernhard<sup>192</sup>, ambos consideravelmente ufanistas de Blumenau.

Robert Gernhard elogia constantemente a localização geográfica de Blumenau, destacando-a como privilegiada, algo refutado por Ferreira da Silva, ao iniciar seu texto explorando o questionamento dos blumenauenses quanto à escolha do local para fundar a Colônia, visto ser de difícil acesso pelo rio e

<sup>189</sup> Fotografia reproduzida na *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV - nº 11/12 – Nov/Dez de 2003, p 94

<sup>190</sup> CANCLINI, 2006. Op. Cit. p 31

<sup>191</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIII – nº 03/04 – março/abril de 2002

<sup>192</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX – nº 11/12 – novembro/dezembro de 1998

estar sujeito a constantes cheias.<sup>193</sup> Em seu relato, do final do século XIX, ou seja, mesmo período em que os postais de Currilim foram feitos, Gernhard afirma que “graças a localização privilegiada da povoação, às margens de um rio navegável, houve o desenvolvimento.”<sup>194</sup>



**Figura 22 – Antigo Porto de Blumenau**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo V - nº 3 – março 1962, p. 44

Seu texto, de fato, está sempre evidenciando que o desenvolvimento da cidade Blumenau estava atrelado a imigração alemã:

Os blumenauenses afirmam que daqui parte uma atividade comercial intensa e uma exportação maior do que a Colônia Dona Francisca. O rio navegável contribui, mas o fator principal está no tipo do imigrante que veio para Blumenau.<sup>195</sup>

Ferreira da Silva, em texto original de 1972, expõe os vapores como glória do progresso e da cidade num interessante jogo de palavras com os nomes dos vapores:

Tanto o “Progresso” quanto o “Blumenau” prestaram assinalados serviços ao desenvolvimento econômico e cultural do Vale do Itajaí. Principalmente o último. Cumprindo maravilhosamente, o destino para que fora talhado, numa época em que o progresso da nossa cidade se acentuava de dia para dia.<sup>196</sup>

Ferreira da Silva, como porta-voz da história de Blumenau por longo tempo, constrói o discurso de ‘cidade a frente de seu tempo’, assim como

<sup>193</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIII – nº 03/04 – março/abril de 2002

<sup>194</sup> GERNHARD, 1998. Op. Cit. p 55

<sup>195</sup> GERNHARD, 1998. Op. Cit. p 55

<sup>196</sup> SILVA, 2002. Op. Cit p 33

transforma Hermann Blumenau e os pioneiros da imigração em heróis da cidade. É bom lembrar que este também é um espectador das fotografias realizadas no final do século XIX, e que viriam a constituir os postais de Currilin. Ferreira da Silva, na construção de seu discurso ufanista, usa essas imagens como continuidade de seu texto, não apenas em caráter ilustrativo, mas também para dar um sentido de 'prova de verdade' para o documento fotográfico. O uso dos postais de Currilin no texto de Ferreira da Silva, de fato, constitui importante emblema na significação da memória da cidade, visto que estamos lidando com três momentos históricos: a produção dos postais, a primeira publicação do texto em 1972, e sua republicação em 2002 na *Revista Blumenau em Cadernos*. Em relação à fotografia, Barthes e Kossoy defendem que a leitura é sempre no tempo presente, ou seja, seu processo de significação se dá no momento de consumo da imagem, assim o significado de leitura fotográfica do porto de Blumenau, e principalmente dos vapores, se dá no tempo presente.



**Figura 23 – Porto de Blumenau**  
**O Vapor 'Blumenau' de gloriosa memória, atracado ao cais do porto**  
Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo IX - nº 4 – Abril. 1968, p. 75

É significativo o apelo de Ferreira da Silva em seu texto de 1972 para o *Jornal de Santa Catarina*:



E, agora, depois de uma vida tão gloriosa, ele ali está, decompondo-se no abandono e na ferrugem, desbotado e desarvorado, com velho decrépito e inútil, jogado às privações e à solidão de um asilo pobre. Morrendo deslembrado e à mingua de cuidados.<sup>197</sup>

O vapor Blumenau<sup>198</sup> tornou-se patrimônio da cidade e é exposto à margem oposta ao porto. A seleção do vapor como patrimônio encena, de fato, a patrimonialização da história de progresso da cidade. Para Canclini, a teatralização do patrimônio é o esforço para simular uma origem, em relação à qual deveríamos atuar hoje.<sup>199</sup>

Em seus textos, Ferreira da Silva, sempre destaca o desenvolvimento da cidade, mas calcado no projeto empreendedor de Hermann Blumenau. Assim, a memória do desenvolvimento, progresso e modernidade da cidade está atrelada à colonização alemã, tornando invisíveis os italianos, portugueses, afro-descendentes, que não estão presentes nos textos, apesar de também participarem do processo de construção da cidade.



**Figura 24 – Embarque e Desembarque**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo V - nº 11/12 – Nov./Dez. 1962, p. 151<sup>200</sup>

<sup>197</sup> SILVA, 2002. Op. Cit p 37

<sup>198</sup> Fotografia também publicada nas edições: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo VII – nº 4 – abril de 1964. p 84; *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIII- nº 3/4– Março/Abril 2002, p 34

<sup>199</sup> CANCLINI, 2006. Op. Cit. p 162

<sup>200</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIII- nº 3/4– Março/Abril 2002, p 34

### 3.4 Os Postais de Arthur Koehler

Se o ideário de Currilín mostra a cidade oscilando com a ruralidade, por vezes entendida como tradição e discurso do progresso; Arthur Koehler, na sua série de cartões postais da década de 30, já exhibe imagens em que a transição para a 'cidade' se apresenta de forma mais concreta. São imagens em que a reinvenção da cidade se apresenta permanentemente. As ruas mostram-se mais largas, calçadas, e é perceptível a existência de passeio público. As fotografias têm como foco central as ruas e não os prédios, pois agora a cidade apresenta um conjunto arquitetônico, diferentemente dos postais de Currilín, em que a centralidade em alguns prédios era necessária para sustentar o discurso de progresso.



**Figura 25 – Rua XV de Novembro**  
**Blumenau do tempo das carroças e dos primeiros automóveis**  
Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo V - nº 11/12 – Nov./Dez. 1962, p. 161

Não é apenas a estrutura arquitetônica que dá novo sentido ao centro urbano. Nestas fotografias, é possível observar a 'movimentação' da cidade, pedestres, carroças e carros em circulação. O mesmo padrão é observado nos

álbuns sobre a cidade de São Paulo<sup>201</sup>, cujas imagens procuram dar visibilidade ao desenvolvimento econômico do local e as pessoas e carros evidenciam o trabalho e a circulação de mercadorias. A importância dada à circulação de mercadorias torna-se mais evidente nos postais relacionados à Estrada de Ferro, em que se observa o trem, a Estrada e também a Ponte de Ferro<sup>202</sup> que cruza o Rio Itajaí, hoje um dos principais 'cartões postais' da cidade.<sup>203</sup>



**Figura 26 – Rua XV de Novembro final da década de 30**  
Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo I - nº 1 – Nov. 1957, p. 12<sup>204</sup>

A fotografia não apenas registra a modernidade, a câmera fotográfica e a própria fotografia são objetos da modernidade. Assim, além de exibir outros objetos da modernidade, a fotografia participa e representa esta. Nos postais de Koehler, é perceptível o papel de construção de imagem exercido pelo fotógrafo; o olhar atento ao *studium* da fotografia nos faz perceber o ponto de

<sup>201</sup> LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

<sup>202</sup> Ponte Aldo Pereira de Andrade

<sup>203</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo VII – nº 4 – nov. de 1966

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLV - nº 5/6 – maio/junho de 2004, 84

<sup>204</sup> Reproduzidas nas edições: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo VI – nº 2 – fevereiro 1963, p 27; *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XL- nº 04 – Abril 1999, p 19

fuga sob o qual a imagem é organizada; a perspectiva acentua a noção de profundidade, assim a representação da cidade é ordenada.

Nestas fotografias o estudo profissional do fotógrafo está presente na preocupação da organização do espaço da cidade exibido nas imagens e, em relação ao conjunto de fotografias analisadas, estas são as mais estruturadas. O que remete novamente a autoria destas fotografias, sendo que Hans Baumgarten fez curso de especialização em fotografia na Alemanha em 1932<sup>205</sup>, estudando assim os manuais de fotografia do período, que além da técnica, também difundiam padrões estéticos<sup>206</sup>. Nestes postais, a renovação urbana de Blumenau é exibida a partir um padrão estético, também observado em fotografias de outras cidades brasileiras.

A narrativa deste conjunto de fotografias mostra a transformação de Blumenau, em que a maquinaria urbana moderna se sobressai à cidade, tornando-a cenário. A partir dos fragmentos-postais emerge a imagem-conceito da cidade, que representa os anseios de identidade de sua população, não em relação a sua etnicidade, explícito nos textos, mas sim enquanto modernos.



**Figura 27 – Rua XV de Novembro**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXIX - nº 06 – Junho 1998, p 28

<sup>205</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLV – nº 07/08 – julho/agosto de 2004

<sup>206</sup> RIBEIRO, Suzana Barreto. *Percursos do Olhar: Campinas no início do século XX*. SP: Annablume; Fapesp, 2006, p 89-91



A circulação ordenada de bens é emblema desta modernidade, portanto não pode ser limitada ao trajeto do rio, tem que ter o poder de aproximar as cidades e vilas mais distantes. Os vapores, aos poucos, cedem lugar às locomotivas com ampliada capacidade de carga, cujos trilhos, em alguns trechos, seguirão o trajeto do rio, porém vão mais além, abrindo caminhos novos onde os vapores não chegaram.

Os apelos para a construção da ferrovia eram justificáveis, a partir de seus anseios de reformulação da cidade. A *Revista Blumenau em Cadernos*, em 2001<sup>207</sup>, quando completava os trinta anos do fechamento da Estrada de Ferro de Santa Catarina, apresenta três notícias extraídas do jornal *O Nacional* entre março e maio de 1918. Nas notícias, a imprensa local relaciona o desenvolvimento da região à construção da ferrovia:

Não será difícil ao Governo Federal autorizar a sua construção, que é de inadiável necessidade e estratégia por se tratar de um porto de certa importância como é o de Itajaí, que serve de escoadouro aos produtos agrícolas e industriais de dois adiantados municípios, como são Blumenau e Brusque, povoados, além disso, e na sua maior parte, por elementos germânicos.<sup>208</sup>



**Figura 28 - Estação de Blumenau**

<sup>207</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLII – nº 03/04 – março/abril de 2001

<sup>208</sup> *O NACIONAL*, abril de 1918 in *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLII – nº 03/04 – março/abril de 2001

É interessante perceber que os municípios de Blumenau e Brusque são descritos como adiantados, assim como a citação de que seu povoamento se dá por imigrantes alemães. O anseio pelo progresso torna-se mais evidente numa matéria de maio de 1918:

Levados os trilhos da Santa Catarina até as terras altas do nosso riquíssimo 'hinterland', o nosso progresso deixará esse passo de boi em que se tem vindo arrastando. Todas as riquezas das regiões do Alto-Itajaí e dos campos deixarão de ser simples possibilidades econômicas, para se tornarem valores efetivos.<sup>209</sup>

Na década de 30, quando Koehler imprime a locomotiva em seus postais<sup>210</sup>, faz também uma propaganda desta cidade adiantada, em relação a tantas outras. A cidade idealizada é construída com imagens reais, porém somente compreendidas a partir de sua representação simbólica. A cidade real, que se fixa em nossa memória, é a cidade fotografada.



**Figura 29 – Chefe da Estação ente os trens de carga EFSC**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLII- nº 3/4– Março/Abril 2001, p 65

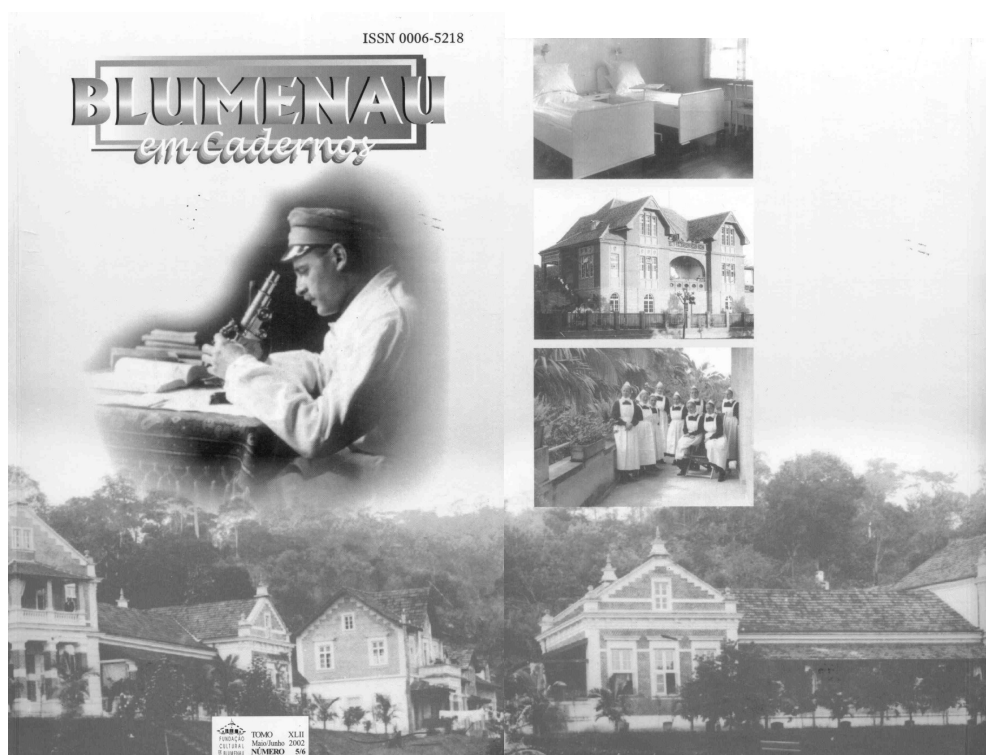
<sup>209</sup> *O NACIONAL*, maio de 1918 in *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLII – nº 03/04 – março/abril de 2001

<sup>210</sup> Reproduzida nas *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXVII – nº 5 – maio 1996, capa; *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XL- nº 04 – Abril 1999, p 20

### 3.5 Os Hospitais: símbolos da modernidade

As fotografias externas fazem parte dos postais de Koehler, nos quais a ordem da cidade também é representada pelo saber médico. No conjunto de imagens e textos dos anos 30, percebe-se o desejo de mostrar uma Blumenau que acompanha o progresso da ciência; ou melhor, uma cidade referência, que em seu discurso textual equipara-se aos grandes centros urbanos.

A capa e contracapa da *Revista Blumenau em Cadernos* que aborda o tema e nos traz estas fotografias é bastante significativa em relação ao discurso do progresso científico. O médico/cientista ao microscópio em si traz um discurso de modernidade, mas esta imagem pairando sobre a cidade é muito mais significativa enquanto discurso.



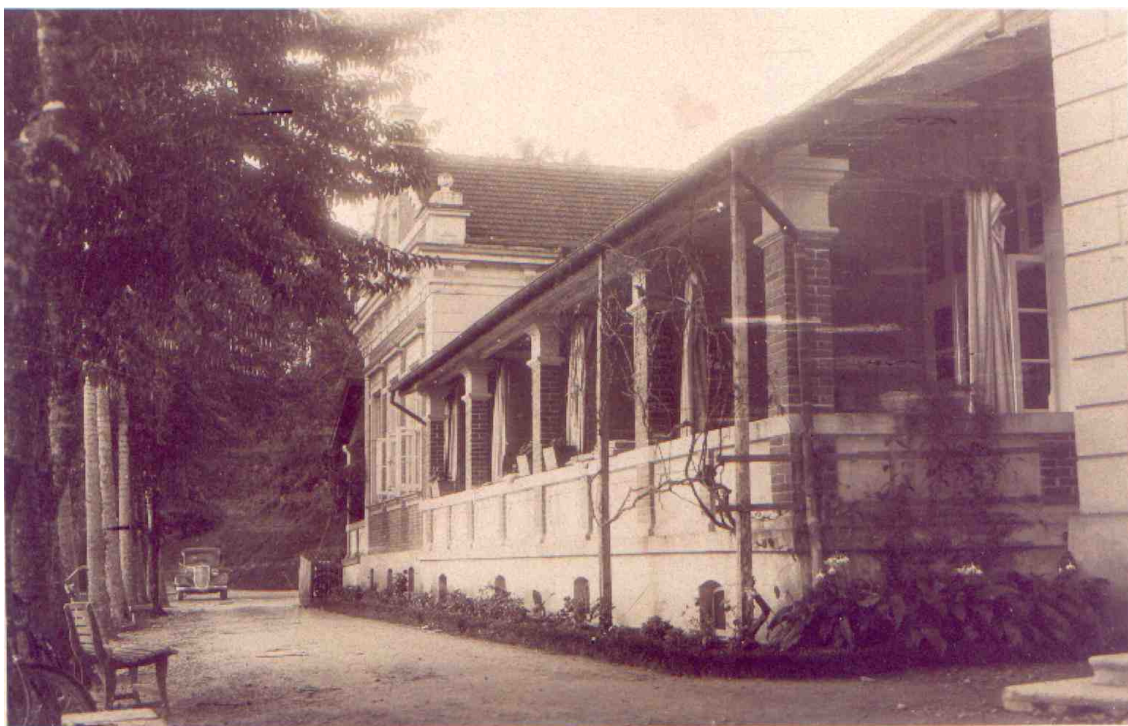
**Figura 30 – Capa da Revista Blumenau em Cadernos**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIII- nº 5/6– Maio/Junho 2002, capa e contracapa

Detendo o olhar sobre o conjunto de fotografias, percebe-se a preocupação em demonstrar a ordem e limpeza, nas fotografias externas e,



principalmente, na fotografia interna e das Irmãs administradoras do Hospital Santa Catarina, que são imagens promocionais destes.



**Figura 31 - Hospital Santa Catarina**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIII- nº 5/6– Maio/Junho 2002, p 16

As fotografias do Hospital Santa Catarina e Santa Isabel ilustram um texto da coluna ‘Documentos Originais’, no qual são transcritos Relatórios da Colônia Blumenau, Relatórios do Município, cartas, memórias, textos dos *Kalenders* e dos *zeitung*, etc. Muitos destes textos são traduções do alemão, e a coluna é bilíngüe. O objetivo é possibilitar ao leitor atual o conhecimento destes documentos do século XIX e início do século XX, visto que muitos já desconhecem a língua alemã, ou não lêem o alemão gótico, constante nestes textos. O texto em questão é de Karl Kleine e foi publicado inicialmente no almanaque *Blumenauer Volkskalender* de 1933, em que o autor descreve a campanha para a construção do Hospital Santa Catarina pela Comunidade Evangélica Luterana, na década de 20. Blumenau já tinha um Hospital Municipal, mas a Comunidade Evangélica procurava um local adequado para a construção do Hospital, assim o terreno ‘estava situado no morro da Igreja,

considerado um dos lugares mais bonitos de Blumenau.<sup>211</sup> A preocupação maior era com a modernidade do Hospital, enfim, demonstrar que Blumenau poderia oferecer um serviço médico compatível com os grandes centros.

Havia espaço para cinquenta camas, distribuídas em agradáveis salas e quartos bem iluminados. A construção era provida de grandes e bonitas varandas, das quais, parcialmente tinha-se uma vista maravilhosa sobre a cidade e redondeza. Uma sala de operação e de Raio-X com os devido acessórios disponíveis. Tudo instalado de acordo com as exigências da época.<sup>212</sup>



**Figura 32 - Interior Hospital Santa Catarina**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIII- nº 5/6– Maio/Junho 2002, p 13

Kleine destaca que o Hospital era administrado pelas Diaconisas e que estas haviam recebido formação no *Mutterhaus*, Instituto de Treinamento para Irmãs, na Fundação Catarina em Wittenberg (Alemanha), cujo objetivo é formar mulheres para atuar no exterior, principalmente nas colônias alemãs.<sup>213</sup> Pelo texto de Kleine percebe-se que a formação alemã e evangélica das administradoras garantem a qualidade e modernidade do atendimento deste Hospital, fato mais perceptível ao citar o Hospital Santa Isabel, que surgiu

<sup>211</sup> KLEINE, Karl. *O Hospital Evangélico de Blumenau: Hospital Santa Catarina*. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLIII, maio/junho de 2002, nº 5 e 6. p 09

<sup>212</sup> KLEINE, 2002. Op. Cit. p 13

<sup>213</sup> KLEINE, 2002. Op. Cit. p 15

quando um médico pediu para as Irmãs alojarem doentes em sua casa, e como os pedidos de acolhimento aumentaram, adequaram o espaço para a formação do hospital. Ou seja, Kleine destaca que este hospital surgiu de um gesto humanitário e não de um planejamento, reforçando a necessidade da construção de um hospital moderno. A fragilidade do hospital é destacada quando Kleine relata que o prédio do Hospital Santa Isabel “acabara de ser concluído, quando o eficiente e humanitário médico faleceu repentinamente. Em consequência deste fato, o número de pacientes reduziu drasticamente no Hospital, e as irmãs foram obrigadas a fechar temporariamente a casa.”<sup>214</sup> Ao final do texto Kleine elogia o Hospital Santa Isabel ao destacar suas novas e modernas instalações, assim como o fato de que ‘o novo médico obteve a fama de hábil cirurgião, e se empenhava ao máximo para ajudar aos doentes, seja na sala de operação, Raios-X ou na sala de curativos’<sup>215</sup>. Blumenau, então, conta com dois Hospitais com equipamentos e espaços adequados para o atendimento da população. Mesmo deixando perceptível em seu texto que considera o Hospital Santa Catarina melhor, Kleine enfatiza muito mais o progresso que ambos significam para a cidade.



**Figura 33 - Um grande Hospital na década de 30**

Fonte: Revista Blumenau em Cadernos. Tomo IX – nº 5 – maio de 1968. p 98<sup>216</sup>

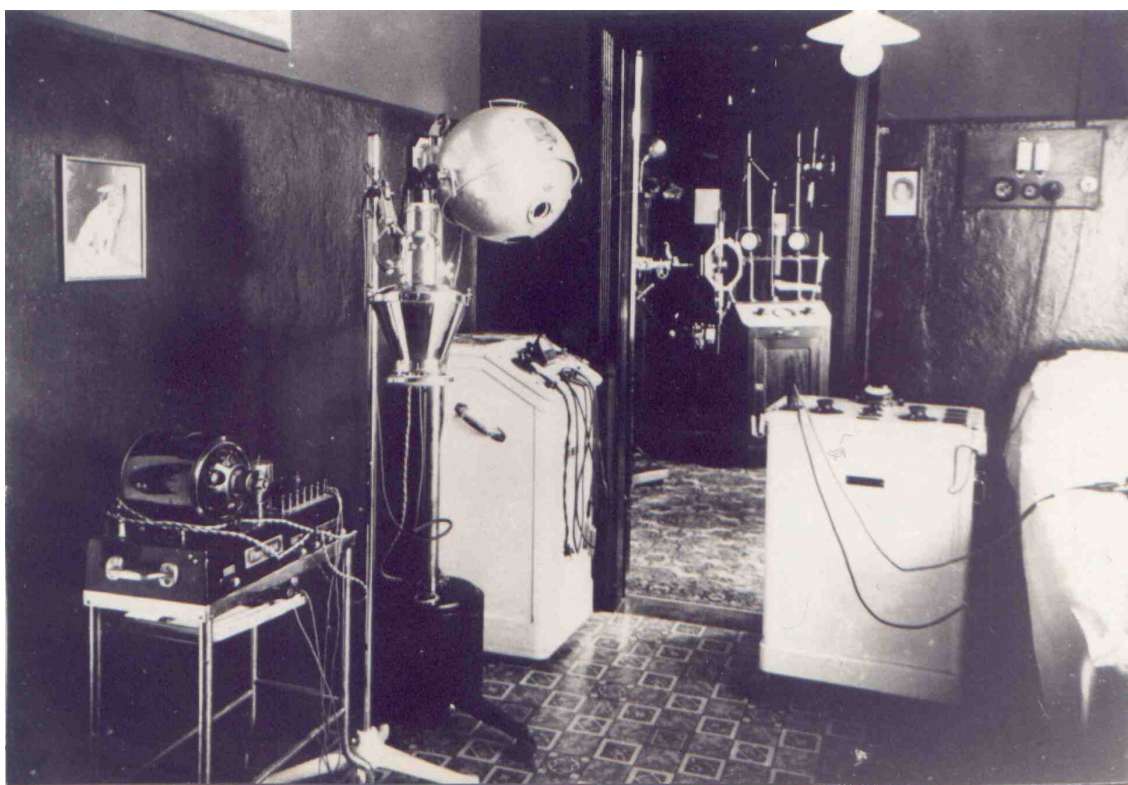
<sup>214</sup> KLEINE, 2002. Op. Cit. p 15

<sup>215</sup> KLEINE, 2002. Op. Cit. p 15

<sup>216</sup> Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLIII- nº 5/6– Maio/Junho 2002, p 17



Em outro artigo de Curt Hoeltgebaum<sup>217</sup>, sobre o Hospital Santa Isabel, destaca que 1916 o novo prédio do Hospital Santa Isabel fora concluído e que “possui uma sala de cirurgia completamente equipada (comparado ao da cidade Santos). Possui equipamento de Raio-X para diagnósticos e terapias superficiais.”<sup>218</sup>



**Figura 34 – Interior do centro cirúrgico do Hospital Santa Isabel – anos 20**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV - nº 09/10 - setembro/outubro de 2003. p 42

Interessante é a discussão que Hoeltgebaum faz a respeito do público atendido ressaltando que “no tratamento dos doentes não há distinção de nacionalidade ou credo. A maioria dos pacientes é constituída de alemães e descendentes.” Destaca que “30% destes pacientes eram brasileiros, italianos, poloneses, russos e montanhese.”<sup>219</sup> Observação também feita por Kleine: “No tratamento, não existe nenhuma distinção quanto à posição social,

---

*Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIV- nº 7/8– Julho/Agosto 2003, p 119\*

<sup>217</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV, setembro/outubro de 2003. nº 09/10.

<sup>218</sup> HOELTGEBAUM, Curt. *Hospital Santa Isabel*. *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV, setembro/outubro de 2003. nº 09/10. p 42

<sup>219</sup> HOELTGEBAUM, 2003. Op. Cit. p 42

nacionalidade ou religião.”<sup>220</sup> Hoeltgebaum, além de frisar a maioria de pacientes alemães, também faz referência à origem alemã do corpo clínico<sup>221</sup> e da congregação religiosa responsável pelo Hospital, vindas de Friedrichsburg em Münster/Westfália.<sup>222</sup>

O moderno e o progresso científico são sempre valorizados nos textos, e Kleine conclui que em 1933 o Hospital Santa Catarina “está aparelhado de acordo com o que exigem os conhecimentos avançados da ciência médica. Visando este objetivo continuamos nosso trabalho sem cessar”<sup>223</sup> Hoeltgebaum também destaca no texto que “as modernas instalações se qualificam de acordo com os padrões europeus – o conforto se equipara aos melhores Institutos do sul do Brasil.”<sup>224</sup>

As fotografias figuram como ilustrações do texto de Karl Kleine e de Curt Hoeltgebaum e reforçam seus discursos, mas é importante percebê-las como parte deste discurso da década de 30, visto serem fotografias deste período.

### 3.6 Esquecimento e Silêncio

As fotografias apresentadas até o momento traçam uma narrativa de memória da cidade de Blumenau, em que a veiculação na *Revista Blumenau em Cadernos*, enquanto memória oficial, dá continuidade a uma representação de modernidade. Assim, num jogo de lembranças e esquecimentos, a memória da cidade vai se moldando sob a objetiva do fotógrafo, que a constrói por fragmentos do seu olhar. A escolha de determinados espaços urbanos, casas, ruas e praças, como representação de um passado da cidade, fez destes lugares de memória e por fim patrimônio histórico. Por vezes, “preservar um lugar histórico é uma tarefa sem outro fim que o de guardar modelos estéticos e simbólicos.”<sup>225</sup>

A afirmação destes lugares de memória por meio do documento fotográfico, não tem a intenção apenas de lembrar; muitas vezes, uma fotografia, tem a intenção de fazer esquecer. “O não fotografado pode perecer

---

<sup>220</sup> KLEINE, 2002. Op. Cit. p 17

<sup>221</sup> Dr. Sappelt – Österreich, Dr. Jungbluth – Köln e Dr. Kapelli - München

<sup>222</sup> HOELTGEBAUM, 2003. Op. Cit. p 41

<sup>223</sup> KLEINE, 2002. Op. Cit. p 15

<sup>224</sup> HOELTGEBAUM, 2003. Op. Cit. p 41

<sup>225</sup> CANCLINI, 2006. Op. Cit. p 161



com a memória daqueles que presenciaram determinado acontecimento, sendo que este pertence essencialmente à linguagem.”<sup>226</sup> Assim, a repetição do espaço organizado da cidade também pretende fazer esquecer os espaços de desordem.

Em 1929, quando iniciou a construção da Ponte de Ferro, alguns trabalhadores da Estrada de Ferro ocuparam as margens do rio próximo a ponte, cerca de 102 barracos foram construídos no local, chamado de Favela Farroupilha. A ausência destas temáticas na *Revista Blumenau em Cadernos*, até o ano 1997, está dentro do discurso higienista sustentado por Ferreira da Silva, que ao citar o local em Relatório de Governo em 1941, o designa como problemático:

Foram, então, construindo, nas imediações da via férrea, com restos de madeira e outros materiais, pequenos ranchos, cobertos de palha a até de papel grosso. Formou-se, na encosta do morro da Boa Vista, uma verdadeira “Favela”, que conta já com número superior de cinquenta mocambos. Esse agrupamento já tem dado que fazer aos encarregados de manter a ordem. E, se não houver, por parte deles e da Administração Municipal, providencias radicais, dentro de futuro próximo teremos, ali, um foco de doenças, de desordem e de imoralidade que dará muitas dores de cabeça às autoridades.<sup>227</sup>

Em 1948, a Câmara de Blumenau, através do vereador Herbert Georg, começa a discutir e estudar o ‘problema’ dos farroupilhas.<sup>228</sup> O objetivo é acabar com a Favela no centro da cidade, fato que urge no ano 1950, quando se comemorou o Centenário da Cidade, evento promovido pela elite local e que impôs mudanças no modo de organização e ocupação do espaço da favela Farroupilha, por estar localizada no centro da cidade.

Assim, em março de 1950 o jornal *A Nação*, transcrito na *Revista Blumenau em Cadernos*, apresenta a seguinte notícia: “o terreno ocupado pela favela foi vendido a um cidadão que quer construir ali uma bonita vila residencial, iniciando ele a ‘limpeza’ do lugar.”<sup>229</sup>

---

<sup>226</sup> DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. SP: Perspectiva, 2003. p23

<sup>227</sup> BLUMENAU. *Relatório de Governo 1940 – Pref. José Ferreira da Silva*. p. 43 (Grifo do Autor)

<sup>228</sup> FAUSTINO, Evemara. *Rua Araranguá: memória e origem*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII – nº 11/12 – novembro/dezembro de 2002 p 49

<sup>229</sup> *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV - nº 01/02 – janeiro/fevereiro de 2003. (grifo do jornal).

Na ausência de iniciativa pública, um cidadão inicia a ação de despejo dos moradores da favela, e como muitos se recusaram a sair do local, o mesmo adquiriu um terreno no Beco Araranguá e ofereceu lotes a estes moradores para deixarem o local próximo à ponte. Porém, o mesmo jornal *A Nação*, informa que “a maioria, entretanto, decidiu continuar no mesmo local, desprezando a oportunidade que lhe foi oferecida.”<sup>230</sup>



**Figura 35 – Moradores da Favela Farroupilha**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIV- nº 1/2– Jan/Fev 2003, p 77

Retirar a população do local já era compreendido por Ferreira da Silva como necessário, pois para ele o problema tinha um sentido moral. Assim, entre seus projetos de governo, criou uma Escola Agrícola, pois compreendia ser necessário afastar as crianças de suas casas para lhes garantir uma educação adequada, que somente o Estado poderia oferecer.

Foi pensando dessa maneira que resolvi consignar no orçamento para 1940 a quantia necessário ao estabelecimento de uma “Escola Agrícola Municipal” destinada a recolher, dando-lhes alimento e instrução, os filhos de pais reconhecidamente pobres e, preferencialmente, as crianças da “Farroupilha”.

---

<sup>230</sup> Transcrito na *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV - nº 01/02 – janeiro/fevereiro de 2003.

Educadas num ambiente de disciplina, ordem e asseio, de respeito, moralidade e amor ao trabalho, essas crianças não voltarão, depois de terminado o curso, para mocambos, e se a tanto forem obrigadas, estarão em condições de dar a seus pais e irmãos, conselhos e exemplos capazes de transformar, para melhor, o ambiente em que vivem, pondo, quando de maior idade tiverem de constituir famílias, em pratica nos novos lares os preceitos, as normas aprendidas na escola<sup>231</sup>



**Figura 36 – Favela Farroupilha, às margens do Rio Itajaí-Açu, próxima à Ponte da EFSC**

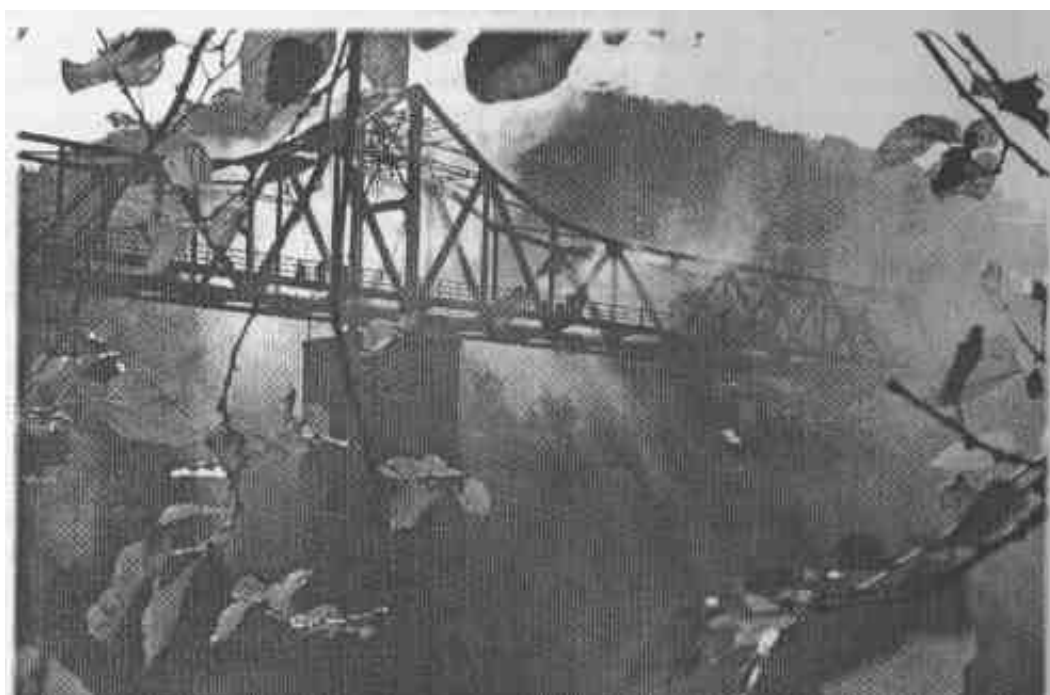
Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIV- nº 1/2– Jan/Fev 2003, p 75

A cidade moderna se constrói também a partir dos ideais de saneamento público, fortemente defendidos no Brasil dos anos 20 aos 40. Enquanto o Rio de Janeiro demoliu seus cortiços para a construção desta nova cidade<sup>232</sup>, imortalizados na literatura com a obra *O Cortiço* de Aluisio de Azevedo, a favela Farroupilha em Blumenau foi legada ao esquecimento e, na memória fotográfica oficial, a cidade se construiu enquanto cidade saneada, fruto da racionalidade e do planejamento, desde a sua origem.

<sup>231</sup> BLUMENAU, 1940. p. 44.

<sup>232</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. SP: Cia das Letras, 1996.

Assim, a favela Farroupilha desaparece da memória da cidade. Seu registro é a memória daqueles que ali moraram, e umas poucas fotografias no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. O que possibilitou a sua presença na *Revista Blumenau em Cadernos*, foi a mudança editorial ocorrida a partir de 1997, quando foi criado um Conselho Editorial para a revista, buscando um novo perfil. As pessoas que passaram a fazer parte do Conselho Editorial “eram vinculadas a Universidades, e desenvolvem pesquisas, e com isso a Revista passa a ser vista pelos pesquisadores como uma fonte de pesquisa com maior seriedade.”<sup>233</sup>



**Figura 37 – Ponte da Estrada de Ferro, a Favela desaparece.**

Fonte: *Revista Blumenau em Cadernos*, Tomo III - nº 6 – Junho. 1960, p. 129

Novos espaços e personagens da cidade passam a figurar nos textos da revista, porém muitos não fizeram parte da seleção dos fotógrafos, por serem temas considerados irrelevantes, assim não há imagens destes. O silêncio dos fotógrafos delinea o espaço da cidade e ressalta a história dos vencedores, relegando ao esquecimento fatos e sujeitos históricos que contradizem o discurso do progresso.

---

<sup>233</sup> PETRY, Sueli. 2005. *Op. Cit.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Revista Blumenau em Cadernos* completou em 2007 cinqüenta anos de publicação. Somente em 1997 foi formado seu primeiro Conselho Editorial, assim durante quarenta anos sua orientação historiográfica se deu por seus editores, em especial José Ferreira da Silva, seu fundador e editor até 1973. Os dois editores posteriores a Ferreira da Silva, poucas mudanças realizaram na linha editorial da revista e, após 1997, ainda temos os seus escritos históricos republicados. Apesar da mudança, através da constituição do Conselho Editorial, seu fundador ainda se faz presente nestes cinqüenta anos da revista, por meio de seus textos reeditados.

Ferreira da Silva, um *outsider* em Blumenau, em seus primeiros anos no município dedica-se a atividade intelectual como jornalista e inicia a escrita da história de Blumenau, em especial neste início de biografia de seus fundadores. Escritos que se destacam pelo historicismo e ufanismo a estes sujeitos históricos, considerados fundadores da colônia. Na década de 30, Ferreira da Silva é eleito vereador pela AIB, e após o golpe do Estado Novo, é nomeado prefeito de Blumenau, após a deposição do prefeito Alberto Stein, também eleito pela AIB. Sua confusa trajetória política é marcada pelo silêncio; para muitos, ao assumir como prefeito do Estado Novo, Ferreira da Silva traiu não apenas a AIB, mas também a comunidade germanófila de Blumenau, que tinha nele uma referência como escritor da história da cidade; as ações de nacionalização impostas em seu governo marcaram suas relações com a sociedade blumenauense.

A obra intelectual de Ferreira da Silva é marcada pelo historicismo, cuja noção de progresso contínuo da humanidade faz do presente uma consequência do passado, sendo o melhor o que está por vir. A cidade tem a

sua origem muito além da colônia, na pessoa de Hermann Blumenau. Na escrita histórica de Ferreira da Silva, o projeto de cidade estava além de sua própria pessoa de Hermann Blumenau. A constituição do mito fundador de Blumenau perpassa toda a obra do autor, primeiramente seus jornais, livros e almanaques e fortalecendo na edição da *Revista Blumenau em Cadernos*, que em sua periodicidade encontrou novo suporte para a repetição do mito.

Neste novo suporte, as fotografias selecionadas nas edições da *Revista Blumenau em Cadernos* vão delimitando e construindo um espaço de referência histórica à cidade de Blumenau, selecionando lugares de memória e sujeitos históricos. A fotografia por sua constituição imagética tem um efeito singular no ato rememoração, na repetição da memória. É necessário, portanto, “considerar a fotografia como parte viva de nossa realidade social. Vivemos a imagem em nosso cotidiano, em várias dimensões, usos e funções. O emprego de imagens como fonte de informação é apenas um dentre tantos.”<sup>234</sup>

O trajeto que a *Revista Blumenau em Cadernos* torna visível em nosso caminho pela cidade é uma réplica, construída e desconstruída por fotógrafos, historiadores e editores e tem a atribuição de um valor de verdade sobre a cidade real, moldada pelo percurso a nós destinado pela obra José Ferreira da Silva, em especial a *Revista Blumenau em Cadernos*.

A narrativa visual estudada nesta dissertação é fortemente marcada pela concepção de progresso, assim os retratos dos primeiros imigrantes formam um conjunto de imagens que simboliza o mito fundante da cidade, em sua repetição encontramos o exemplo destes, formam assim um modelo de coragem e abnegação a ser seguido, de modo a dar continuidade a narrativa do progresso.

As fotografias de casas e ruas em sua perspectiva nos exibem ângulos que denotam um desejo de cidade, que num olhar atento logo se percebe quanto o município está à margem da modernidade almejada. Sendo esta conferida muito mais pela escrita historiográfica de Ferreira da Silva, do que os

---

<sup>234</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol 23, nº 45, 2003. p 29.

textos na época, visto este em sua visão ufanista glorificar os diversos momentos históricos de Blumenau.

Esta leitura de progresso presente na *Revista Blumenau em Cadernos* é marcada não apenas pelas fotografias publicadas, mas também pelos seus silêncios. Em relação à cidade, a Favela Farroupilha não tem espaço, condenada pela intenção higienista do prefeito Ferreira da Silva, a história dos construtores da estrada de ferro, que passam a morar em suas margens, somente será lembrada após a reformulação da concepção da revista.

A ordem, o progresso, o higienismo e o homem civilizado compõe o discurso deste conjunto de fotografias e daqueles que após as utilizaram para ilustrar os textos da *Revista Blumenau em Cadernos*. Discurso composto pelo historiador José Ferreira da Silva e que poucas rupturas teve ao longo dos cinqüentas anos de edição.

A cidade, eternizada pelo olhar do fotógrafo, é representada pelo constante progresso, cuja certeza encontra-se em sua fundação. Assim, as grafias da luz formam representações da cidade, e na *Revista Blumenau em Cadernos*, como um novo suporte de reprodutibilidade, repetem o seu mito fundador.

Enfim, buscou-se mostrar nesta dissertação a cidade que fotógrafos e editores da *Revista Blumenau em Cadernos*, escolheram para mostrar ao público. Uma cidade pensada a partir da lógica do progresso, dos vencedores. Trazer à tona o discurso implícito nesta narrativa visual é uma forma de questionar esta história reproduzida na seqüência de fotografias. É pensar a história a contrapelo<sup>235</sup>, para que possamos vislumbrar outros aspectos dos intricados acontecimentos históricos que, por vezes, a tradição e a história oficial tende a encobrir. As fotografias não nos apresentam o passado como de fato ele foi, mas sim uma reminiscência, muitas vezes conformada na tradição historicista. Assim, pensar uma nova forma de leitura dessas fotografias é uma forma de repensar a história por elas representadas, pensar a história a partir da leitura impressa pelos vencedores, e descobrir a história encoberta daqueles que não tiveram oportunidade de escrevê-la.

---

<sup>235</sup> Apropriação: BENJAMIN, Walter. *Teses sobre a Filosofia da História*. Org. Flávio Kohte. SP: Ática, 1991.



## FONTES

AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Caixa 1.1

AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Caixa 1.2

AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Ativa. Cx. 2.1

AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Correspondência Passiva. Cx. 2.2

AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Recortes.

AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Artigos e Escritos Originais.

AHJFS. Fundo José Ferreira da Silva. Originais.

BAUMGARTEN, Alberto. *Pioneiros da Arte Fotográfica*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLV – nº 07/08 – julho/agosto de 2004.

BINDER, João Capistrano. *Arte Sacra Moderna*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XXXIX – nº 09 – setembro de 1998.

BLUMENAU. *Relatório de Governo 1939* – Pref. José Ferreira da Silva

BLUMENAU. *Relatório de Governo 1940* – Pref. José Ferreira da Silva

BLUMENAU. *Relatório de Governo 1941* – Pref. Dr. Afonso Rabe.

*Centenário de Blumenau*. Blumenau: Edição Comissão de Festejos, 1950.

*Correio de Blumenau*. 21/05/1932. Ano I. nº 1.

*Correio de Blumenau*. 25/05/1932. Ano I. nº2.

*Correio de Blumenau*. 28/05/1932. Ano I. nº3



*Correio de Blumenau*. 06/07/1932. Ano I. nº 14.

FAUSTINO, Evemara. *Rua Araranguá: memória e origem*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII – nº 11/12 – novembro/dezembro de 2002

FOUQUET, Karl. *Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau – Vida e Obra*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XL, outubro de 1999. nº 10.

GERNHARD, Robert. *O Município de Blumenau*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XXXIX, Novembro/Dezembro de 1998, nº 11/12.

HOELTGEBAUM, Curt. *Hospital Santa Isabel*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIV, setembro/outubro de 2003. nº 09/10.

KLEINE, Karl. *O Hospital Evangélico de Blumenau: Hospital Santa Catarina*. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLIII, maio/junho de 2002, nº 5 e 6.

KONDER, Gustavo. *Acadêmico Professor José Ferreira da Silva*. Blumenau em Cadernos, Tomo XV, janeiro/fevereiro de 1974, nº 1 e 2.

*O NACIONAL*. Blumenau, Ano I – nº 11 – 28/04/1918. Apud Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLII – nº 03/04 – março/abril de 2001

*O NACIONAL*. Blumenau, Ano I – nº 20 – 12/05/1918. Apud Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLII – nº 03/04 – março/abril de 2001

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo I - nº 01- Novembro 1957.

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo I - nº 3 – Janeiro 1958

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo I - nº 8 – Jun/Jul.. 1958

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo I - nº 5 – Março 1958

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo II - nº 4 – Abril 1959

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo III - nº 6 – Junho. 1960

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo IV - nº 4 – Abril 1961

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo V - nº 3 – Março 1962

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo V - nº 11/12 – Nov./Dez. 1962

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo VI – nº 2 – Fevereiro 1963,

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo VII – nº 4 – Abril 1964

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo VIII - nº 4 – Nov. 1966

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo IX - nº 4 – Abril. 1968

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo IX – nº 5 – Maio 1968

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo X - nº 2 – Fev. 1969

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo X - nº 4 – Abril 1969

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XV– nº 9 – Setembro de 1974.

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XV – nº 10 – Outubro de 1974

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XV – nº 11 – Novembro de 1974

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XV – nº 12 – Dezembro 1974.

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XVI - nº 2 – Fevereiro 1975.

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XVI - nº 3 – Março 1975.

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XVI - nº 4 – Abril 1975

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XVII - nº 3 – Março 1976.

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XVII - nº 4 - Abril 1976.

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XVII - nº 5 - Maio 1976;

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XVII - nº 6 – Junho 1976

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XVIII - nº 1 – Janeiro 1977.

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XX – nº 01 – Janeiro 1979

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XXXVII – nº 4 – Abril 1996

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XXXVII – nº 5 – Maio 1996

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XXXVIII - nº 11 – Nov/Dez 1997

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XXXVII – nº 10 – Outubro 1996

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XXXIX - nº 01- Janeiro de 1998,.

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XXXIX - nº 04 – Abril 1998, p 18

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XXXIX - nº 06 – Junho 1998, p16

*Revista Blumenau em Cadernos.* Tomo XXXIX - nº 08 – Agosto 1998, p 31

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX - nº 11/12 – Nov/Dez 1998, p 57

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX – nº 11/12 – Nov./Dez. de 1998

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL- nº 02 – Fev 1999

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL- nº 03 – Março 1999, p 19

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL- nº 04 – Abril 1999, p 19

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL - nº 05 - Maio de 1999,

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XL - nº 10 - Outubro de 1999.

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLI, Setembro/Outubro de 2000, nº 9/10. Edição Comemorativa dos 150 anos de Fundação de Blumenau.

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLII – nº 03/04 – Março/Abril de 2001

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIII – nº 03/04 – Março/Abril de 2002

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIII, Maio/Junho de 2002, nº 5 e 6.

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIII – nº 11/12 – Nov./Dez. de 2002

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV - nº 01/02 – Jan./Fev. de 2003.

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV- nº 7/8– Julho/Agosto 2003

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLIV - nº 09/10 – Set./Out. de 2003.

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLV - nº 5/6 – Maio/Junho de 2004

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLV – nº 07/08 – Julho/Agosto de 2004

*Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XLVI – nº 11/12 – Nov./Dez. de 2005

*Revista Panorama*. Ano VIII. Fevereiro de 1958. nº 69. Curitiba – PR

SILVA, José Ferreira. *O Padre Jacobs*. Blumenau: Tip. Carl Wahle, 1928.

SILVA, José Ferreira. *Fritz Muller*. Blumenau, 1931

SILVA, José Ferreira. *O Catolicismo em Blumenau*. Blumenau, 1933

SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense*. Blumenau, 1934

SILVA, José Ferreira. *Calendário Blumenauense*. Blumenau, 1935

SILVA, J. Ferreira da. *Colônias para o Brasil*. Goiânia: Escola Técnica de Goiânia, 1948. 52p, il.

SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. In Centenário de Blumenau. 1850-1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

SILVA, José Ferreira. *Otaviano Ramos*. Blumenau, 1970

SILVA, José Ferreira da. *Entre a enxada e o microscópio: o colono Fritz Müller*. [25] p. Conferência pronunciada na reunião da Academia Catarinense de Letras, realizada em Blumenau, a 17 de maio de 1971, no salão de atos da Biblioteca Pública Municipal 'Dr. Fritz Müller'.

SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado na Assembléia Legislativa do Estado de SC*. Florianópolis, 02 de setembro de 1971. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

SILVA, José Ferreira. *Discurso pronunciado no Encontro Internacional de Cantores em Blumenau*. 11 de agosto de 1973. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

SILVA, José Ferreira. *A Imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977.

SILVA, J. Ferreira da. *O doutor Blumenau*. 2. ed. Blumenau : Fundação Casa Dr. Blumenau, 1978. 107p, il.

SILVA, José Ferreira. *Os Primeiros anos de Blumenau*. Revista Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIX, janeiro de 1998, nº 01.

SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLI, setembro/outubro de 2000, nº 9/10. Edição Comemorativa dos 150 anos de Fundação de Blumenau.

SILVA, José Ferreira. *Como a Glória dos homens, também passa a glória dos vapores*. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII, março/abril de 2002, nº 03/04.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. *Reflexões sobre Iconografia Etnográfica: por uma hermenêutica visual*. In *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências humanas*. Campinas: Papirus, 1998.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. *O Óbvio e o Obtuso: Ensaio sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Teses sobre a Filosofia da História*. Org. Flávio Kohte. SP: Ática, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; SP: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. SP: Ed. USP, 2006.

CASTRO, Moacir Werneck. *O Sábio e a Floresta: a extraordinária aventura do alemão Fritz Muller no trópico brasileiro*. RJ: Rocco, 1992.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. SP: Cia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. SP: Ed. Perseu Abramo, 2000.

CORBIN, Alain. *O Segredo do Indivíduo*. In *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 1991 Pp 423.

DEEKE, José. *O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. SP: Perspectiva, 2003.

FABRIS, Annateresa. *Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2000.

FERREIRA, Cristina. *Cidadania e Identidade na Sociedade Teuto-Brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí*. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História)

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. SP: Ed. Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. 3. ed. Lisboa: Vega, 1997]. 160p. Tradução de: Qu'est-ce qu'un auteur?.

FROTSCHER, Meri. *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929 – 1950)*. UFSC, 2003. (Tese de Doutorado).

GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo – Nazismo – Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Valter Manoel. *Conhecimento histórico e historiografia*. Florianópolis: Papa-Livro, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme (org). *Imagem e Memória: imagens em Antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

KOSSOY, Boris. *Origens e Expansão da Fotografia no Brasil: Século XIX*. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1980.

KOSSOY, Boris. *Álbum de Fotografias do Estado de São Paulo 1892: Estudo Crítico*. SP: Kosmos/CBPO, 1984

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, Boris. *Os Tempos da Fotografia: O efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

LIMA, Solange Ferraz de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP, 1993.

MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas : ULBRA, 1994. 221p.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP. Nº 10, 1993

NOVAES, Sylvia Caiuby. *O Uso da Imagem na Antropologia*. In *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. SP: Ática, 1990.

PETRY, Sueli. FERREIRA, Cristina. *José Ferreira da Silva: Centenário de Nascimento*. Blumenau: Fundação Cultural, 1996,

PETRY, Sueli. *Jornal da Fundação Cultural de Blumenau*. Blumenau: Ed. Cultura em Movimento, 2002.

PIGLIA, Ricardo. *O Último Leitor*. São Paulo: Cia das Letras, 2006

POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social. Associação de Pesquisa e Documentação Histórica (APDOC)*. Estudos Históricos 1992/10. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10.

RIBEIRO, Suzana Barreto. *Percursos do Olhar: Campinas no início do século XX*. SP: Annablume; Fapesp, 2006.

RIEDE, Titus. *Sem Título*. Mimeografado. Anpuh: Belo Horizonte, 1997.

SANTOS, Silvio Coelho. *Os Índios Xokleng: memória visual*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-Postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In *História da Vida Privada no Brasil*. SP: Cia das Letras, 1998.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis – Rio de Janeiro: Record, 1997.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a Fotografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

